BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO ★ BRASIL
ANO XXIX ★ MAIO DE 1954 ★ N.° 327

Boletim da Superintêndencia dos Serviços do Café

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

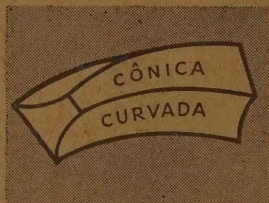
Ano XXIX	MAIO DE 1954	Número 327

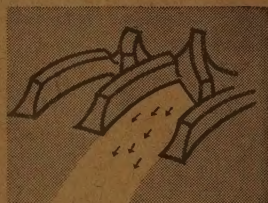
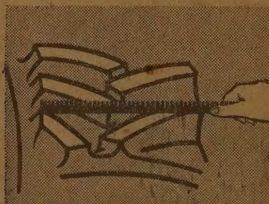
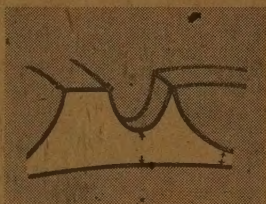
Sumário

Boletim um retrospecto do que foram os Congressos Cafeeiros de Curiti
NOSSA CAPA: Em artigo publicado no número anterior (326), fez êste
ba, magnífica realização que congregou, na Capital paranaense, o mundo cafeeiro.

O clichê ora publicado focaliza expressivo aspecto, quando abria uma das sessões o Embaixador Sebastião Sampaio, Secretário Geral do Certame, ladeado pelo Presidente e Diretor do I.B.C., Srs. João Pacheco e Chaves, e Paula Soares.

Colaboração

Coisas importantes
que todo lavrador precisa saber antes de comprar um pneu para trator!

Barras cônicas e curvadas
Para penetrar com facilidade no sôlo, mais profundamente... e assegurar máxima fôrça de tração

Ombros maiores e mais robustos
Para maior superfície de contato com o solo, para maior agarre... para desgaste mais lento e por igual!

Barras abertas para fora
Para evitar acúmulo de terra e promover a ação automática da auto-limpeza!

Banda de rodagem mais larga e plana
Para maior área de tração nas barras, assegurando ao mesmo tempo tração em tôda a largura da banda de rodagem e maior durabilidade.

Junções super-reforçadas entre os elementos de tração
Para evitar flexão excessiva das barras e eliminar o excessivo castigo das extremidades das barras sôbre a carcaça.

Dupla proteção contra pancadas
Lonas suplementares para absorver também os mais rijos impactos!

Para obter um pneu de trator com tôdas estas características, sem qualquer acréscimo no preço, exija

DO RENDIMENTO DOS SEUS PNEUS DEPENDE TAMBÉM O CUSTO DO TRABALHO!

Haverá nova superprodução cafeeira?

I

JOSÉ TESTA
(Chefe da Estatística e Publicidade da
Superintendência dos Serviços do Café)

Há alguns anos atrás, essa questão era puramente especulativa. Realmente, depois da superprodução de 1927 a 1936, de que nos desfizemos mediante a queima de 78 milhões de sacas de café e a destruição de 500 milhões de cafeeiros, chegou-se a ter a impressão de que fôra conjurado o problema. E alguns anos depois, quando o mundo, já refeito das destruições da guerra, começava a exigir quantidades crescentes do produto, chegou-se até à subprodução. Só se conseguiu, então, assegurar um adequado suprimento, à custa dos nossos estoques, que se encontravam em poder do Departamento Nacional do Café, e que foram novamente "queimados", agora numa outra fogueira: a de uma procura que excedia a oferta em cêrca de 2 milhões de sacas anuais.

Nós mesmos, ao comentarmos certa vez o assunto, chegamos a afirmar que sòmente dentro de alguns anos se poderia novamente pensar em superprodução.

Êsses "alguns anos", todavia, são passados. E, além disso, fatôres novos intervieram, modificando até certo ponto os dados do problema. É evidente que não temos ainda superprodução. A posição estatística continua boa. Mas, até quando? que fatôres novos podem interferir para modificá-la? E a que se deveu fôsse mantida, senão às últimas sêcas e às fortes geadas do ano passado?

* * *

Antes de prosseguirmos, seria interessante examinar até onde vai a esfera da **superprodução** e onde começa a do **subconsumo.** São dois interessantes aspectos da economia política e que se interpenetram, por assim dizer. Em muitos casos não se chega pròpriamente a saber qual dos dois se exerce efetivamente, ou qual dêles se apresenta com mais evidência, dependendo as conclusões, muitas vêzes, do ponto de vista em que se tenha colocado o observador.

Temos tido superprodução mundial de muitos artigos: de algodão, de trigo e de café, entre outros, o que forçou a destruição dêsses gêneros a fim de os retirar do mercado e assegurar a distribuição e os preços. Quem não sabe, todavia, que numerosas populações da imensa Ásia superpovoada eram (e são) subvestidas e subalimentadas, enquanto os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil reduziam por meios drásticos os "excessos" de algodão, de trigo e de café?

De tudo isso se poderia deduzir que o problema é, então, mais de subconsumo que de superprodução. A essas conclusões já havia chegado, entre outros, o grande economista Charles Gide. E, se de alguma cousa valesse a opinião dos comunistas, subprodutores de tudo, menos de armamentos, também se poderia citar-lhes o conceito.

Veremos, mais tarde, o que se pode dizer com êsse propósito, relativamente ao café.

* * *

É bem verdade que não são muitos, atualmente, os países capazes de ampliar suas culturas cafeeiras. Mas, por outro lado, não há dúvida de que no Brasil tal ampliação é não só possível como se está fazendo sob as nossas vistas. E, nos últimos tempos, não sòmente a expensas das terras novas, à custa do pioneirismo e dos desbravamentos, mas também mediante o reaproveitamento das terras "velhas". Em S. Paulo, principalmente, êsse novo aspecto da cafeicultura que, aplicando modernos processos agronômicos, refertiliza essas terras "velhas, vai num crescendo altamente auspicioso.

Parece-nos muito difícil, entretanto, voltar o Estado a produzir as antigas e gigantescas safras da década de 1927 a 36. Produção igual à de 1933, por exemplo, de 20.000.000 de sacas, não nos parece mais atingível. E não se trata de pessimismo, ou de falta de confiança em nossa capacidade de trabalho. A nova técnica, que inclui os mais adequados processos, desde a seleção das melhores variedades até os mais recomendados sistemas de plantio, de adubação e de trato, inclusive pela irrigação artifical, irá produzir resultados cada vez melhores e em mais numerosas propriedades. Todavia, é bem de ver-se que cada fazendeiro que melhora seus processos culturais, o faz à custa de uma explicável e mesmo necessária redução da área cultivada. Realiza-se a substituição da cafeicultura **extensiva** pela **intensiva**. Nosso atual bilhão de cafeeiros, que amanhã será de 800 ou de 500.000 poderá ter, por árvore, uma produção igual ou superior à do passado. Todavia, no passado eram 1.500.000.000 de cafeeiros a produzir, e todos êles règiamente adubados, com o adubo que a mãe natureza havia preparado durante séculos, à sombra das florestas virgens.

Isto quanto a São Paulo. Mas, e o Paraná? E as zonas do sul e centro de Mato Grosso? E Goiás? E o norte do Espírito Santo? Em todos êsses lugares planta-se ferozmente. De um modo empírico, é verdade. A custa da destruição da floresta primitiva, à custa da erosão, que seguirá os cafèzais sem defesa e sem curva de nível... Mas, até que o filão de húmus seja destruído, até que a **mineração** do adubo legado pela natureza tenha acabado, a produção cafeeira do Brasil poderá crescer apreciàvelmente.

Depois... depois será o declínio! Dentro de 20, 30, 50 anos ter-se-á que iniciar, nas atuais zonas "novas", o que agora se vem fazendo em São Paulo: a laboriosa, lenta e dispendiosa refertilização da terra. Até lá pode acontecer, todavia, que as safras mundiais, estimuladas principalmente pelo nosso **rush**, tenham saturado o mercado, criando novamente excessos invendáveis.

* * *

Tudo isso não teria maior importância se êsses excessos não ficassem apenas em mãos brasileiras. E por que deve isso acontecer? Por que tem acontecido no passado?

Sòmente pode haver três razões para que uma mercadoria permaneça nas mãos de um vendedor, enquanto outros conseguem vendê-la: **preços, qualidade,** e **processos comerciais inadequados**. Se isso se aplica a tôdas as mercadorias, não deve ser diferente com o café.

Tem-se alegado que os preços, de **per si, não** constituem obstáculo a vendas satisfatórias, de vez que se tem, às vêzes, registrado exportações consideráveis em períodos de preços altos. Conhecemos êsses fatos. Porém, é evidente que não devem ser tomados como regra geral. O que é certo, para qualquer mercadoria, é que em iguais condições de qualidade, de suprimento e de propaganda, sai melhor a mais barata, feitas as naturais exceções do comprador que prefere o artigo mais caro por julgá-lo melhor.

Tem-se igualmente afirmado que a qualidade não é fator importante com relação às vendas, pois há mercados para todos os tipos de café. Também é verdade. Mas, êsses tipos interiores deverão ser apresentados com um deságio relativo à sua inferior qualidade, o que nem sempre acontece. E cabe ainda notar que a humanidade tende a consumir tipos melhores de todos os alimentos, pois as noções de dietética são cada vez mais divulgadas e mais aceitas.

Quanto à necessidade e às vantagens de processos eficientes de venda, parece que não pode haver duas opiniões: vende melhor quem melhor prepara e apresenta o produto e quem melhor faz sua propaganda. Nesse ponto estamos fracos, evidentemente. A não ser nos Estados Unidos, em nenhum outro lugar se faz qualquer cousa em favor do escoamento de nosso grande artigo de exportação.

* * *

Falar em preços baixos, no Brasil, é "mexer em caixa de maribondos", como se diz vulgarmente. Todo mundo se interessa por preços "bons": o produtor, o revendedor, o comissário, o banqueiro, o transportador, o comerciante em geral. Apenas o consumidor desejaria cotações mais baixas, porém isso é outra história.

Não falemos, pois, em preços "baixos", mas em preços "adequados". Sim, adequados à capacidade aquisitiva do consumidor externo e externo, e adequados também a uma conveniente remuneração dos grandes capitais e do insano trabalho empregados na cafeicultura.

Pode parecer estranho que muitos fazendeiros continuem a falar em prejuízos com a lavoura, aos atuais preços. Mas, é preciso notar que a exploração cafeeira é completamente desigual, no Brasil. Há propriedades cafeeiras onde, mesmo agora, será possível um custeio de Cr.$ 6,00 por pé. Trata-se de pequenos "sítios", onde o proprietário e sua família constituem a única mão-de-obra, e onde não há quaisquer despesas de escrituração, de adubação, de curvas de nível, de melhoramentos técnicos. Em uma palavra: exploração pura e simples do húmus, é, mesmo isso, sem a despesa do braço assalariado.

No outro extremo há propriedades de cêrca de 20 cruzeiros por pé: são fazendas onde não se faz mineração do húmus mas, ao contrário, se restaura o solo; e onde o assalariado, além de remuneração condigna, tem uma assistência social que suporta quaisquer confrontos e é digna de todos os encômios.

Isso quanto à exploração agrícola. Relativamente à produtividade, a escala das variações é também considerável: há fazendas que chegam a produzir 60,100,150,180 e, excepcionalmente até 300 arrôbas por mil pés. Outras há, todavia, cuja média de produção se situa em tôrno das 20, das 15 e até das 10 arrôbas por mil pés. São, neste último caso, 150 gramas por pé. Quer dizer que é preciso tratar de 7 pés de café para obter 1 quilo. Mesmo realizando a própria família do sitiante tôdas as operações agrícolas, e naquela reduzida base de Cr.$ 6,00 por pé, há considerável prejuízo.

* * *

Um preço "adequado", na esfera internacional, deixa entender que embora conveniente e remunerativo, na ordem interna, é capaz de competir fora do país. Por outras palavras: o artigo tem que ser produzido por um preço bom para os brasileiros e que, apesar disso, seja baixo nos mercados externos. Êsse "milagre" não é impossível. Para consegui-lo é preciso que o café tenha condições favoráveis de produção: boa produção por área (para o que são necessárias várias condições); financiamento barato, fácil e a prazos longos; fretes módicos; facilidades de manipulação.

Mui de propósito não falamos em "braço barato", pois não julgamos possível fazer regredir o preço do trabalho: o que é possível é fazê-lo render mais, com o que se conseguiria aquêle objetivo. Igualmente não falamos em "combate à inflação", pois sem êle não seria realizável um financiamento barato e nem fretes módicos. As facilidades de manipulação a que nos referimos entendem-se com a parte burocrática e mesmo a comercial.

Quanto a u'a maior produção por área, reputamo-la a base de tôda esta argumentação. Sem ela nada é possível tentar-se no sentido dos preços "adequados" e, pois, da concorrência. É, todavia, a mais difícil. Falar em aumento da produção por área, dentro de um gabinete, é fácil. Mas, realizá-la na prática tem óbices quase insuperáveis. Cada produtor gostaria de produzir mais e se não o realiza é porque se trata de uma aspiração para êle inatingível.

Entretanto, (convém insistir) a emprêsa, é exeqüível, não obstante árdua. Trata-se de boa vontade, de conhecimentos técnicos e de financiamento, quando necessário, pois nem sempre é dinheiro o que falta, mas sim o desejo sincero de melhorar suas culturas, e o conhecimento do "como fazê-lo".

Dentre as classes ditas conservadoras, é, em todo o mundo, a dos agricultores a mais conservadora. Há, entre êles, convicções arraigadas, como a de repudiar as inovações livrescas, alegando que na terra é que se aprende, e "eu devo fazer como meu avô fazia". Como se o agrônomo, antes de escrever, não tivesse feito centenas e milhares de exaustivas experiências, em tôdas as condições, e com tal dispêndio de tempo e de dinheiro que sòmente as poderiam custear os serviços oficiais! E como se devesse ser feito eternamente o que faziam nossos maiores, mesmo nos pontos em que tudo tenha mudado!

FORMAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE CULTURAS CAFEEIRAS

pelo Engenheiro Agrônomo
WILLIAM WILSON COELHO DE SOUZA

Fazem mais de dois séculos que se cultiva o cafeeiro no Brasil e em torno desta cultura estabeleceram-se práticas, que se vêm seguindo de gerações em gerações, sem que os homens se apercebam dos seus inconvenientes.

Na formação das lavouras novas estabeleceu-se que o cafeeiro só daria em terras de mato virgem, de modo que a cultura do cafeeiro se deslocou numa caminhada longa, tendo percorrido os morros do Estado do Rio de Janeiro, quer na direção da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Leopoldina, como toda a região serrana, que começa em Petrópolis e segue em direção a Cantagalo, Bom Jardim, depois Campos, Itaperuna, Miracema, S. Fidelis.

O mesmo aconteceu aos Estados do Espírito Santo, de Minas Gerais e de S. Paulo; o cafeeiro seguiu acompanhando tôda a parte montanhosa ao longo das vias férreas e no fim de certo tempo desapareceram as lavouras cafeeiras e formaram-se as invernadas.

Conheci todas essas regiões ainda cobertas de cafèzais, verdejantes e produtivos; hoje nos lugares dessas lavouras vêm-se as invernadas longínquas e êrmas, sem gado e sem produção.

O cafeeiro caminhou sempre em busca das terras novas, de mata; hoje que as antigas terras de cafèzais tornaram-se aparentemente improdutivas, os homens deixaram para traz de si êsse deserto, e continuou a caminhada desvastadora, estendendo-se até ao Norte do Paraná, onde a terra roxa é rica e levará mais tempo para esgotar-se.

Conheci nos seus bons tempos, as afamadas lavouras cafeeiras de Botucatú, S. Manoel, Jaú, Cravinhos, Ribeirão Preto como os cafèzais da Noroeste. Todos esses magestosos panoramas, passaram como um sonho.

Nos Estados citados predominou o sistema da lavoura à pleno sol; e como as plantações foram feitas nos morros, os seus formadores seguindo outra praxe errada, sempre as estabeleceram acompanhando a linha de maior declive e nessa direção sempre se fizeram as capinas, encordoando o mato entre as carreiras de cafeeiros e portanto segundo a mesma direção chamada de "morro acima".

Nessas condições operou-se a ação nefasta da erosão, pela qual as águas de chuva carregam do alto das serras para as baixadas e os córregos, a terra da superfície do solo e com ela a matéria orgânica e nesta os sais minerais capazes de alimentar as plantas.

No fim de algum tempo as lavouras cafeeiras começam a apresentar clareiras, maiores ou menores, quasi sempre nas partes mais inclinadas, onde o efeito da erosão é mais forte e as plantas o sentem mais o solo torna-se

duro, vítreo, ácido e começam as árvores a perder, a forma, pela parte superior, ficando na chamada forma de "repolho", até morrer completamente, num período mais ou menos longo, segundo a natureza físico-química do solo; e formam-se então os claros nas lavouras, que em S. Paulo são denominados de "peladas".

Conheci-as em Cravinhos, Ribeirão Preto, em Descalvado, onde o fenômeno das "peladas" nos cafèzais era alarmante.

Das "peladas", os cafèzais vieram a se tornar em varas sêcas, cujas colheitas eram anti-econômicas, até que depois da crise de 1929/30 e a seguir, essas lavouras que constituiram o orgulho dos paulistas e fizeram a sua riqueza, foram cortadas, e nas terras que antes ocuparam, surgiram as invernadas intermináveis de hoje.

A duração de todos os cafèzais, mantidos à pleno sol, foi mais ou menos restrita; é verdade que, conheci em Campinas lavouras cafeeiras de mais de cem anos, segundo a tradição. Conheci também as lavouras de mais de 200 e 300 arrobas por mil pés, das melhores zonas paulistas. Como ainda andei nos magníficos bosques de cafeeiros, de Cravinhos, Ribeirão Preto, Jaú, S. Manoel, Botucatú, tão lindos e tão espessos, que parece incrível terem desaparecidos; pareciam desafiar o tempo pela sua extraordinária pujança.

Vejamos agora como têm atuado os chamados "tratos culturais".

COROAÇÃO — Antes da colheita do café, as lavouras são limpas e pratica-se a operação denominada "Coroação", a qual consiste em limpar o chão debaixo das árvores, fazendo uma bacia com a terra mobilizada, e o fim dessa prática é facilitar a colheita, porque os grãos do café ficam retidos pelas paredes da bacia, não rolam e assim se evitam as perdas que possam ocorrer; como os cafèzais são plantados em morros íngremes, essa prática evita o rolamento dos grãos.

Entretanto, se ela oferece essas vantagens, de outro lado determina graves prejuízos para as árvores e para o solo. Quando os colonos afastam de debaixo das árvores as folhas e tôda a matéria orgânica, que aí se acumula, levando o mato para as leiras que êles formam, entre as árvores e como estão plantadas de "morro acima", verificam-se os inconvenientes seguintes: — 1.o — com a passagem da enxada debaixo das árvores, opera-se o corte das raízes capilares dos cafeeiros, cuja trama espessa, se dirige para êsse local em busca dos sais minerais, que servem para a nutrição da planta e que aí se acumulam; — 2.o — êsse fenômeno produz um traumatismo nas plantas porque sofrem uma amputação violenta de suas raízes e isso se reflete com o tempo, sôbre a sua formação, as árvores perdem as partes terminais de seus ramos e estas se vão tornando em varas sêcas; — 3.a — a disposição do mato em cordões, ao longo das ruas, acompanhando a linha de maior declive do terreno, como sempre fazem os colônos propicía a erosão, porque fazem-se com esta disposição perfeitos diques às enxurradas, facilitando o caminho das águas, que tomam maior velocidade e podem assim mais fàcilmente arrastar a terra, a matéria orgânica, e os sais minerais, alí acumulados.

Como esta operação é praticada todos os anos, os efeitos acima apontados, também se repetem em cada safra. Daí as árvores não poderem resistir aos prejuízos que sofrem.

ESPARRAMAÇÃO DO CISCO — E' a operação contrária a primeira acima descrita. Depois da colheita os colonos com a enxada, desmancham

os cordões formados na linha de maior declive e espalham com a própria enxada, o mato ou o cisco pelo cafèzal. Fazem então nova capina, simultaneamente com a "esparramação do cisco". Quasi que não é preciso acentuar os prejuízos que advem. Nova dilaceração das raízes capilares que se formaram, sofrem as árvores, porque perdido o primeiro reservatório de alimentação que a natureza formou debaixo das árvores que a enxada do colono destruiu quando fez a "coroação", essa mesma natureza sábia compele as árvores a formar nova trama de "cabelame" de raízes e estas se dirigirem num esfôrço mágico, em direção aos leirões e aí fazem suas provisões de alimento para o cafeeiro. Quando as plantas realizam êsse magnífico sistema de defesa, vem a inconciência do homem ignorante, que não tem capacidade para compreender os engenhos de ciência e de arte, que a árvore realiza, e destroe todo o magnífico sistema de apreensão de alimentos que o cafeeiro formou para buscá-lo onde êle se encontra. Na operação o colono destroe as fontes de suprimento de sais, que se formou nos leirões, e acima de tudo, numa atitude vandálica, corta com a enxada, a trama de "cabelame", formada pelas raízes capilares, que o cafeeiro emitiu e dirigiu para os leirões.

Nessa ocasião sofrem as árvores forte e violento traumatismo ocasionando pela dilaceração do seu engenhoso sistema radicular.

CAPINAS — Numa lavoura cafeeira bem tratada, os colonos além das operações descritas, fazem de uma a três capinas. Nessa ocasião a mesma enxada vandálica corta todo o sistema radicular do cafeeiro, que fica ao alcance do seu gume, porque é interessante, o chão de um cafèzal, muito a superfície, fica coberto de raízes que aí vêm em busca do alimento. E o colono ignorante corta-a impiedosamente, inconsciente do mal que produziu ao cafeeiro, que se pretende beneficiar com as capinas. E' certo que afasta a concorrência do mato, das ervas daninhas, pior do que esta, é a dilaceração das raízes capilares do cafeeiro que a enxada determina nas capinas.

ADUBAÇÃO — Completa o quadro de depredações que sofrem os cafeeiros, no sistema até agora adotado, a operação marginada. Os lavradores mais cuidadosos, quando percebem o fenecimento de suas lavouras, fazem um esfôrço para socorrê-las e recorrem a adubação *orgânica* ou *mineral.*

Nessa ocasião sofrem as árvores forte e violento traumatismo ocasionatro dela colocam os adubos, de um ou de outro tipo. Como geralmente praticam a abertura da cova, muito junto das árvores, quando as poderiam fazer entre as ruas, ou no meio das árvores, cortam novamente as raízes do cafeeiros. Nesta ocasião são destruídas principalmente as raízes secundárias.

E' interessante examinarmos o fenômeno; os seus efeitos são semelhantes ao que se poderia praticar, colocando apetitosos manjares junto a um infeliz ao qual lhe cortassemos as mãos. Como iria êste valer-se dos saborosos manjares, sem os órgãos de apreensão? A consideração se aplica aos cafeeiros junto dos quais, colocamos bons adubos; mas, cortando-lhes as raízes secundárias. E' certo que não se cortam todas as raízes; como também, em volta dos tocos das raízes cortadas, as árvores, formam novas raízes secundárias. Enquanto se dá semelhante compensação, ocorrem dois fenômenos: primeiro o traumatismo que sofrem as árvores; segundo, enquanto crescem as novas raízes, os sais solúveis, transmigram do ponto onde são colocados, graças a unidade das águas de chuvas, dos horizontes superficiais para os mais profundos do solo, na chamada "erosão percolativa".

E assim pouco aproveitam os cafeeiros das adubações feitas que não compensam os prejuízos determinados para as plantas.

TRATOS COM OS COLONOS — Apezar de já ter diminuido muito a aplícação desta prática, ainda se usam, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, onde o trato das lavouras cafeeiras é feito sempre na base da "meiação" — entre proprietário e os colonos, o plantio das culturas intercalares, nos cafèzais. E' certo que o milho, o feijão aí obtidos, nenhuma expressão econômica oferecem. Os colonos tiram colheitas ridículas, cujo valor não paga nem as capinas, muito menos as outras operações de limpeza do terreno e de plantio. Acontece que êsses pobres colonos, não computam o valor do seu tempo e trabalho; a eles basta colher algum milho para a sua criação (aves e porcos), ou ridículas quantidades de feijão para o seu próprio sustento e da família. Vivem todos miseràvelmente e assim quaisquer valores por mais ridículos que sejam, para êles têm expressão.

Em São Paulo com o estado deficitário das lavouras cafeeiras, geralmente os proprietários não permitem mais as culturas intercalares nos cafèzais.

CONSEQUÊNCIAS — Todos os fatos apontados determinam graves prejuízos, o primeiro dêles é a perda da forma das árvores, a transformação destas em varas sêcas na forma de repolho; as "peladas" já mencionadas.

Tais fenômenos se refletem primeiro na queda da produção. As lavouras tornam-se dificitárias. No Estado do Rio de Janeiro 15 a 20 arrobas por mil pés; em S. Paulo, 20 a 50 arrobas por mil pés.

Quando conheci as magníficas lavouras cafeeiras de S. Paulo, e que os seus extensos cafèzais, formavam os chamados "Oceanos verdes", intermináveis, o limite de 50 arrobas por mil pés era ridículo e ninguém o admitia; era motivo de chacota semelhante referência. Os belos cafèzais paulistas tinham produção superior a 300 arrobas por mil pés; a média era sempre superior a 100 arrobas por mil pés. Hoje, tais limites são quasi lendários, só se conhecem talvez longìquamente, na alta Sorocabana ou na alta Paulista, em cafèzais novos. Os laureis de alta produção por mil pés cabem agora ao Norte do Paraná.

Em cêrca de 50 anos pude ver a pujança dos cafèzais paulistas e assistir a sua derrocada. Exatamente como aconteceu no Estado do Rio de Janeiro, ao longo da Central e com outros pontos onde houve cafèzais.

E' possível que, um dia venha acontecer no Norte do Paraná, um fenômeno semelhante ao que ocorreu em Ribeirão Preto e em Cravinhos, onde quem contemplasse seus lindos cafèzais, pudesse crer que 20 anos depois, não se encontrasse senão raros vestígios das verdejantes lavouras cafeeiras e que nos lugares onde elas existiram se encontrem hoje as monótonas e tristes invernadas, que pranteiam o passado opulento dessas regiões! Talvez leve mais tempo porque a terra roxa do Paraná é de riqueza afamada.

Mais poderosa do que a riqueza da terra é a ação vandálica do homem destruindo através do tempo, os bens que recebemos de Deus.

Não precisamos gastar palavras, basta seguir a serra do Mar e seus contrafortes; percorrer toda a zona montanhosa do Estado do Rio de Janeiro, de S. Paulo e de Minas Gerais, e nos certificaremos que, a caminhada nômade do cafeeiro, galgando serras e vales, destruindo as matas, através do tempo, se deixou no seu rastro, vestígios de uma civilização que êle formou e entreteve; se formou valores para o homem da sociedade, nas cidades; deixou

na zona rural a desolação, a ruína e a miséria. As próprias estradas de ferro e de rodagem, que o café ajudou a construir, essas mesmas vias deficitárias, como estão principalmente as primeiras, constituem hoje sério problema para a administração do país.

Voltando ás produções ridículas de 15, até o máximo, raro, de 50 arrobas por mil pés, podemos afirmar que elas são a primeira consequência de todo o sistema de cultura que examinamos.

O outro, principalmente verificado no Estado do Rio de Janeiro, onde as terras são mais fracas, é a duração das lavouras cafeeiras, que vai ao limite máximo de 20 anos. Em S. Paulo a média é de 30 anos. Houve lavouras cafeeiras, como dissemos, seculares. Naturalmente que a extraordinária riqueza da terra roxa, garantiu a sua subsistência por mais longo tempo, não obstante os métodos de cultura empregados.

Isso que aí está, é consequência, como acabei de dizer, do sistema de cultura empregado.

Como nem tudo está perdido, a ciência, o engenho e a inteligência do homem, ao serviço da terra, das plantas e dos seus estudos e experiências, inspiram-me um novo sistema através do qual posso renovar as velhas lavouras cafeeiras e formar novas em melhores condições de vida e de duração que as outras existentes.

O plano que apresento e venho aplicando com resultado há mais de seis anos, abrange dois aspectos: a restauração das lavouras velhas e a formação de novas lavouras.

RESTAURAÇÃO DAS LAVOURAS VELHAS — Quando se tem um cafèzal em condições de ser restaurado as operações a serem executadas são as seguintes: 1 — quebra da crosta dura do solo por meio de uma máquina, esta operação só é possível em S. Paulo, onde se podem empregar pequenos arados nas ruas dos cafèzais, não só porque as distâncias são regulares e amplas, há carreadores nas lavouras, como os colonos estão habituados com o trabalho das máquinas; no Estado do Rio de Janeiro, não é possível esta operação e por isso nunca tentei realizá-la; 2 — calagem, geralmente todos os solos de velhos cafèzais são ácidos, é preciso neutralizar a acidez, que neles se formou; recomendo o emprêgo da cal de mariscos ou de sambaquis, ou simplesmente a bôrra das caieiras que satisfaz plenamente o objetivo e é mais econômica. 3 — abertura de covas para o plantio de ingazèiros nas distâncias de 9 a 10 metros entre si; 4 — feita a neutralização da acidez e porque é indispensável reumificar o solo, recomendo o plantio de leguminosas anuais, tais como o feijão de porco ou a Crotalaria Juncea; 5 — é preciso fazer simultaneamente o replantio das falhas dos cafèzais, não é econômico capinar e cuidar do terreno sem árvores; nesta operação abre-se uma cova de 0,60 m x 0,50 m x 0,40 m, faz-se o emprêgo da cal, a razão de 30 a 100 gramas em cada uma; um mês depois, coloca-se o adubo orgânico de bovinos ou de aves e depois trazem-se duas mudas de cafeeiros, que se colocam no fundo da cova, afastando o adubo que deverá ocupar cêrca de 0,10 m da profundidade da cova. 6 — faz-se a substituição de todas as árvores mortas ou improdutivas, pelo mesmo sistema acima explicado; 7 — em todos os casos devem-se empregar boas mudas no terreno, formadas no viveiro da fazenda e provenientes de sementes selecionadas. 8 — a etapa final do sistema é o sombreamento, no qual se empregam plantas de rápido crescimento, que reumificam o solo, pro-

tegem as novas mudas do cafeeiro até que possam viver por si; simultaneamente plantam-se as mudas do ingàzeiro que mais tarde, depois dos 7 anos, se encarregam da proteção das lavouras contra as intempéries, inclusive a geada e a erosão, fazem a reumificação do solo, dispensando as adubações de qualquer natureza, as capinas, dos antigos tratos, restaurando completamente velhas lavouras depredadas.

Não se diga que as velhas lavouras apenas se podem restaurar pela forma acima explicada, que se completa pelo sombreamento. Naturalmente a idéia do sombreamento, que põe por terra todas as antigas práticas usadas há mais de dois séculos, nas lavouras cafeeiras, é a melhor e mais perfeita, resolve a um tempo vários problemas para os fazendeiros, como explicarei adiante.

Como nem todos os fazendeiros aceitam o sombreamento, realizei a restauração dos cafèzais, na zona da Estrada de Ferro Mogiana, com uma adestrada equipe de técnicos, nos Estados de São Paulo e de Minas Gerais, empregando duas operações principais: — Os "Cordões de Contôrno", operação de conservação do solo, para reter a unidade das águas de chuva, a reumificação, pelo plantio das leguminosas anuais.

Desta maneira foram restaurados nos dois Estados mais de um milhão de cafeeiros velhos.

O sombreamento tem inicialmente a dupla vantagem de conservar a unidade, fator para a dissolução dos sais minerais que alimentam as plantas e de reumificar o solo, fazendo voltar ao mesmo, a matéria orgânica que as águas da chuva carregaram e que é a fonte de sais minerais, de que as plantas precisam. Então o ingàzeiro, fornece a umidade e os sais para o cafeeiro.

No Estado do Rio de Janeiro não me foi possível construir os "Cordões de Contôrno", porque as lavouras não têm distâncias regulares, nem carreadores, nem o meio se acha preparado para o emprêgo das enxadas mecânicas, que possibilitam a operação. Fizemos apenas uma demonstração do sistema, na Fazenda de Italva, do Govêrno do Estado, mal conservado pela incompreensão dos homens.

FORMAÇÃO DE LAVOURAS NOVAS — No plano de trabalho que adotei na cultura do cafeeiro, apresentam-se dois aspectos. A formação de lavouras novas em terras velhas e em terras novas. Passemos em revista os dois casos.

E' muito comum em São Paulo, como no Estado do Rio de Janeiro, encontrarem-se lavradores aferrados a idéia de que só se poderá com vantagem plantar o cafèzal em terras de derribada recente, mesmo que o mato de que disponham seja uma capoeira, é preciso que seja mato. Muitas vêzes tem o agrônomo de ceder a tal imposição. Daí, o plantio em terras de derribada.

Neste caso não é possível, mesmo em São Paulo, como aconteceu várias vêzes, de fazer a construção dos "Cordões de Contôrno", a operação torna-se impraticável pela presença de tocos e de troncos.

Aconselhava então a simples marcação das curvas de nível empregando-se o nível de borracha.

Feita esta operação seguia-se a locação das covas do cafeeiro, do ingàzeiro, acompanhando a curva de nível. Usei também o Dorancê para conseguir o sombreamento provisório das plantações.

Mandava abrir as covas do cafeeiro a 3 metros uma da outra, as do Dorancê a seis metros entre si e as do ingàzeiro a 9 ou 10 metros, conforme

a riqueza da terra. No compasso de 9 metros, a quarta cova recebia uma muda de ingàzeiro em vez de café.

O importante no caso desta operação é o tamanho das covas, adotei o tamanho já descrito; 0,60 de profundidade x 0,40 de largura e 0,50 de comprimento; ou estes dois tamanhos iguais. No sistema usual os colonos dão dois cortes no terreno com a enxada ou com os enxadões e debaixo do bolão colocam a muda.

A outra operação complementar indispensável é a calagem, para neutralizar a acidez do ambiente onde vai viver o cafeeiro, que não se dá bem em meio ácido.

No Estado do Rio tive a ocasião de demonstrar que muitas vêzes uma terra de mata virgem é eminentemente ácida. Aqueles que me ouviam não podiam acreditar que uma terra da mata poderia apresentar uma característica desvantajosa para o cafeeiro. Achavam que sendo terra de mato, deveria ser boa para plantar café. Não conheciam a acidez e o seu papel.

Fiz as prospeções no terreno, tirei pessoalmente as amostras, mandei analizá-las e deram, como havia previsto, alto índice de acidez. E a cultura do café alí plantado se deverá ressentir de semelhante teor de acidez.

E' interessante, na vida profissional, nem sempre é possível ao agrônomo aplicar integralmente aquilo que sabe, deverá ser feito.

Os dois cafèzais em aprêço, foram plantados, por questão administrativa, a minha revelia, e sem poder mandar fazer a calagem das covas, como era previsto. Havia de permeio, como Chefe de Setor, um ex-administrador de fazenda de café, em São Paulo, que entendeu que a minha idéia era uma inovação que não tinha razão de ser; êle nunca empregou cal em seus terrenos e entretanto formou cafèzais. Nas duas fazendas do govêrno do Estado tive que enfrentar a ignorância, a teimosia e a má vontade de um Diretor; e não me foi possível nas plantações que empreendi, empregar a cal e a matéria orgânica; mesmo assim os resultados foram em parte satisfatórios.

Depois seguem-se as operações do sombreamento, para os lavradores que o aceitam. A plantação do cafeeiro é feita na mesma ocasião da do ingàzeiro. E como êste custa a crescer, aconselho sempre fazer um sombreamento provisório, que poderá ser obtido com o Guandú, planta encontrada em toda a parte que serve para proteger os cafeeiros, e os ingàzeiros e fornecer grande quantidade de matéria orgânica para o solo, na abundante quantidade de fôlhas que deixa cair. Já indiquei acima as distâncias respectivas da plantação.

A FORMAÇÃO DE CAFEZAIS EM TERRAS VELHAS representa a parte mais revolucionária do meu plano, porque vem destruir o secular conceito de que só é possível formar cafèzal em terras de derribadas.

Entretanto na zona da Mogiana, no Fomento Agrícola que alí empreendí, deixamos formados para mais de 60 mil cafeeiros novos, florescentes, em terras velhas.

No Estado do Rio de Janeiro, consegui fazer várias demonstrações desta tese e se me fôsse dado poder trabalhar pelo café, garanto que em três anos faria todas as meias laranjas de Barra do Piraí, Barra Mansa, Rezende e outras, ficarem cobertas de cafèzais.

Todavia, um trabalho desta natureza para ser levado a bom têrmo precisa de continuidade de ação e de tempo. Os seus resultados práticos não podem aparecer em dias e nem em mêses. São precisos anos consecutivos.

Infelizmente não foi possível ao brasileiro, compreender o papel de um planejamento e saber respeitar a sua execução. Continuamos a viver no regime das improvisações e das tentativas isoladas.

Tudo quanto se tem passado com o café; a sua triste odisséia, que comecei a conhecer com o Convênio de Taubaté, em 1906, representa o melhor testemunho de que não temos sabido construir para nós mesmos uma riqueza, que começa e se escapa de nossas mãos, como a bola em mãos de crianças.

No caso da *plantação em terras velhas*, o sistema de trabalho que adotei é o mesmo: 1.o — faz-se a locação das curvas de nível, ou constroem-se os *cordões de contôrno*, a primeira operação é mais simples e mais barata, a segunda é mais completa, de efeitos melhores e mais duradouros, embora mais cara; 2.o — locam-se as covas de café, dos ingàzeiros e das outras leguminosas. pela maneira já indicada; 3.o — procede-se a calagem das covas; 4.o — pratica-se a adubação orgânica, com o adubo de grandes animais, como das aves; 5.o — finalmente, plantam-se o cafeeiro, os ingàzeiros e as leguminosas perenes, como o guandú, ou as anuais, como o feijão de porco e a crotalária júncea.

Em todos os casos aconselho o plantio das leguminosas, porque o segredo do sistema que adoto, está principalmente no emprêgo das leguminosas, como uma das preciosas fontes de matéria orgânica; já que não é possível ter em uma fazenda possibilidade de adubar, em cada dois anos, toda a lavoura cafeeira. Há a considerar a capacidade de produção de toda a massa de adubos que se deve empregar, a dificuldade de mão de obra para semelhante empreendimento na época própria. Ao passo que as leguminosas, a cada agitação de seus galhos, produzida pelos ventos, deixam cair diàriamente ao chão, muitos quilos de fôlhas, futuras fontes de matéria orgànica e de sais para as plantas.

O plantio do café poderá ser feito diretamente nas covas, ou por meio de mudas; no primeiro caso, como as sementes são caras deve-se economizá-las, pondo no máximo 6 a 8 no fundo da cova para depois ter mudas para cobrir as falhas. O plantio de sementes diretamente, só é aplicável em grandes plantações de 40, 50 e mais mil pés.

Nas plantações menores é preferível plantar as mudas formadas nos viveiros. Nesta parte abandonei a velha prática de viveiros nas matas e dos quais as mudas eram tiradas para cobrir os claros das lavouras. Adotei o sistem de viveiros rústicos nas sedes das fazendas, feitas de madeira roliça ou de bambú; o ripado também rústico, do mesmo material; nêsses ambientes. formavam-se em cada local. 200.000 mudas, ou mais, que eram cedidas aos lavradores; sempre que era possível em cada fazenda, se preparava o viveiro rústico. Adquiria as máquinas "Torrão Paulista", e com elas se fabricavam os vasos do mesmo nome, preparados com uma mistura em partes iguais, de barro e de estrume animal. A sementeira se fazia nos vasos e empregando uma semente em cada um, êstes eram arrumados nos viveiros, como se fossem canteiros; os viveiros — dispondo de água corrente, as mudas eram regadas todos os dias. A fabricação dos vasos com a mistura indicada, permite uma reserva de alimento para as mudas durante cêrca de seis meses.

Por êste processo conseguimos formar lindas e sadias mudas que levadas às covas não falhavam. Usei sempre sementes selecionadas das variedades. Bourbon vermelho, Caturra e Sumatra. O processo descrito dispensa a *repicagem que prejudica o sistema radicular das plantas.*

Usamos também o mesmo sistema de vasos e de plantio para formação de mudas de Dorancê e de ingàzeiros. Ambos eram assim levados para o campo para plantio.

Quanto ao ingàzeiro usamos sementes de três espécies: o "Quatro Quinas", que é o mais comum; o "Ferradura" e o "Rabo de Miço".

O primeiro encontrei no Estado do Rio de Janeiro, à beira do rio, à meia serra, como no alto da serra; o Ferradura sendo o mais raro, é encontrado nas matas, hoje raras, da região serrana, o Rabo de Mico é o mais raro nesta região. O característico importante nos ingàzeiros é que as suas sementes quando se colhem, suas vagens, se acham maduras e o poder germinativo é curto, a média de duração é de três dias. Tem de se fazer a colheita das vagens, despolpar as sementes e plantá-las ràpidamente.

Como num trabalho racional é preciso atender as medidas de Planejamento Agrícola, e uma delas mais importante, é adoção das práticas de conservação do solo, e nestas a mais recomendável é a proteção dos altos dos morros, com o plantio de essências florestais e hoje se preconizam os bosques mistos; aliei às minhas campanhas de restauração e formação de lavouras cafeeiras, à prática do reflorestamento dos morros, adotando o plantio de diversas espécies, adaptáveis à região e formadas pelo mesmo processo.

Desta maneira se protege o solo; os cafèzais, que devem ser plantados a meia-encosta, evita-se a erosão, forma-se mais uma riqueza na região.

Em outros casos, formando lavouras novas de café, procurava colocálas sempre abaixo de uma orla superior de mato, mesmo de capoeira. Aconselho manter os altos protegidos e as lavouras amparadas pelo mato, se possível dos lados e dos ventos dominantes, frio ou sêco.

Outro ponto valioso de minhas campanhas nos trabalhos de formação ou de restauração das lavouras existentes, foi o suprimento de matéria orgânica de origem animal. No caso dos grandes animais promovi a construção de cocheiras de pisoteio, valendo-me da experiência da Estação Experimental de Pindorama, em São Paulo. Esse tipo de cocheiras é adaptável para bovinos, cavalares e muares, e apliquei-as com resultado em São Paulo.

Também minhas visitas se voltaram para os aviários, como fonte de produção do adubo, que é valioso na lavoura do café, apliqueio-o com resultados em São Paulo e no Estado do Rio.

Espero fazer uma tese sôbre o assunto, que abrange vários aspectos, para o fazendeiro de café. Diversos aviários têm surgido na zona da Mogiana, graças a campanha que o nosso Fomento ali empreendeu, orientando a instalação dos primeiros.

Mostrei a importância da matéria orgânica de origem animal e vegetal, para a vida do cafeeiro, nela e na unidade, se assentam as bases da exploração racional do cafeeiro.

SOMBREAMENTO — Abrimos espaço para tratar em capítulo próprio a matéria.

Quem estuda a situação do café, nos seus países de origem a Arábia e a Abissínia sabe que o cafeeiro é planta de sub-bosque, isto é nasce e vive debaixo da proteção de outras plantas, também nativas e que se mantém consociação com êle.

Em todos os países da América em que se cultiva o cafeeiro, êle é mantido sob o regime de sombra. São exemplos disso a Colômbia, Venezuela, Guatemala, Costa Rica e outros.

No Brasil os cafeeiros do Extremo Norte vivem sob a sombra de outras árvores. Os cafèzais da Serra de Baturité e de Maranguape, no Ceará, são sombreados com os ingàzeiros e assim os de Pernambuco, parte do Espírito Santo e Santa Catarina. Apenas não há em Santa Catarina uma plantação racionalmente feita, com distâncias regulares, tanto dos cafeeiros, como dos ingàzeiros. E como, conseqüência, não se regula a densidade do sombreamento, de modo que, as árvores são mantidas debaixo de sombra exagerada.

Uma das primeiras grandes vantagens do sombreamento, é que garante as lavouras cafeeiras contra as intempéries: as geadas, os granizos, os ventos frios e os ventos dominantes. As árvores de sombra funcionam como reguladores dos acidentes climatéricos, protegendo as lavouras. Só isso garante os fazendeiros de graves prejuízos anuais. Se os lavradores do Norte do Paraná e de tôda a extensa zona atingida pelas fortes geadas dêste ano, tivessem os seus cafèzais sombreados, não teriam a lamentar os grandes e graves prejuízos que tiveram com as geadas e depois o granizo. Não quizeram seguir o exemplo do seu vizinho próximo, Santa Catarina; preferiram seguir a velha rotina de São Paulo e de Minas Gerais, de lavouras a pleno sol; esqueceramse dos efeitos da geada de 1918 de São Paulo e dos prejuízos que causou. Que vale a advertência amiga e os exemplos, quando estamos diante de velho e secular preconceito? A história de 1918 se repetiu em 1953 e se repetirá sempre, enquanto não aprendermos uma lição tão ao nosso alcance.

O sombreamento evita também a erosão; uma lavoura coberta é como uma mata, a chuva cai sôbre as fôlhas e desce para o chão, onde o folhiço velho absorve a água e não a deixa correr pela superfície; a água se empapa e se infiltra docemente no solo.

O sombreamento evita as capinas, porque no solo coberto, não nasce o mato, tanto mais, quando tudo se acha perfeitamente regulado. Êste fato traz grande economia para o lavrador e concorre para a conservação do solo. Naturalmente semelhante efeito, assim perfeito, do sombreamento, só se consegue depois de cinco anos, quando os ingàzeiros oferecem não só a sombra, mas podem cobrir os cafeeiros e o chão com espêssa camada de folhiço e tudo depende da maior ou menor riqueza do solo.

E' aqui que o sombreamento dispensa a série de operações nocivas ao solo e aos cafeeiros e que analizamos no começo dêste trabalho.

Entretanto, os seus efeitos completos, só se obtem em relação a dispensa das capinas, quando a sombra dos ingàzeiros ficar bem distribuida sôbre o cafèzal. Quando entra o sol demais cresce o mato na lavoura; quando a sombra é demasiado intensa, fica prejudicada a produção dos cafeeiros. Por isso se aconselha uma sombra de 50%, em que possam entrar na lavoura, a luz e o ar. Consegue-se semelhante resultado fazendo anualmente a poda dos ingàzeiros, desde o primeiro ano de sua vida retirando os galhos inferiores e deixando os superiores; é preciso educar a forma que a árvore deverá tomar. Tudo isto tivemos de aprender com o tempo e a observação. Nada se sabia a respeito.

Muitos lavradores e observadores apressados começaram o condenar o sombreamento, porque nas primeiras tentativas desta operação, que se fize-

ram em São Paulo, empregaram como árvore de sombra o Pesquim. Esta leguminosa apresenta vários inconvenientes: tem raízes superficiais, seus folíolos são pequenos e formam fraca camada de matéria orgânica no solo, que nem o enriquece e nem evita o nascimento das ervas daninhas. Como é alta e aberta, a planta vive sob a sua sombra como em pleno sol e por isso não evita o ataque da broca. Aqueles que observaram todos êsses fatos, não condenaram a árvore de sombra, mas condenaram a idéia do sombreamento.

O sombreamento não permite que se mobilize o chão com a enxada e nem com os cultivadores, desde o princípio da formação dos bosques, porque o chão deverá estar sempre coberto com leguminosas anuais ou as suas fôlhas. Não se pode pela mesma razão fazer culturas intercalares, entre a lavoura do café, nova ou velha, sombreada, porque prejudicaria tôda a proteção que o solo requer para se restaurar a sua fertilidade. Nos velhos cafèzais, quando se começa a fazer sentir os efeitos do sombreamento, aos cinco anos, as árvores começam a reagir, retomando a sua bela forma primitiva e pujante, como disse ter visto nas antigas lavouras cafeeiras paulistas das boas terras. Semelhante efeito é possível com o sombreamento, em razão de não se mexer mais no solo; não se prejudicar o sistema radicular dos cafeeiros pelas partes assinaladas, por serem mantidos em volta das árvores os mesmos fatores, que sendo constantes, a vida das plantas passa a se regular por fatores certos. Em consequência de semelhante fato, desde que a vida da planta esteja amparada pela constância favorável de fatores que influem para o seu bem estar, resulta outra série de vantagens para as lavouras sombreadas: 1.o) — a floração torna-se uniforme e se manifesta tôda na mesma época, não há sôbre as árvores flôres e frutos em várias fases de maturação. 2.o) — a regularidade da maturação dos grãos, não haverá verdes, maduros, sêcos e chôchos. 3.o) — a regularidade da colheita que se poderá fazer de uma vez porque todos os grãos se acham no mesmo grau de maturação.

Como todos os fatores da vida se tornam regulares dá-se o aumento da produção das árvores e por mil pés, portanto da produção total da lavoura. Exemplo desta afirmativa temos na Fazenda São Pedro, em Caçapava, em S. Paulo, onde o cafèzal de 30 anos sombreado, passou a sua produção de 30 arrobas por mil pés, para uma média anual superior a 100 arrobas por mil pés. Êsse fato permitirá aos lavradores, tendo relativamente estabilizada a sua produção média, cada ano, desaparecendo de seus registros as oscilações de grandes safras num ano, média no outro e ínfima no terceiro, poder regular seus negócios, seus financiamentos e tôda a sua vida, enfim. Os lavradores sairão de uma época crítica de incertezas, como acontece com a variável produção das lavouras a pleno sol e passa a ter uma previsão certa de seus negócios. Só êsse aspecto de estabilidade para a vida financeira da fazenda, compensrá largamente aos lavradores.

Os lavradores que tenham café tipo cereja, poderão fazer o *despolpamento* de sua produção. E o café despolpado, sêco à sombra, muda o tipo, a qualidade e o sabor da bebida. Dará o café tipo fino, o "Mild". A Colômbia e todos os países americanos têm cafés tipo "Mild"; enquanto a Colômbia, por exemplo, produz 90% de café tipo fino, "Mild" e 10% de cafés inferiores, o Brasil ao contrário, com o seu sistema de culturas a pleno sol, e todo o mecanismo de sua produção já analizado, produz 90% de cafés bebida dura e menos de 10% de cafés finos (geralmente do sul de Minas Gerais).

A melhoria da qualidade do tipo do café traz como consequência a melhoria de seu prêço. Na mesma Fazenda São Pedro já citada, tive ocasião de ver "contas de venda", nas quais os cafés despolpados obtidos das lavouras sombreadas, deram mais do dôbro do preço de outros cafés da mesma fazenda, onde havia lavouras à pleno sol; com a circunstância de que os cafés finos eram disputados e vendidos à porta, enquanto os outros eram vendidos pelo sistema comum e com delongas, sem maior interêsse dos compradores de Santos.

Com a floração, a maturação e a colheita se tornam uniformes e a um tempo, desaparece das lavouras a "broca", que tanta celeuma causa. Na já citada Fazenda São Pedro de Caçapava, em São Paulo, em plena colheita, eu próprio fiz uma constatação: nos cafèzais à pleno sol, da mesma idade que os sombreados, mantidos em solos absolutamente iguais, o estrago da "broca" era na ocasião, de mais de 30%, ao passo que, nos sombreados, não ia nem a 5% e assim mesmo nas partes de árvores de extremidades e mais ensolaradas. Andei o cafèzal em tôdas as direções, colhi grãos a esmo em vários pontos e não havia a "broca"; e isso realizei numa época em que se contestavam os efeitos benéficos do sombreamento, como meio de evitar os estragos da "broca". Não acredito que as condições tenham mudado; não havendo grãos temporões nas lavouras cafeeiras, desaparece a infestação da "broca".

Antigamente o exemplo da Fazenda São Pedro em Caçapava, era o único que se conhecia em São Paulo; hoje há outras fazendas com cafèzais sombreados, em Cravinhos, Botucatú, São Manoel, Bragança e outras localidades de São Paulo, em cujas fazendas os resultados do sombreamento são extraordinários.

A última demonstração exuberante, palpitante que se teve, como vantagem do sombreamento, foi com a última geada que se fez sentir fortemente em São Paulo e no Paraná e que tanto deu o que falar à imprensa, nos parlamentos e nas associações de classe. Enquanto os cafèzais a pleno sol de São Paulo e do Paraná, foram fortemente atingidos, com prejuízos de mais de 50%, os cafèzais sombreados daquelas zonas, igualmente bastante atingidos pela geada, em outras lavouras não sombreadas, pràticamente nada sofreram, conforme correspondência que recebí de São Paulo.

CONCLUSÃO

Todo o plano que estudei nêste meu trabalho, teve o apôio de mais de cem lavradores dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e até da Bahia e em cujas fazendas não pude operar porque já havia deixado o Serviço do Café, que dirigi no Estado do Rio de Janeiro. Tenho mantido correspondência com esses lavradores, misturando-lhes as informações que me pediram. Onde me foi possível trabalhar, alguma coisa de concreto realizei em favor das idéias aqui expêndidas. Infelizmente, nem no Serviço de Fomento da Mogiana, onde tratei do assunto e nem do Café do Estado do Rio de Janeiro, tive a oportunidade suficiente, para realizar integralmente todo o meu plano; num, como noutro, não houve o tempo material para que pudéssemos ver os resultados dos trabalhos e refazer as lacunas.

Todo aquele que pretende realizar uma idéia ou um trabalho em benefício da coletividade e quando êste trabalho se afasta da rotina, encontra tenaz oposição. As criaturas não sabem porque se devem opor, mas mantêm atitudes contrárias à realização do trabalho.

Lutei cèrca de 20 anos pela racionalização da cultura do algodoeiro no Brasil, e há mais de 6 venho ltando pela realização dêste meu plano de cultura do café. Tenho a comprovação em larga escala das duas teses principais:

1.o) — restauração das lavouras velhas;
2.o) — formação de cafèzais em terras velhas.

Entretanto, muito seria preciso fazer para consolidar estas teses e obter ampla confirmação dos números de meu programa analizado em conjunto. Não tenho tido ùltimamente campo para agir, embora trabalhando parcialmente pelas idéias aqui expendidas.

Gostaria principalmente de poder atender a todos os lavradores que apelaram para mim; para isso precisaria agir num serviço de âmbito nacional. Como também desejaria ter a oportunidade de contribuir para o ressurgimento da velha zona cafeeira da Central. Fala-se em recuperação do Vale do Paraíba, o meu plano de aproveitamento das terras velhas, vem precisamente ao encontro dessa idéia, possibilitaria rendas a essa Estrada e teria seu grande pôrto, como o do Rio de Janeiro, com tôda a sua aparelhagem para escomento da produção, voltando ao que já foi.

Nessas condições, ofereço as conclusões seguintes:

1.o) — Promover os meios para que fôsse possível pôr em prática as idéias aqui expendidas;
2.o) — Recomendar aos lavradores que fizessem a título de experiência, a restauração de alguns talhões de suas lavouras, ou formassem alguns milheiros de pés, pelo sistema indicado;
3.o) — Corresponder-se com o autor desta tese pedindo qualquer esclarecimento.

PLANTIO RACIONAL DAS NOVAS LAVOURAS DE CAFÉ E PROTEÇÃO DO SOLO NAS LAVOURAS JÁ FORMADAS

(Sugestões apresentadas ao Deputado Lacerda Werneck, para uma legislação a respeito)

João Quintiliano de Avellar Marques
Eng. Agrônomo
Chefe da Sec. de Conserv. do Solo do
Inst. Agrôn. de Campinas

A conservação do solo é, essencialmente um problema nacional; uma vez que da agricultura e da pecuária dependem a segurança e a prosperidade do país. Representa, também um problema de cada estado, de cada município e de cada propriedade, individualmente, já que todos são diretamente interessados na produtividade de suas terras; mas, em nosso regime federativo e de acôrdo com a Constituição, o maior responsável pela preservação dos recursos naturais renováveis do país é o Govêrno Federal na sua função de mantedor da integridade nacional.

A importância da conservação do solo para o Brasil é patente para quem quer que se dê ao trabalho de examinar as condições de seu ambiente físico, de sua história, de sua evolução econômica, e, sobretudo, dos processos aplicados na exploração de suas terras. Os recursos renováveis com que a natureza nos brindou e, muito especialmente o solo, têm sido impiedosamente maltratados por uma verdadeira agricultura de exploração. Práticas agrícolas comprovadamente nefastas têm provocado um profundo desequilíbrio em nossa natureza e um irreparável dano ao nosso solo, êsse inestimável patrimônio da coletividade.

Em consequência do máu trato do solo a nossa agricultura tem sido, em sua quase generalidade, forçada a um verdadeiro nomadismo, em contínua e insaciável busca de terras virgens para substituição daquelas já esgotadas e improdutivas que vae deixando em sua evolução pelo território brasileiro.

A nossa cafeicultura é um exemplo típico dêsse nomadismo, em razão de sua elevada exigência de fertilidade do solo e notadamente de riqueza em húmus. Hoje já estamos explorando as últimas reservas de terras virgens adequadas à cultura do café. Assim, se quizermos garantir a estabilidade dêsse insubstituível produto da terra que tem sido o verdadeiro sustentáculo de nossa economia, teremos que assegurar a formação racional das lavouras que de agora em diante se instalarem nesse insubstituível patrimônio que nos resta para usufruir.

A erosão tem sido, sem dúvida alguma, um dos fatores mais importantes dêsse nomadismo de nossas culturas de café, acelerada e facilitada pela formação defeituosa e antirracional das lavouras, com as ruas dispostas a favor das águas e sem as necessárias medidas para contrôle da erosão, em completa desconsideração às mais elementares normas da conservação do solo.

A ciência agronômica e a prática dos agricultores têm já sobejamente demonstrado que a simples disposição das ruas de plantas segundo as curvas de nível do terreno, contribue com grande eficiência para facilitar a infiltração das águas de chuva e controlar a erosão. Ensáios realizados pela Secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo demonstraram, por exemplo, que em culturas anuais do tipo do algodão e do milho em declividade entre 6,5 e 10,8%, em média para os tipos de solo arenoso, massapé e rôxa, enquanto o plantio com as ruas morro abaixo perde anualmente cêrca de 26 toneladas de terra por hectare e cêrca de 6,6% da chuva caída, a forma de plantio segundo as curvas de nível do terreno perde apenas cêrca de 14 toneladas de terra por hectare e cêrca de 4,0% da chuva caída.

Em culturas permanentes como os cafèzais êsse efeito controlador da erosão apresentado pelo plantio em nível se acentua sobremaneira, já que a permanência das ruas anos após anos em um mesmo local, vae acentuando com o passar das máquinas, com as operações culturais e com a própria terra retida, a formação de barreiras mecânicas de terra que funcionam como verdadeiros terraços ao longo de cada rua.

O benefício do plantio em nível se faz sentir imediatamente na estabilização e mesmo no aumento das produções em consequência da erosão que deixa de se processar e da maior quantidade de água retida no solo.

Além disso, a disposição das ruas de plantas segundo as linhas de nível do terreno facilita a ameniza sobremaneira o trabalho das máquinas de cultivo, de trato e de colheita, tornando mais eficiente e mais barato a mecanização da lavoura.

Está já comprovado, também, que o plantio em curvas de nível é uma operação simples e exequível pela totalidade de nossos agricultores, demandando pràticamente o mesmo tempo e o mesmo custo que o plantio em linhas retas do sistema antigo.

Um outro aspecto de grande importância do plantio de lavouras de grande duração como a do café, além dessa proteção contra a erosão do solo, é, o da qualidade genética das sementes a serem empregadas. Com efeito enquanto o trabalho e o custo necessário para tratamento de uma lavoura formada com sementes de boa linhagem é exatamente o mesmo daquele exigido por uma lavoura formada com material de baixa produtividade hereditária, as produções que se obtem das primeiras superam em muito as das segundas.

Hoje já se dispõe em todo Brasil de sementes selecionadas provenientes dos trabalhos de melhoramento realizados pelo Instituto Agronômico do Estado de São Paulo, sendo que algumas das linhagens já distribuidas aos agricultores têm proporcionado, sôbre as variedades antigas de cafeeiros, aumentos de produção que em certos casos pràticamente duplicam as colheitas.

O disciplinamento do plantio de novas lavouras de café é uma medida urgente para o país tendo-se em vista a sua duração e os prejuízos que

decorrem por anos sucessivos em consequência de um plantio defeituoso como êsses das ruas esquadrejadas em desconsideração ao relêvo do terreno e das sementes de má linhagem.

Em se tratando de café, produto que sustenta a Nação e que o máu uso do solo está eliminando de nossas disponibilidades agrícolas, urge com mais razão ainda obrigar a formação racional das novas lavouras que se estabelecem de forma a se assegurar a sua maior duração e a sua maior produção.

A não ser para plantar racionalmente em curvas de nível e usando semente selecionada segundo os ditames da técnica agronômica será preferível nada plantar. Assim pelo menos ficará intacto para as gerações melhor aparelhadas e instruidas de amanhã êsse patrimônio inestimável das nossas últimas reservas de terras adequadas para a cultura do café.

Um balanço que se dê hoje nas últimas reservas que ainda nos restam de terras virgens dentro da faixa ecológica do habitat do cafeeiro, deixa-nos verdadeiramente apreensivos quanto ao futuro dêsse inegualável patrimônio fornecedor de divisas que é a nossa cafeicultura.

Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, pràticamente já não mais dispõem de terras virgens próprias para o cafeeiro. Do decantado Norte do Paraná resta também já bem pouco para abrir e para formar com novas lavouras dentro da mancha de terra rôxa. Resta ainda um pouco mais na região de terras rôxas de Dourado em Mato Grosso e nalgumas pequenas manchas de terras ricas ao Sul de Goiás. Atingidas essas estaremos no fim de nossos recursos naturais propicios à cafeicultura. A lavoura de café hoje já está entrando na visinha terra paraguaia.

Assim, pois, será urgente para a Nação restringir um pouco a velocidade de desbravamento para café de forma a assegurar o futuro de nossa riqueza. Não fosse o fato de estar a grande maioria das novas lavouras de café sendo formadas de forma inteiramente contrária à técnica agronômica, repetindo de maneira clamorosa os mesmos êrros dos lavradores que formaram as antigas lavouras do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo, não haveria mal em que essas últimas reservas fossem já de uma vez exploradas.

Entretanto, o que se está observando é uma desordenada e imprevidente corrida em que a ganância dos lucros imediatos domina inteiramente quaisquer interesses patrióticos. O lema é formar novas lavouras a qualquer preço e de qualquer maneira para aproveitar os altos preços atualmente vigorantes para o café, e, dessa forma o patrimônio nacional vae se delapidando de forma irreparável e alarmante.

A formação racional das novas lavouras ainda que não se faça no mesmo rítimo da formação livre e desordenada assegurará produções mais duradouras e maiores por unidade de área.

O refreamento que possa decorrer de um condicionamento da forma de plantio será até benéfico para a economia do país, evitando o perigo da superprodução e do aviltamento de preços que já nos levou há bem pouco tempo aos drásticos recursos da queima do produto e da proibição indiscriminada de novos plantios.

Além do mais, o estabelecimento de uma cafeicultura em bases racionais daqui para o futuro, de forma a assegurar altas e contínuas produções por unidade de área a um custo o mais baixo possível, com auxílio da mecanização, será a forma mais acertada de o Brasil fazer face a competição

internacional que cada ano mais se acentua, e agora mais ainda com as possibilidades em vista, de desenvolvimento da cultura no continente africano.

A par do incentivo que se deve proporcionar à formação racional das novas lavouras, será de suma importância, também, procurar estabelecer a proteção das lavouras já formadas irracionalmente através a implantação de práticas eficientes de contrôle de erosão e de manutenção da produtividade do solo. Esta medida se justifica plenamente em face da grande extensão e da grande riqueza representada pelas lavouras já existentes no país.

E' natural que ao se exigir práticas novas e ainda não largamente difundidas entre os agricultores se vá encontrar certas dificuldades para sua implantação em nosso meio, nem sempre suficientemente preparado e instruido. Entretanto, tais dificuldades de maneira alguma poderão se antepor às grandes vantagens que advirão do sistema uma vez adotado em cada novo cafèzal.

Os órgãos governamentais especializados deverão ser devidamente aparelhados com pessoal e verbas de modo a poder fornecer no devido tempo a assistência técnica que será requerida pelos agricultores interessados; e, bem assim, a imprescindível ação fiscalizadora. Sem que se tome preliminarmente essa providência será temerário e ilógico procurar obrigar os agricultores de todo o país a formar suas lavouras de café em curvas de nível e usando sementes selecionadas. Obrigatoriedade só se admite e se justifica depois que o govêrno se achar devidamente aparelhado com os órgãos técnicos e fiscais necessários.

Sòmente os órgãos federais, no caso o Ministério da Agricultura principalmente, são insuficientes para atender às exigências de uma lei como a que se propõe, razão por que será necessário estabelecer uma estreita ligação destes com todos os demais órgãos governamentais especialízados do país sejam estatuais ou municipais. A tais órgãos, melhor aparelhados que o Ministério da Agricultura no âmbito de seu campo de ação será atribuida a responsabilidade direta da execução da lei. E' o caso, por exemplo, de Secretarias de agricultura tais como a de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e do Paraná que devidamente suplementadas com auxílios e verbas federais, poderão talvez melhor atender às exigências dessa lei do que o próprio Ministério da Agricultura. Acordos deverão ser estabelecidos atendendo às condições de cada unidade da Federação. A fim de possibilitar os ajustamentos de caráter local que uma lei como a presente necessàriamente obrigará será conveniente fazer com que a legislação federal assuma mais um caráter de lei básica, de tal modo que legislações estaduais e municipais posteriores venham completar os detalhes e as especificações condizentes com as condições das diferentes regiões do país.

DECRETO N.o ...., DE ..... DE .... DE 1953

Condiciona ao Plantio Racional a Formação de Novas Lavouras de Café e Promove a Proteção do Solo nas Lavouras já Formadas

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe confere o Art. .... da Constituição Federal, e:

Considerando que aos poderes públicos, como responsáveis pela manutenção da integridade do patrimônio nacional, compete disciplinar o uso do solo visando o bem estar coletivo;

Considerando que a lavoura de café, essencialmente exigente de terras férteis, tem sido forçada a um pernicioso nomadismo dentro do território brasileiro, em consequência do empobrecimento acelerado do solo;

Considerando que uma das principais causas dêsse empobrecimento acelerado da fertilidade do solo nos cafèzais tem sido a formação defeituosa das lavouras com as ruas dispostas em linhas retas, desconsiderando as curvas de nível do terreno e contribuindo sensìvelmente para intensificar os efeitos danosos de erosão;

Considerando que, sem ser mais dispendioso e complicado que o sistema em linhas retas, o plantio em linhas orientadas segundo as curvas de nível do terreno, além de atenuar comprovadamente a ação da erosão, ainda oferece as vantagens de um mais fácil e barato trabalho mecânico e de uma maior produção consequente da melhor conservação do solo e da maior retensão de água;

Considerando que as sementes de boas linhagens, oriundas dos trabalhos de seleção e melhoramento das instituições de pesquisas agronômicas especializadas, asseguram produções muito superiores àquelas normalmente obtidas das sementes comuns;

Considerando que novas lavouras que se formem defeituosamente com as ruas alinhadas em retas e com sementes de má qualidade genética representam, em vista de grande duração de sua exploração, um sério prejuízo para os interesses da coletividade, como consequência da continuidade de efeitos danosos da erosão e das baixas produções;

Considerando que, exgotadas as últimas reservas de terras adequadas para a cultura que já atualmente vem sendo tocadas pelo café no seu incontido nomadismo pelo território pátrio, ficará a economia nacional ameaçada com a restrição de sua capacidade produtiva dêsse produto agrícola que lhe tem sido o mais forte baluarte;

Considerando que, da forma como vem se processando, a instalação das novas lavouras de café está a repetir os mesmos êrros de técnica agronômica já praticados pelos antigos formadores de lavouras dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, numa desordenada e imprevidente corrida para aproveitamento dos altos preços atuais do produto, em detrimento da integridade do patrimônio nacional;

Considerando que o refreamento que possa decorrer na instalação de novas lavouras de café, em consequência de um condicionamento da forma de plantio virá defender a economia do país contra o perigo da superprodução e do aviltamento de preços que já a levou em época não muito distante aos drásticos recursos da queima do produto e da proibição indiscriminada de novos plantios;

Considerando que o estabelecimento em bases racionais das novas lavouras de café que se instalarem daqui para diante na últimas reservas de terras adequadas do país, será a forma mais segura de fazer face à competição internacional que se acentua de ano para ano, e, agora, mais ainda, com as novas possibilidades que se vislumbrem do desenvolvimento da cafeeiculturam no continente africano;

Considerando que as lavouras já formadas defeituosamente necessitam também ser protegidas contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado da fertilidade do solo;

DECRETA:

Art. 1.° — Fica, em todo território nacional, condicionada à formação de novas lavouras de café, ao plantio racional dispondo as fileiras de plantas em espaçamentos adequados segundo as curvas de nível do terreno e utilizando sementes de boa qualidade genética.

Art. 2.° — Tôda assistência técnica ou financeira prestada aos lavradores de café pelos órgãos governamentais ou por entidades subvencionadas ou controladas pelo govêrno será condicionada à extensão e à eficiência com que forem adotadas as práticas de conservação do solo nos cafèzais, tanto por ocasião de sua formação como posteriormente durante a sua manutenção.

Art. 3.° — O Ministério da Agricultura estabelecerá convênios com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados ou territórios, com o Instituto Brasileiro do Café, com o Banco do Brasil S. A., com as demais organizações bancárias de que govêrno participe, e, com os órgãos encarregados da taxação e da coleta de impostos junto aos lavradores de café, no sentido de promover a assistência técnica e a fiscalização necessárias para a perfeita execução dessa lei.

Art. 4.° — Os agricultores que plantarem suas novas lavouras de café racionalmente, dispondo as fileiras de plantas em espaçamento adequado segundo as curvas de nível do terreno e utilizando sementes de boa qualidade genética, conforme o estipulado nesta lei, farão jús aos seguintes favôres especiais:

a. prioridade para todo e qualquer auxílio prestado pelos órgãos governamentais, notadamente no que diz respeito à assistência técnica e à aquisição e importação de equipamentos e materiais para uso na lavoura de café;
b. prioridade para os benefícios de crédito rural fornecido pelas instituições bancárias controladas ou subvencionadas pelo Govêrno;
c. isenção de imposto territorial correspondente à área ocupada pelas lavouras que se enquadrarem dentro desta lei, durante um período de 10 (dez) anos.

Art. 5.° — Os agricultores que plantarem suas novas lavouras de café contràriamente ao que indica a técnica agronômica e em desacordo com o estipulado nesta lei, ficarão sujeitos às seguintes penalidades:

a. suspensão de todo e qualquer auxílio prestado pelos órgãos governamentais, notadamente no que diz respeito à assistência técnica e à aquisição e importação de equipamentos e materiais para uso na lavoura de café;
b. suspensão dos benefícios do crédito rural fornecido pelas instituições bancárias controladas ou subvencionadas pelo Govêrno;
c. multa no valor de 2 (duas vezes o imposto territorial correspondente à área ocupada pelas lavouras que houverem infringido aos dispositivos desta lei durante um período de 10 (dez) anos.

Art. 6.º — Os benefícios do crédito rural, de qualquer outra forma de assistência financeira e das facilidades especiais para importação e aquisição de equipamento e materiais para uso nas lavouras de café sòmente serão concedidos pelo govêrno ou por entidades pelo mesmo controladas ou subvencionadas, quando as lavouras de café a serem beneficiadas se encontrarem devidamente protegidas contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado da fertilidade do solo ou quando, por fôrça de contrato ficar assentado que tais benefícios se destinem ao estabelecimento das necessárias práticas de proteção do solo.

Art. 7.º — O Ministério da Agricultura, ouvidos os órgãos agronômicos especializados dos principais estados cafeeiros e a Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A.; expedirá a regulamentação dessa lei dentro de um prazo de 5 (cinco meses a contar da data de sua promulgação.

Art. 8.º — Esta lei entrará em vigor 6 (seis) meses após a sua promulgação.

Art. 9.º — Revogam-se as disposições em contrário.

SUBSÍDIOS PARA A REGULAMENTAÇÃO DA LEI:

I — Do plantio em nível

Art. 1.º — A disposição das fileiras de plantas em espaçamentos adequados segundo as curvas de nível do terreno deverá ser feita de forma a proporcionar o mais eficiente contrôle de erosão, a mais fácil e econômica mecanização da lavoura e a maior e mais duradoura produção por unidade de área.

Art. 2.º — Para a disposição das fileiras de plantas segundo as curvas de nível do terreno deverá inicialmente ser locado um determinado número de linhas niveladas para, em seguida, tomando tais linhas como base e adotando-se o espaçamento adequado, marcar, por paralelas intermediárias, as linhas em que se disporão as plantas, ficando então tais linhas, para os fins desta lei, consideradas como sendo estabelecidas segundo as curvas de nível do terreno.

Art. 3.º — As linhas niveladas básicas para a marcação das paralelas em que se disporão as fileiras de plantas, deverão ser estabelecidas de forma a satisfazer os limites de um número mínimo, ou, em outros têrmos, de uma distância máxima de afastamento entre sí, determinadas para cada caso, em função das características e dimensões dos terraços a serem construidos ao longo das mesmas, do tipo de solo e da declividade do terreno, de forma a assegurar um perfeito controle da erosão.

Art. 4.º — Os espaçamentos limites, tanto vertical (EV) expresso em centímetros como horizontal (EH) expresso em metros, entre as linhas niveladas básicas, para o caso dos terraços tipo camalhão de base estreita comumente denominados cordões em contôrno e para os

solos argilosos pesados tais como aqueles do tipo massapé e salmourão oriundos das formações geológicas arqueana e algonquiana, serão obtidos em função do gráu de declividade do terreno (D) expresso em percentagem, de acôrdo com as relações:

$$EVcm = 60 + 9 D, \text{ e, } EHm = 9 + \frac{60}{D}.$$

Art. 5.º — Para os solos arenosos soltos tais como aqueles oriundos da formação geológica cretácea os espaçamentos limites entre as linhas niveladas básicas serão 10% inferiores e para os solos profundos e permeáveis como os do tipo de terra roxa da formação geológica triássica, serão 20% superiores àqueles dos tipos argilosos pesados, devidamente consideradas, também, as características e dimensões dos terraços tipo camalhão a serem construidos.

Art. 6.º — Para o caso de se preferir a construção prévia dos terraços tipo camalhão de base larga ao longo das linhas niveladas básicas, deixando para tal uma rua entre fileiras de plantas mais larga de pelo menos 50% sôbre as comuns, os espaçamentos limites entre linhas niveladas básicas serão 50% superiores àqueles fixados para o caso de terraços tipo camalhão de base estreita ou cordões em contôrno, seguidas naturalmente as variações estipuladas no parágrafo anterior para os diferentes tipos de solo.

Art. 7.º — Para os casos intermediários, seja de características e dimensões dos terraços tipo camalhão a serem construidos ao longo das linhas niveladas básicas, seja de tipos de solo, admitir-se-á interpolar proporcionalmente para obtenção dos limites de espaçamento, a critério do engenheiro agrônomo regional.

Art. 8.º — Quando não forem de grande monta a variação de declividade entre as faixas circunscritas pelas linhas niveladas, e, bem assim, o número de linhas básicas a ser enquadrado em cada declividade, admitir-se-á fixar como único espaçamento entre linhas niveladas básicas aquele indicado em função da declividade média de todo o terreno.

Art. 9.º — Tomando como referência as linhas niveladas básicas, serão marcadas, paralelamente, as fileiras de plantas e ao longo dessas fileiras marcadas as covas, de tal forma que o espaçamento entre árvores fique maior entre fileiras e menor dentro das fileiras, devendo, tal diferença de espaçamento ser de molde a permitir que as copas, quando em completo desenvolvimento, se toquem ou mesmo se entrelacem ao longo das linhas e se separem entre as linhas o suficiente para permitir a passagem de máquinas de cultivo, trato e colheita, e, bem assim proporcionar o necessário arejamento e insolação entre as plantas.

§ Único — O espaçamento a ser adotado entre fileiras e entre covas ao longo das fileiras será determinado de acôrdo com a experimentação local, tendo sempre em vista o porte da variedade do cafeeiro a produtividade do solo, a declividade do terreno e o número de plantas por cova.

II — Da proteção e manutenção das lavouras já formadas

Art. 10.º — Considerar-se-á como proteção adequada contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado da fertilidade do solo nas lavouras de café novas ou antigas, um conjunto de práticas conservacionistas capaz de manter em nível satisfatório as condições de produtividade do solo, incluindo-se em tais práticas pelo menos uma de caráter mecânico, uma que lance não do efeito protetor da cobertura vegetal e uma de caráter edáfico.

Art. 11.º — Dentre as práticas conservacionista de caráter mecânico será indispensável o uso dos terraços tipo camalhão de base estreita (cordões em contôrno) ou de base larga quando a topografia o permitir e de terraços tipo patamar ou de banquetas individuais quando as declividades dos terrênos forem muito fortes.

§ 1.º — Os terraços tipo camalhão, de base estreita (cordões em contôrno) ou de base larga deverão ser construídas a espaçamento não superiores àqueles fixados nos artigos 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º, tomando-se em consideração o tipo de solo e o gráu e regularidade da declividade do terreno.

§ 2.º — Os terraços tipo patamar não deverão ser construídos a espaçamentos superiores à largura de três ruas do cafèzal.

§ 3.º — Os terraços de qualquer tipo ou as banquetas individuais deverão ser mantidas com uma secção adequada.

Art. 12.º — Dentre as práticas conservacionistas que lancem mão do efeito protetor da cobertura vegetal será indispensável adotar ou o plantio de adubos verdes de verão, ou a alternância de capinas, ou a cobertura com palha, ou a ceifa do mato, ou o mato selecionado, ou, o sombreamento.

Art. 13.º — Dentre as práticas conservacionistas de caráter edático será indispensável o uso das adubações com palha de café, estêrco de curral ou composto, ou as adubações com fertilizantes comerciais, em ambos os casos a intervalos não superiores a 4 (quatro) anos e em quantidades suficientes para contrabalançar o desgaste normal dos elementos nutritivos disponíveis no solo.

III — Do emprêgo de sementes selecionadas

Art. 14.º — O lavrador será obrigado a comprovar ter sido a semente empregada na formação de suas novas lavouras de café de boa qualidade genética, entendendo-se como tal sementes de linhagens obtidas ou recomendadas pelos órgãos agronômicos oficiais encarregados dos trabalhos de seleção e melhoramento do cafeeiro.

Art. 15.º — O Ministério da Agricultura em cooperação com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados e territórios cafeeiros providenciará para que sejam estabelecidos campos de multiplicação das melhores linhagens que forem sendo obtidas, em quantidade suficiente para atender as necessidades dos lavradores.

§ Único — Anualmente serão dadas a publicidade as relações dos campos de produção de sementes e dos viveiros cujos produtos se encontrarem devidamente certificados.

IV — Da Assistência aos lavradores

Art. 16.º — O Ministério da Agricultura em colaboração com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados e territórios cafeeiros providenciará para que sejam estabelecidos centros de treinamento de técnicos e de operários e bem assim campos de demonstração nas principais zonas cafeeiras do país, fornecendo também amplas instruções por meio de publicações e outros meios de divulgação a todos os interessados na formação racional de novas lavouras de café, e na proteção e manutenção das lavouras já formadas.

Art. 17.º — O Banco do Brasil S. A. financiará com facilidades especiais todas as organizações técnicas particulares que se destinarem à prestação de serviços de conservação do solo em cafèzal e de produção de sementes selecionadas de café.

V — Da fiscalização da lei

Art. 18.º — A fiscalização dessa lei ficará a cargo dos engenheiros agrônomos regionais federais ou estaduais dos engenheiros agrônomos especialistas em conservação do solo dos órgãos especializados em fomento, e dos engenheiros agrônomos fiscais da Carteira Agrícola do Banco do Brasil S. A., mediante acôrdos especiais feitos em cada região.

Resumos e Transcrições

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar o centro da pauliceia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nos principais praças do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Curso pós-graduado de Cafeicultura no Instituto Agronômico, em Campinas

Dentre as numerosas iniciativas que, em prol da nossa agricultura — e da cafeicultura em particular — tem tido o Instituto Agronômico de Campinas, poucas apresentarão maior alcance que esta última, a do curso superior de cultura cafeeira.

Organizando-o, o prestigioso instituto científico veio criar nada menos que uma especialização, um aperfeiçoamento, destinado a formar o estado maior da cafeicultura brasileira.

Depois da criação do Instituto Brasileiro do Café e da divulgação da circular n.o 70 da *Sumoc*, que prevêm um orgânico e permanente auxílio à cafeicultura nacional; após as campanhas feitas pela Secretaria da Agricultura de S. Paulo, e onde tomou parte saliente o próprio Instituto Agronômico; e em seguida ao surto de experimentações por que enveredaram os nossos fazendeiros, a notícia dêsse novo curso é por certo das mais auspiciosas.

Do programa do mesmo e do valor dos técnicos a que está afeto, sob a esclarecida supervisão de Carlos Arnaldo Krug, só podemos inferir de sua utilidade e de seu alcance.

Dado o feitio mensal dêste Boletim, a divulgação do programa das aulas não tem maior mérito em suas páginas, tendo já sido feita pela imprensa diária. Publicaremos, entretanto, depois do encerramento do curso, detalhes que possam interessar aos nossos numerosos leitores. E, por hoje, inserimos as palavras com que o inaugurou o diretor do Instituto, dr. Carlos Arnaldo Krug.

CARLOS ARNALDO KRUG
Diretor do Instituto Agronômico

São Paulo festeja no ano em curso o IV Centenário da sua fundação. Grandes e variadas realizações no campo da ciência, da arte e da técnica, cuidadosamente planejadas, marcam a passagem dêste ano, de grande significação histórica para o nosso Estado. Numerosos congressos e outros certames vêm se efetuando; o Festival do Cinema, a II Bienal e outras exposições, algumas ainda ém fase de planejamento, contribuem para atrair a São Paulo incontável número de brasileiros de outros Estados e de estrangeiros, para aqui presenciarem o ciclópico progresso da nossa Capital em seus aspectos material e cultural.

A que devemos êsse extraordinário desenvolvimento? Sem dúvida, a um concêrto complexo de fatôres que, em seu conjunto, transformaram São Paulo em metrópole de 2,5 milhões de habitantes, no maior parque industrial da América Latina e em centro cultural de primeira grandeza. Mas existe um fator, dentre todos êles, que se destaca com extraordinária pujança e que, a nosso ver, deveria, por justiça, constituir o pivô de tôdas as celebrações do IV Centenário: o *CAFÉ*.

Foi o café que abriu o nosso *hinterland;* serviu de ímã aos trilhos das estradas de ferro que, partindo primeiro de São Paulo e de Campinas e, mais tarde, de Bauru, Araraquara e de outras cidades, proveram São Paulo da mais intensa rêde de ferrovias do País; construiu estradas de rodagem; semeou cidades; serviu de base para o nosso desenvolvimento industrial; possibilitou a rápida transformação de São Paulo em região de agricultura extraordinariamente diversificada, bastando lembrar, por exemplo, que nunca a cultura algodoeira poderia ter se estabelecido com tanta rapidez entre nos, se não contasse com a invejável organização das nossas fazendas de café; deu e continua dando recursos para o desenvolvimento cultural do Estado, que hoje conta com três Universidades, Escolas de todos os níveis de ensino e um sem número de instituições de preparo intelectual das futuras gerações de brasileiros — de Sao Paulo e de outros Estados da União. O Café ainda é a única fonte ponderável de divisas que faculta ao Brasil manter o seu comércio exterior, possibilitando importar aquilo que necessitamos para o nosso desenvolvimento agrícola e industrial. Ao *Café,* pois, tudo devemos.

Meus Senhores: o curso de cafeicultura que, neste momento, se instala na sede do Instituto Agronômico de Campinas, constitui modesta homenagem desta instituição científica a São Paulo, pelo transcurso do seu IV Centenario. Realização cultural que tem como escopo o *Café,* talvez contribua para que se planejem outras e mais grandiosas realizações, que tenham por alvo projetar o valor e a importância para São Paulo, e para o Brasil, desta extraordinária planta que é o cafeeiro.

Atravessa, presentemente, a indústria cafeeira, fase decisiva para o seu futuro. De um período de acentuada superprodução que nos obrigou à destruição de mais de 70 milhões de sacas, atingimos, há pouco, o almejado equilíbrio entre a produção e o consumo e dêste passamos, ràpidamente, à situação diametralmente oposta, isto é, à falta de café devido ao aumento do consumo, ao esgotamento dos estoques mundiais e ao decréscimo da produção brasileira. Esta, como é notório, é devida à vigência, durante longos anos, de preços baixíssimos que determinaram o abandono de centenas de milhões de cafeeiros e o mau trato dos que restaram, assim reduzindo-se, por exemplo, a produção paulista de 21 milhões de sacas em 1934 a apenas 7 milhões da presente safra. Sobreveio a desastrosa geada de julho do ano passado, que ainda mais agravou a situação, impedindo, principalmente ao Paraná, de concorrer com apreciável parcela de produção dos seus imensos cafèzais novos.

A velha lei da oferta e da procura, entretanto, provocou o aumento considerável dos preços do produto, encontrando-se hoje os nossos lavradores em melhores condições para, novamente, cuidarem com carinho das suas lavouras.

Mas o aumento dos preços também vem estimulando a intensificação do plantio de café em outros países cafeeiros: na Colômbia se planta café até nos pastos e piquetes, volvendo-se também a atenção à abertura de novas zonas cafeeiras, até hoje inexploradas para êsse fim; em alguns países da América Central se processa o mesmo; o México desenvolve ativa campanha de fomento, visando à recuperação de lavouras velhas e ao plantio de novas culturas; em Pôrto-Rico o Govêrno subvenciona o lavrador de café; nas Colônias Africanas, e mesmo na Abissínia, intensifica-se a formação de novas lavouras, o que já vem se refletindo no aumento das suas exportações para a Europa e para os Estados Unidos. Muito recentemente, também o Govêrno do Para-

guai baixou medidas favorecendo a implantação dessa cultura na República vizinha.

Esta intensificação do plantio do café em outros países também vem sendo acompanhada pela ampliação dos seus serviços experimentais: assim, a Colômbia multiplica os trabalhos no seu Centro de Investigações Cafeeiras em Chinchiná, que possui uma rêde de estações experimentais nas diversas regiões cafeeiras do país; o Instituto Inter-Americano de Ciências Agrícolas em Turrialba, Costa Rica e o Ministério da Agricultura desta República vêm intensificando as pesquisas cafeeiras; o México criou, recentemente, novas estações experimentais; na África são conhecidos os trabalhos com o cafeeiro em Angola, onde êles são chefiados por um agrônomo que aqui estagiou durante cêrca de um ano, e nas colônias francêsas, inglêsas e belgas, nas quais se dedicam com afinco a problemas de melhoramento genético e de fertilidade do solo; na Índia continuam merecer atenção especial os estudos visando resistência à ferrugem das fôlhas *(Hemileia)* e sòmente em Java verificou-se, ùltimamente, certo decréscimo nas atividades das estações experimentais de café, em virtude dos recentes acontecimentos políticos.

Em futuro próximo, novamente atingido ou mesmo ultrapassado o equilíbrio entre a produção e o consumo, estabelecer-se-á, sem dúvida, renhida concorrência entre os países produtores. Sòmente poderão então manter em bases racionais a sua indústria cafeeira aquêles países que possam produzir, em bases econômicas, o máximo por unidade de árrea, de café de boa aceitação nos mercados consumidores. Em outras palavras, vencerão aqueles que fundamentarem a sua indústria em sólidas bases técnico-científicas.

Chegou a hora de passarmos, no Brasil, da fase da *invasão* cafeeira, com tôda a sua grandiosidade, seus erros e sua instabilidade, para a fase da *consolidação* da nossa principal indústria agrícola. Passemos da exploração *extensiva*, característica da primeira fase, para a *intensiva;* reorganizemos as nossas fazendas, nelas introduzindo o necessário equilíbrio entre a exploração animal e vegetal; entre áreas de pastagens, as destinadas ao reflorestamento e as reservadas ao cultivo de plantas perenes anuais, nelas introduzindo, dessa forma, os princípios do uso racional do solo; recuperemos parte dos nossos cafèzais velhos pelas replantas, pela adubação e pelo uso dos métodos mais adequados de combate à erosão; tratemos da formação de lavouras novas, cientìficamente conduzidas, utilizando sementes selecionadas, plantando em curvas de nível e adubando-as convenientemente; formemos, em zonas apropriadas, os "pomares de café" de tamanho adequado, o que também é essencial, melhoremos, dentro das possibilidades, os métodos de colheita e de preparo do produto, a fim de que possamos concorrer nos mercados mundiais, com um volume cada vez mais crescente de cafés de fina qualidade.

Para levarmos avante, nos Estados cafeeiros do Brasil, esta importantíssima campanha de racionalização da nossa produção de café, já dispomos, felizmente, de uma série de dados básicos, derivados de longos anos de pacientes trabalhos experimentais, conduzidos, em sua maioria nesta instituição.

Assim, desde sua fundação e só com poucas interrupções, o Instituto Agronômico vem cuidando de pesquisar a cultura cafeeira em todos os seus aspectos. Dafert dela tratou com carinho, estudando as suas variedades e preocupando-se com a nutrição da planta e a defesa dos talhões de café contra a erosão. D'Utra iniciou trabalhos de cruzamento de café e Theodureto de

Camargo lançou as bases de extenso programa de investigação cafeeira, hoje em plena execução e constante ampliação , sendo levado a efeito por numerosa equipe de engenheiros-agrônomos reunidos na Comissão de Café do Instituto Agronômico, cada um tendo se especializado em determinado setor. Assim acham-se em andamento nada menos de 110 "projetos", referentes aos seguintes setores: botânica sistematica; anatomia; genéticas; citologia; melhoramento; fisiologia; moléstias e pragas; solos e sua conservação; climatologia; viveiros sistemas de plantio; adubação; sombreamento; irrigação; mecanização; colheita e preparo do produto. Se bem que muito já se fêz, numerosos problemas ainda restam para ser solucionados, exigindo constante ampliação dos trabalhos em andamento, não sòmente nesta instituição, bem como no Instituto Biológico, que há longos anos vem cuidando do estudo das pragas e moléstias do cafeeiro, e em outros centros regionais de experimentação cafeeira.

O principal problema que enfrentamos no momento é, entretanto, promover a mais ampla e eficiente *divulgação,* entre os lavradores de café, de todos os resultados até agora obtidos. Não bastam a atuação, conquanto valiosa, de numerosos Agrônomos Regionais nas zonas cafeeiras as publicações editadas sôbre café; as respostas às consultas dos lavradores e os estágios esparsos realizados por agrônomos na Secção de Café do Instituto Agronômico. O que precisamos é preparar verdadeiro exército de agrônomos especializados em cafeicultura, que possam prestar uma assistência técnica segura aos nossos lavradores, em sua gigantesca tarefa de recuperação de nossa indústria cafeeira.

Onde preparar êsse exército de profissionais? Parece-nos que o local mais apropriado seria aquêle onde se realiza apreciável soma de trabalhos experimentais com o cafeeiro. Considerando que Campinas satisfaz esta condição, o seu Instituto Agronômico se oferece, por intermédio de sua equipe de engenheiros-agrônomos que trabalham com esta planta, a prestar mais êste serviço a São Paulo e aos Estados cafeeiros do Brasil, organizando e fazendo realizar o primeiro curso post-graduado de cafeicultura, que hoje se instala. Para a efetivação dêsse empreendimento, contamos com a valiosa ajuda financeira do Instituto Brasileiro do Café, com o apoio da Universidade de São Paulo, da qual somos Instituto Complementar e, ainda, com a magnífica colaboração de professores ou especialistas da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz", do Instituto Biológico, da Divisão de Economia Rural e Fomento Agrícola e do Instituto Brasileiro do Café.

O programa organizado abrange todos os setores de interêsse aos engenheiros-agrônomos que queiram especializar-se em cafeicultura: desde a botânica da planta até o preparo e comercialização do produto, dando-se ênfase especial aos processos modernos de plantação e cultivo do café. Além das 30 aulas teóricas, estão programadas numerosas demonstrações práticas e visitas a fazendas de café, tanto na região "nova" como na chamada "zona velha". para a qual o "Rei Café" está sendo vitoriòsamente reconduzido.

Será ilimitado o campo de ação dos engenheiros-agrônomos que completarem êste curso, pois, os quadros técnicos das Secretarias da Agricultura dos Estados cafeeiros estão sendo ampliados, visando tornar possível o incremento da experimentação e, acima de tudo, prestar ampla assistência técnica aos lavradores. O Instituto Brasileiro do Café também vem seguindo a sábia política de amparar, por todos os meios, a produção. Firmou essa autarquia

convênios com os Es.ados cafeeiros, fornecendo-lhes amplos recursos financeiros, e está organizando numerosa equipe de técnicos para auxiliar êsses Estados na execução dos seus programas de recuperação da lavoura. Além disso, os preços atuais do produto permitem ao lavrador empregar boa parte dos seus lucros na reorganização das suas fazendas. O ambiente é, pois, extremamente favorável à execução de uma ampla campanha visando à consolidação, em bases técnico-econômicas, da lavoura cafeeira nacional.

Nossos ardentes votos são no sentido de que o Curso, que hoje inauguramos, contribua para o sucesso desta Campanha, que todos os brasileiros devem aplaudir com entusiasmo, pois visa defender o verdadeiro alicerce da nossa economia: o *CAFÉ*.

O CAFÉ E O PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ

EDGAR FERNANDES TEIXEIRA

Não acreditamos que os lavradores do Paraná tenham ficado satisfeitos com os discursos proferidos a 19 de dezembro corrente, em Curitiba, por ocasião das comemorações do centenário da emancipação política do Estado. "E' o Paraná um dos últimos redutos com que conta o Brasil para manter sua cafeicultura" afirmou-se. Abrindo a série de discursos, disse o senhor presidente da República: "A Exposição Internacional do Café que tanto realça as comemorações nestes dias festivos, põe em relevo uma proeza assombrosa do vosso labor aplicado à terra fecunda, no que diz respeito ao elemento básico da exportação brasileira. Avançando pelos campos infinitos, na verde marcha da fartura, até alcançar as barrancas do rio Paraná, os cafèzais assinalam números estonteantes. A produção do Estado, que no comêço do século não atingia a dez mil sacas, hoje ultrapassa a casa dos quatro milhões. Êsse é apenas um aspecto da vossa exuberância, do vosso crescimento promissor".

Por sua vez, o governador do Paraná assegurou: "No ciclo cafeeiro paranàense, desembocam tôdas as experiências velhas de duzentos anos, em cujos ensinamentos temos necessàriamente de aprender para a nossa própria sobrevivência. O Paraná recebeu e compreendeu o apêlo que vem dos dias longínquos do apogeu do Vale do Paraíba, na velha Província Fluminense, com seus grandes senhores do Império; apêlo que repercutiu em Minas e S. Paulo; apêlo da terra que não quer ser exaurida, pretendendo continuar a servir ao Brasil. A ascensão cafeeira do Estado, num progresso espetaculoso, não perturbará a consciência paranàense, cuja preocupação é a de perpetuar a produtividade. E' êsse o significado da Exposição do Café. O Paraná está divulgando coisas dos bastidores do café. Não para os grandes fazendeiros, que trazem no sangue a vocação e o fastigio pela sua cultura. Mas para os que começam. Não se exibe prosperidade. Dá-se um grito angustioso de alerta e procura-se radicar em zona onde o café era desconhecido em seu segredo, a altíssima função que tem representado na evolução econômica do Brasil. Vamos demonstrar, aos consumidores estrangeiros e sobretudo aos norte-americanos, como foram verdadeiras as palavras que proferi em dezembro de 1950, na reunião de Florida: "O café é mais do que nosso ouro verde: o café é o nosso sangue. O Paraná comemora o seu centenário, indicando ao Brasil os caminhos da recuperação, da preservação das suas fontes de riqueza e, em consequência, os caminhos certos da prosperidade social e política".

Finalmente, o ministro da Agricultura, ao mostrar que já se percebem traços de decadência da lavoura, convidou todos a encararem o problema da

agricultura predatória e infeliz que marca as velhas zonas cafeeiras, adotando-se métodos racionais de cultivo, de defesa e proteção dos recursos naturais...

Ora, tudo o que se afirmou está certo. Mas a maior ameaça, que aliás já deixou em vários anos de ser uma ameaça para se transformar numa verdadeira tragédia, é o perigo de grandes geadas, que podem, da noite para o dia, destruir por completo as lavouras paranàenses de café, como aconteceu, de modo terrível, em meados deste ano. Não se pode nem se deve subestimar a destruição que as enxurradas vêm provocando nas terras paranàenses, nem a ruína, sem paralelo neste Continente, provocada pelas derrubadas das matas virgens. Quem percorre, como nós, periòdicamente, o Norte do Paraná, volta de lá eufórico com a criação de uma riqueza extraordinária representada pelo café, pelo arroz, pelo feijão, pelo algodão e várias outras culturas, mas também regressa profundamente impressionado com os métodos mais primitivos de destruição da flora, como jamais seria possível crer praticável em qualquer região da terra. Em 1935, quando pela primeira vez visitamos o Norte do Paraná, as lavouras de café localizavam-se ao redor de Jacarèzinho, caminhando rumo a Londrina e espraiando-se já em pequenos talhões nos arredores desta cidade — na época simples aglomerado de casas. Pois bem, no caminho que parte de Ourinhos, rumo a Jacàrèzinho havia numerosas e extensas matas virgens até as proximidades desta última cidade, então o principal centro econômico da região. Hoje, é rara a mata que ainda se mantém de pé em tôda essa zona. Assim mesmo, a designação de mata virgem é apenas uma expressão de linguagem, já que são sòmente grupos de árvores em redor das residências ou nas divisas de uma propriedade com outra, visto como tudo foi destruido sem a menor piedade.

Quem viaja rumo a Marialva, Campos Mourão ou lugares de mais recente demarcação, verifica que a derrubada é aí idêntica, senão maior. Se, no entanto, cada grupo de dez ou vinte mil cafeeiros estivesse protegido por cercas de matas naturais, especialmente conservadas, milhões de cafeeiros que, em julho último, foram destruídos pelas geada de vento — que, a nosso ver, causou tanto prejuízo quanto a geada verdadeira — teriam sido salvos parcial ou totalmente. Por isso, numa data festiva como a do I Centenário da Emancipação Política do Paraná, em que se acentuou a contribuição do café para o progresso econômico e social do Estado, seria de bom alvitre que os nossos dirigentes, indo ao encontro dos desejos dos lavradores discutissem esses problemas, pois, "mais do que ouro verde, o café é o próprio sangue" de milhares e talvez de milhões de pessoas. Nada melhor para comemorar êsse progresso do que a ação oficial capaz de dar a certeza de que a nova riqueza — representada pelo café e que afinal destruiu uma outra riqueza, a mata virgem — poderá ter uma proteção adequada no sombreamento da própria mata virgem rarefeita ou no sombreamento artificial pelo ingàzeiro. Sérá uma proteção total, ou, pelo menos, parcial em face da ameaça que todo inverno traz para o Norte do Paraná, parte de S. Paulo e Minas Gerais, ameaça que mantém os lavradores em permanente sobressalto.

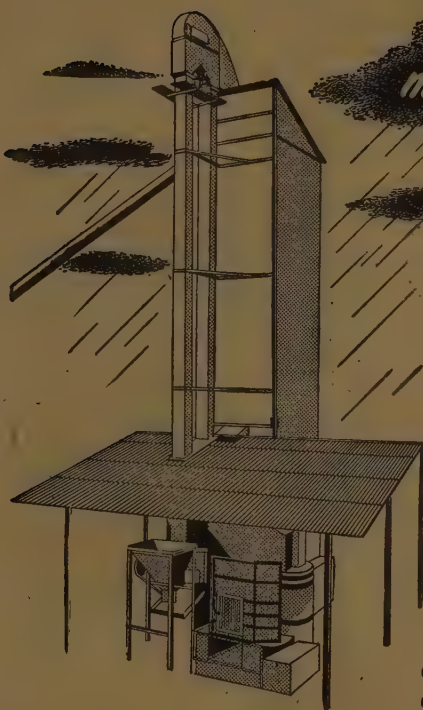
Não somos dos que pensam que o Paraná "é um dos últimos redutos com que conta o Brasil para manter a sua cafeicultura", já que a ação de lavradores em S. Paulo e Minas Gerais e, de modo especial, nos arredores de Campinas, está provando que é mais do que viável recuperar as antigas zonas cafeeiras, formando lavouras iguais às melhores culturas de terras recém-des-

bravadas. Vimos alertando os responsáveis para que se mude o método da formação de lavouras de café, se preciso por meio de leis drásticas, de modo a permitir uma política agrícola que não seja apenas considerada do ponto de vista individualista, mas sim do interêsse nacional. No futuro, essa política se evidenciará benéfica tanto para o País quanto para os lavradores.

Ésses os assuntos de que os governantes precisam falar aos agricultores. Há pouco, quando o presidente dos Estados Unidos, general Dwight Eisenhover, completou 63 anos, teve de percorrer uma zona constituída por 13 Estados afetados por excepcional sêca. Se é verdade que por tôda parte o presidente foi muito bem recebido pelos lavradores e criadores, também é certo que passou a semana do seu aniversário com tremendas preocupações, discutindo com os homens do campo a razão da queda dos preços dos produtos agrícolas e as providências que vinham sendo tomadas, pois sentira por ocasião das eleições num distrito de Wisconsin — reduto do Partido Republicano, onde a maioria do eleitorado acabara de dar o voto ao senador democrata — que "os agricultores estavam descontentes com a atual política do govêrno norte-americano... Na mesma semana, perante milhares de criadores filiados à "American Hereford Association", em Kansas City, no Missouri, o presidente dos Estados Unidos assegurou que o bem-estar dos criadores e o do país em geral estão estreitamente unidos. Mas, diante da indiferença dos pecuaristas, pois o preço da carne baixou de 33% sob a nova administração. Eisenhover afirmou e pediu mesmo aos criadores "mais tempo para elaborar um extenso programa agrícola em bases sólidas e capaz de novamente dar à agricultura do país a posição que reclama e merece".

Por isso dizemos que, ao festejar o Primeiro Centenário de sua Emancipação Política, os agricultores e principalmente os cafeicultores paranàenses desejavam ouvir das autoridades, não elogios à sua obra, mas sim, o cumprimento de promessas de ajuda e financiamento para restabelecimento de lavouras destruídas pelas geadas e a declaração dos meios em estudo para evitar esse flagelo. E' que todos esses problemas continuam sem solução, não obstante se façam tantas promessas em dias de festa ou nas vésperas de eleições.

(Do "O Estado de S. Paulo, 23-12-53).

> "Amar a árvore é compreender a vida. Ela saiu das entranhas da terra para contemplar o sol. Compadecida dos pássaros, abre-lhes os braços para proteger. Compadecida dos homens, dá-lhes tudo quanto possue."
>
> CONSTÂNCIO VIGIL

O AGRONÔMICO E O CAFÉ

CLOVIS TEIXEIRA

O avanço do café para as chamadas regiões novas tem se processado de forma verdadeiramente temerária numa flagrante prova de mentalidade irrefletida, imprevidente, acrescentando-se a tudo isso a tremenda ignorância relativamente aos ditames da natureza, à necessidade de agir, o agricultor, em harmonia com as leis da natureza. Praticam-se devastações clamorosas. O machado e o fôgo abrem clareiras nas florestas, as matas são eliminadas em toda a parte, sem a mínima preocupação com as futuras consequências de uma atuação, no seio da natureza, verdadeiramente suicida. Assim foi, também, nas hoje velhas terras de café, no Estado de São Paulo, e muitos agricultores da "velha guarda", contemplando a ruina da cafeicultura em terras bandeirantes lembram, tardiamente, que o café não dispensa o "cheiro de mato". E que "cheiro de mato" é êsse, senão a atuação benéfica, reguladora, da massa florestal nas regiões agrícolas? Eliminada a vestimenta florestal, devastada a floresta de fórma a mais absurda, sem que dela venha a restar, nos altos, nas elevações, nas cabeceiras d'água nas margens dos cursos d'água, a percentagem indispensável, escancaradas as terras à atuação dos ventos, os distúrbios climatéricos surgem num crescendo: — perda de humidade do ar, erosão eólica e pluvial, violência dos ventos, irregularidade das precipitações pluviais, meses consecutivos de sêca, chuvas torrenciais, tempestuosas. Em consequência das queimadas e das devastações florestais, na Indo-China, conforme André Consigny em "Revue de Botanique Applicuée et D'Agriculture Tropicale", agricultores passaram a se queixar da mudança do clima, mudança essa que provocava, na produção de chá e de café, qualidades inferiores, favorecendo, ao mesmo tempo o aparecimento de doenças nas plantas. E por falar em doenças nas plantas... não é, porventura, grandemente significativo o fato de ter sido mudada a denominação de Junta de Combate à Broca do Café, em nosso Ministério da Agricultura, para Junta de Combate às Pragas do Café? E que remédio: — broca, "bicho mineiro", caramujo, cigarrinha, etc. etc., justificam, perfeitamente, a nova denominação... Isso, quanto às pragas. E as enfermidades varias que vêm assaltando o pobre do cafeeiro, saudoso do "cheiro de mato"?... Necessário é por conseguinte, que proclamemos, alto e bom som, que: — Reflorestando, restabeleceremos, nas regiões devastadas, condições propícias à marcha regular da agricultura.

Uma grande e inegável verdade é constituir-se a cultura, cada dia mais, uma atividade agrícola que exige seguros conhecimentos, tão repleta vem sendo ela de percalços de toda a sorte. Para economicamente produzirmos café, nas terras cansadas de São Paulo, não basta amontoarmos o estêrco de galinha, o compôsto, o estêrco de curral. Urge, isso sim, que o cafeicultor se mantenha em assíduo contato com o

agrônomo, e êsse agrônomo, entregue aos seus trabalhos de fomento, devera por sua vez, manter-se em dia com a experimentação, com a pesquisa. O curso de cafeicultura, que o Instituto Agronômico iniciará, no dia 3 do corrente, constituirá, sem dúvida alguma, realização por todos os títulos feliz, inteligente e oportuníssima. Nêsse curso, o agrônomo adquirirá, não novos conhecimentos, mas especialização, aprimoramento de suas qualidades de indivíduo que, por profissão e por vocação, tem por escôpo orientar, esclarecer, alertar o cafeicultor. No Instituto Agronômico, quotidianamente, surgem questões, problemas, manifestos nas comunicações dos técnicos e nas solicitações dos agricultores. E' o Instituto Agronômico de Campinas como que uma potente estação captadora, centro de convergência de tudo quanto, na cafeicultura e culturas outras, surge como impecilho ao desenvolvimento econômico dos trabalhos nos campos. Assim, pois, experimentando e pesquisando, o Instituto Agronômico vai se aparelhando para solucionar questões de vida e de morte para a nossa cafeicultura. No curso de cafeicultura, a se iniciar, vemos, claramente os alevantados propósitos do estabelecimento de ciência agronômica que tanto honra São Paulo e o Brasil: — constituir equipes, ativas e compenetradas, competentes e esclarecidas, para fazer da cafeicultura, entre nós, uma atividade racionalmente orientada, economicamente estável.

"Diário do Povo" — Campinas — 4 de Maio de 1954.

ENTRE AS LEGUMINOSAS INDICADAS PARA ADUBAÇÃO VERDE DESTACAM-SE AS CROTALÁRIAS JÚNCEA E PAULINA

Existem muitas crotalárias, mas em nossas condições são recomendáveis para utilização como adubos verdes as espécies Crotalárias júncea e paulina. Os principais caraterísticos dessas duas leguminosas são, em resumo, os seguintes:

CROTALÁRIA JÚNCEA

Planta anual, ereta, podendo atingir mais de dois metros de altura, com ramos finos e alongados. Fôlhas simples e lineares. Flôres amarelas, aparecem de 100 a 120 dias após o plantio. Vagens quase cilíndricas, com pêlos, encerrando muitas sementes côr de chumbo escuro.

CROTALÁRIA PAULINA

Planta anual, ereta, arbustiva, podendo atingir mais de dois metros de altura. Fôlhas simples, elípticas e grandes. Flôres amarelas, aparecem geralmente de 140 a 160 dias após o plantio. Vagens quase cilíndricas, sem pêlos, encerrando muitas sementes pequenas, de côr escura.

SOLO

Escolha e rotação

O desenvolvimento dessas duas crotalárias é muito bom em quase todos os nossos tipos de solos arenosos e argilosos. Nos muito compactos é necessário, entretanto, quebrar bem os torrões, para facilitar a germinação das sementes. Não são aconselháveis solos mal drenados.

Qualquer delas pode ser incluida num plano de rotação de culturas anuais, sendo que a "Crotalária júncea", em virtude do seu porte ereto, também serve como adubo verde para lavoura perenes (cafèzais e pomares). São plantas produtoras de grande quantidade de massa verde. Sob êsse aspecto são comparáveis à mucuna preta, pois fornecem matéria orgânica capaz de melhorar a fertilidade de nossos solos e ainda manter em alto nível as colheitas de produtos comerciais.

Dados obtidos experimentalmente, como no caso da rotação com a cultura de milho, mostram resultados que recomendam a prática de se incluir adubos verdes nos planos de rotação de culturas: — o milho cultivado em rotação com "Crotalária júncea" produziu na base de 3.500 quilos por hectare, ao passo que o milho sem adubo verde deu apenas um rendimento de 2.480 quilos por hectare. Na rotação seguinte, o efeito da "Crotalária júncea" foi pequeno em virtude da produção insignificante de massa verde, resultante do

ataque de uma moléstia que, infelizmente, afeta esta leguminosa de maneira severa. Entretanto, em comparação com o milho cultivado sem adubo verde a diferença ainda foi grande. Os números abaixo relacionados retratam melhor os eefitos obtidos com o enterrio quer da "Crotalária júncea", quer da "Crotalária paulina".

Crotalárias, Testemunha e aumentos produzidos	1.ª ROTAÇÃO			2.ª ROTAÇÃO		
	Massa verde 1943/44	*Milho kg/ha* 1944/45		*Massa verde* 1945/46	*Milho kg/ha* 1946/47	
Crotalária júncea	33	3.500	—	4	2.700	—
Crotalária paulina	24	—	2.980	33	—	3.000
Testemunha	—	2.480	2.480	—	2.760	2.760
Aumento produzido pela Crotalária júncea .	—	1.020	—	—	940	—
Aumento produzido pela Crotalária paulina	—	—	500	—	—	1.240

PREPARO DO TERRENO

Feita a aração, o trabalho da grade deve ser executado com certo esmero, principalmente em terra compacta, para que a germinação das sementes dessas plantas seja facilitada, sabido que um excesso de torrões prejudica o nascimento das plantas. Com referência a essa operação em geral há mais vantagem em gradear nas vésperas do plantio, permitindo isso que as plantas novas cresçam sem a concorrência de ervas más.

PLANTIO

Adubação

Estabelecido um programa de rotação de culturas, no qual é incluido uma dessas leguminosas, é mais vantajoso adubar as parcelas ou faixas em que são feitas as culturas comerciais (algodão, milho, etc.). Em virtude da rotação, essas leguminosas aproveitam o efeito residual dos adubos aplicados no ano anterior naquelas culturas comerciais. Em parcelas ou faixas de terras excessivamente pobres, cuja fertilidade pode ser melhorada com a cultura de leguminosas para adubos verdes, aconselha-se aplicar um adubo fosfatado, na base de 150 a 200 quilos por hectare.

Época do plantio

Os plantios efetuados em setembro-outubro dão melhores resultados em produção de massa.

Espaçamento

Áreas destinadas à produção de sementes devem ser semeadas à distância de um metro entre fileiras. Nas fileiras deixa-se cair um filete de sementes de Crotalária júncea, na base de sessenta gramas em 20 metros de sulco. As sementes de Crotalária paulina são distribuidas na base de oito a dez sementes cada vinte centímetros, ou sejam de doze a quinze gramas por vinte metros. Tendo em vista a produção de massa vegetal, semeia-se à distância de cincoenta centímetros entre fileiras, qualquer das duas crotalárias. Nas fileiras as sementes são distribuidas de acôrdo com as quantidades e espaçamentos acima indicados.

Quantidades de sementes

Para a semeadura dum hectare são necessários sessenta a setenta quilos de sementes de Crotalária júncea e doze a quinze quilos de sementes de Crotalária paulina. A área destinada à produção de sementes consome a metade das quantidades acima referidas, tendo em conta que o espaçamento é de um metro entre fileiras.

Semeadura

Risca-se o terreno, de preferência em contôrno, utilizando-se de cultivador, ao qual se adaptam duas peças sulcadoras, de maneira a se conseguir dois riscos ao mesmo tempo. A semeadeira, mesmo à tração animal, além de permitir trabalho uniforme de distribuição das sementes, empregando-se chapa adequada, torna a operação muito econômica.

Tratos culturais

Durante o primeiro período de vegetação, em que as plantas não cobrem o terreno, são indispensáveis os cultivos mecânicos. Nesse período o desenvolvimento da Crotalária paulina é um pouco lento.

Pragas e moléstias

A Crotalária júncea em geral não é afetada pelo ataque de pragas. Entretanto é sujeita a uma moléstia que seca inteiramente as plantas e quando isso acontece, numa ou noutra cultura, as plantas não chegam a completar o seu desenvolvimento. Quanto à Crotalária paulina em geral não é atacada por pragas ou moléstias.

Produção de massa

A Crotalária júncea em terras cansadas pode produzir de vinte a trinta toneladas de massa verde, ou sejam de quatro a seis toneladas de massa seca. Em terras novas, isto é, com poucos anos de cultura, as produções oscilam entre trinta e cincoenta toneladas que podem dar seis a dez toneladas de massa sêca. As produções de Crotalária paulina em terras cansadas são semelhantes às

da Crotalária júncea, isto é, podem atingir de quarenta a sessenta toneladas de massa verde ou oito a doze de massa sêca.

O rendimento de sementes, quando a área é semeada para esse fim oscila entre oitocentos e mil quílos por hectare.

Enterrio da Massa

Aconselha-se cortar as plantas no período de floração, utilizando-se de rolo-facas, grade de discos, ceifadeiras, etc. A massa é deixada sôbre o solo, a se transformar em pleno ar, durante o inverno e princípios da primavera. Quando já decomposta é facilmente incorporada ao solo pela aração da primavera. Este método apresenta as seguintes vantagens:

1. — dispensa uma aração;

2. — a massa em decomposição, sobreposta ao solo, evita o desenvolvimento de ervas más;

3. — a massa em decomposição preserva a Unidade do solo e retem alguma chuva de inverno.

4. — a massa em decomposição protege a superfície do solo, em relação ao calor solar, num período em que o solo geralmente está sem vegetação alguma.

(Do "Correio Paulistano, 20-12-1953).

"Os que cortam árvores sem necessidade, ou destroem as matas, convertem-se em uma espécie de homem-inseto que, contra o seu próprio interêsse, rói e destrói a Natureza. Ao contrário, povoar de árvores uma paisagem árida é realizar uma das obras mais belas: é fazer com que essa terra volte a situar-se entre as harmonias da natureza; é assegurar a sorte das suas colheitas; é garantir a abundância das floradas e de seus frutos e é, ao mesmo tempo, abrir para os poetas um vasto refúgio, um lugar completamente afastado de todas as limitações da vida."

ABEL BONNARD
(Da Academia Francesa)

O RÁPIDO CRESCIMENTO DO PARANÁ

Interessantes dados divulgados pelo Serviço de Recenseamento — O lugar do café no fenômeno geral

O Serviço Nacional de Recenseamento reuniu em volume comemorativo do Centenário, do Paraná, os resultados definitivos do Recenseamento Geral de 1950 naquele Estado. Abrange essa publicação as principais tabulações resultantes da apuração dos cinco inquéritos censitários promovidos em 1950, pelos quais se pode aferir o grau de desenvolvimento demográfico e econômico do Paraná. Os resultados censitários confirmam a ascendente projeção do Paraná no panorama nacional e, demonstram que, do ponto de vista demográfico como do agrícola, é a Unidade Brasileira de mais vivo desenvolvimento nos últimos tempos. Sua população presente ascendia a mais de 2,1 milhões de habitantes, que representavam 4,1% da população brasileira em conjunto. Ora, quando se realizou o primeiro Recenseamento do Brasil, em 1872, o Paraná contava menos de 127 milhares de habitantes, ou o correspondente apenas a 1,2% do conjunto da população brasileira. No intervalo de 78 anos, a população estadual multiplicou-se cêrca de dezesete vêzes, ao passo que a população brasileira, em geral, multiplicou-se aproximadamente cinco vêzes. Isto quer dizer que. a cada novo habitante contado para o País em geral, correspondiam mais de três para o Paraná em particular. Esse ritmo excepcional indica que, ao lado do natural crescimento vegetativo, deve ter ocorrido ponderável crescimento de origem migratória, o que, como é notório e os dados censitários comprovam, corresponde à realidade.

MECA NACIONAL

De fato, a atração das "terras novas", reconhecida como o móvel econômico das migrações para o Paraná, fêz afluirem para o Estado levas e levas de imigrantes, oriundos em forte maioria de outras regiões brasileiras. A imigração estrangeira teve sua época, e concorreu, inegàvelmente, para o adensamento da população. Nos últimos anos do século passado, a fase em que as migrações estrangeiras para o Brasil alcançaram níveis mais altos, o Estado do Paraná beneficiou-se largamente com o fenômeno. Tanto que, como revelou o Censo de 1900, se contavam em sua população presente nada menos de 12% de estrangeiro e brasileiros naturalizados, enquanto que, no Censo de 1890, a quota correspondente ia pouco além dos 2%. A partir de 1900, a quota de estrangeiros come-

ça a regredir, até um mínimo de 3,6% encontrado em 1950. O gradativo recrudescimento das correntes de migração interna contrapôs-se a êsse declínio, que se interpreta, necessàriamente, como decorrente da redução das correntes de origem estrangeira. De fórma que, hoje em dia, o grande elemento colonizador do Estado provém do próprio País, e se constitui, sobretudo, de paulistas, mineiros, gaúchos, catarinenses e baianos. No Paraná o número de naturais de outras unidades é cada vez maior, tanto absoluta como relativamente. Passou, em 78 anos, de 5,4% sôbre o total da população (Censo de 1872) para nada menos de 32,6% (Censo de 1950). Vale dizer, portanto, que nos dias atuais uma têrça parte dos moradores do Estado é constituída de brasileiros provenientes de outras paragens.

SURTO AGRÍCOLA

Ao surto demográfico justapõe-se o agrícola. O Paraná é tido, no presente como um dos Estados brasileiros de maiores possibilidades agrícolas, e sua produção de origem rural alcança índice equiparáveis aos dos grandes centros tradicionais da lavoura e pecuária. O Censo Agrícola de 1940, em comparação com o de 1920, já demonstrava um crescimento apreciavel da lavoura paranaense, pois o número de estabelecimentos rurais crescera, no curso dos vinte anos mais de cem por cento, ao mesmo tempo que a área coberta pelos mesmos sofreu uma expansão de ordem de 18%. Foi, no entanto, nos dez anos que antecederam o Censo de 1950, que êste crescimento se acentuou. O número de estabelecimentos passou de 64.397 para 89.461, com o acréscimo de 39%; e a área abrangida passando de 6,2% milhões para 8,6 milhões de hectares, cresceu de 28,5%, medida que corresponde à ampliação absoluta de quase 1,8 milhões de hectares. Dessa maneira, pode-se dizer que, em cada ano transcorrido entre 1940-50, as atividades rurais do Paraná incorporaram em média 180 mil hectares de terras novas.

O LUGAR DO CAFÉ

Essa ampliação da área abrangida pelas explorações agropecuárias é devida, em grande parte, à lavoura do café. Parece ocioso falar do extraordinário progresso da cafeicultura no Paraná. Os dados do Censo, apresentados na edição comemorativa, contribuem com informações valiosas e, até certo ponto, inéditas, para a apreciação do admirável fenômeno econômico-social. Assim, os cafèzais paranaenses contavam em 1950, mais de 278 milhões de pés, o que equivale ao aumento de 203 milhões (quase três vêzes), em relação a 1940. Mas ainda não se alcançara o ponto mais alto da progressão tanto assim que, em 1950, uma parcela ponderável dessas plantações (correspondente a mais de 42% do total de pés), era formada por pés novos. Dêsses elementos segue-se uma conclusão necessária: a de que a lavoura do café continua a crescer, a conquistar novas áreas, a se expandir na "terra roxa" do noroeste do Estado, onde as condições mesológicas — dizem os técnicos — são tão bôas, ou melhores, do que as das melhores zonas cafeeiras de São Paulo.

A INDUSTRIALIZAÇÃO

A expansão da agricultura, e particularmente o impressionante incremento da lavoura do café, definem o Paraná dos nossos dias. Mas, até como consequência necessária dêsse

enriquecimento rural, outras atividades econômicas encontram, no Estado, terreno propício para prosperar, como também revelam os resultados do Recenceamento. As indústrias, em primeiro lugar, têm evoluído com notável celeridade. Entre 1940 e 1950, o número de fábricas aumentou de 78%; a mão-de-obra industrial pràticamente duplicou; o valor da produção multiplicou-se nove vêzes, alcançando mais de 3,7 bilhões de cruzeiros neste último ano. O movimento comercial também se desenvolveu com intensidade, como não podia deixar de acontecer. De forma que o montante das vendas realizadas pelo comércio varejista e pelo atacadista excedeu de dez vêzes em 1950 a quantia registrada em 1940; o número de estabelecimentos comerciais era, em 1950, 86% maior do que em 1940; o pessoal ocupado pelas casas comerciais experimentou, 112%. O outro aspecto da vida econômica do Estado que o Recenseamento de 1950 investigou — a prestação de serviços — sègue, de um modo geral, os índices de crescimento verificados na indústria e no comércio. Considerados no conjunto, os estabelecimentos de prestação de serviços aumentaram de 39%, o pessoal por êles ocupado cresceu de 90%, e a receita multiplicou-se onze vêzes.

(Do "Correio da Manhã" — Rio, 20-12-53).

"De todos os produtos da vida na terra, não creio que haja outro que dê à alma uma sensação mais serena e mais profunda do que uma árvore, em todo o seu esplêndido vigor. A Força não pode encontrar imagem mais enternecedora: é um Hércules que não feriu ninguém, é um gigante alimentado pelo orvalho."

(Da Academia Francesa)
ABEL BONNARD

NOVA CORRIDA PARA O CAFÉ

SILVIO GALVÃO
(Assessor da FARESP)

O estímulo dos preços altos está fazendo do plantio do café um verdadeiro "rush". Só a Prefeitura de Botucatú está fornecendo meio milhão de mudas. Já é profissão de diversas pessoas, alí, produzi-las para a venda. A Sorocabana está entregando naquela cidade milhares de mudas por dia. Pelas estradas, em todas as direções, numerosos caminhões rodam carregados delas. Além disso, vicejam elas em quantidade nos viveiros de sítios e fazendas. Os lavradores, pressurosos, aproveitam as últimas chuvas desta temporada para plantá-las.

O fenômeno é geral no Estado. Os cooperadores do governo estadual, segundo notícia recente, produziram cem mil quilos de sementes selecionadas. O "caturra" e o "bourbon" dominam as preferências dos plantadores, alguns dos quais conseguem com dificuldade sementes do "mundo novo".

Repete-se a história do café com impressionante regularidade: o preço alto conduzindo à superprodução, está à ruina e à escassez, que por sua vez restabelecem os preços elevados. Não haverá meio de transmitir à cafeicultura rítmo menos dramático? Basta lembrar que, se não fosse a última geada, a atividade cafeeira seria hoje deficitária. O cafeicultor vive, assim, sacudido por uma sucessão continua de emoções violentas ou de graves preocupações que não lhe dão descanso, porque a elas não pode fugir, mesmo quando em férias. Há apenas um ano, temia ele os preços baixos. A seguir veio, para muitos, a desgraça climatérica. Ainda gemem as vítimas da catástrofe recentíssima, e já se difunde por toda a parte um entusiasmo gerado na própria visão dos cafèzais mortos... A atividade cafeeira é, pois, uma nova "Phenix", que não apenas renasce, mas nutre-se das próprias cinzas.

Se o cafeeiro fosse planta anual, sempre haveria meios de amenizar a intensidade do drama, pelo aumento ou restrição espontâneos do plantio, cujos efeitos a curto prazo controlariam naturalmente a produção. Mas, além de perene, essa cultura é trabalhosa e cara, exigindo muito braço e aparelhamento dispendioso. Quem alinha um novo cafèzal, compromete-se por mais de uma geração; traça-se um programa de vida que não pode ser cancelado, às vezes nem pelos filhos, a menos que a produção não mais compense o esforço empregado. Conseguintemente, quem se dedica a essa lida não pode ser, imediatista, porque, se tira proveito nas quadras felizes, não tem recuo na hora da adversidade.

Enquanto o preço do produto se eleva, o reajustamento do custeio acompanha a curva ascendente do valor da produção. Mas, quando a baixa se declara, esse reajustamento torna-se impossível. O braço, inconformado, prefere debandar para a indústria, porque não vê compensação em outras culturas, que não lhe proporcionam o elevado padrão de ganho a que o café o

habituou. E o fazendeiro, desarvorado a frente de seus milhares de cafeeiros sempre exigentes de desvelos, sente-se irremediàvelmente falido, ante a impossibilidade de mudar o destino de sua propriedade, estruturada em definitivo para uma atividade permanente.

A ruina do cafeicultor é muito séria. A recuperação, muitas vezes, não se opera, ainda que amparada pelo crédito. A propriedade passa, então, a outras mãos, e em tal escala se processa esta liquidação dolorosa que chega a acarretar em boa parte a substituição da aristocracia rural.

Por tudo isso, é imperioso que o poder publico faça alguma coisa no sentido de cuidar da cafeicultura, de acôrdo com sua natureza longeva. Parece inoportuno pensar em têrmos de tragédia numa ocasião destas, em que domina os espíritos uma espécie de euforia. Em mèio ao entusiasmo reinante, a voz do bom senso incomoda com a estridência de uma requinta desafinada. Não importa. Alguém precisa desempenhar o papel do escravo na festa do triunfo, para lembrar que a embriaguês da vitória também pode levar à derrota. Aqui, porém, o "memento homo" deve ser dirigido sobretudo ao govêrno, a quem cabe considerar os fatos com os olhos no futuro, calculando friamente as consequências dos movimentos coletivos.

Considere-se, por exemplo, que ultimamente se tem plantado café a torto e a direito. A latitude e a altitude deixaram de condicionar a localização de cafèzais. Os ensinamentos de nossa experiência secular já não conseguem dirigir os plantadores. Cumpre que o I. B. C., enquanto é tempo, discrimine, oficialmente, para conhecimento de todos, as condições desejaveis do plantio. Feito isso, negue-se financiamento às novas culturas que, por ignorância ou malícia, forem planejadas fora destas condições.

Para a teimosia dos que não querem aprender, ou para a solercia dos que teimam em especular, deve-se admitir como legítima a intervenção do poder público em defesa da economia geral. Cremos que não se faz necessário, no caso, proibir; mas é útil, eficiente e justo, negar o amparo oficial a iniciativas sujeitas a risco evidente e desnecessário.

Basta-nos a sobrecarga das lavouras anti-econômicas existentes, que tanto dificultam nossos passos na marcha para a frente. Propusemos, há dois anos, o financiamento técnico do algodão, como único meio de restaurar esta cultura. Já é tempo de se traçarem as normas preliminares para que, paulatinamente, esse tipo de financiamento seja também aplicado ao café, cuja cultura só em moldes tecnicos pode ser recuperada com êxito.

(Da "Fôlha da Manhã", 11-4-54)

APONTAM-SE INCONVENIENTES NO EMPRÊGO DO SOMBREAMENTO NOS CAFÈZAIS DE SÃO PAULO

O INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS VEM REALIZANDO EXPERIÊNCIAS SÔBRE O DEBATIDO PROBLEMA

Alaor PACHECO RIBEIRO

O sombreamento dos cafèzais continua sendo motivo de debates. Os que defendem essa técnica afirmam que ela proporciona proteção contra os ventos e a erosão, e fornece continuamente matéria orgânica ao solo.

Assèveram ainda que, em virtude dessas vantagens e de outras, o café obtido é de melhor qualidade. Como exemplo, citam de preferência a Colômbia, país produtor de cafés finos.

A fim de dirimir dúvidas e de esclarecer de uma vez para sempre o problema, o Instituto Agronômico de Campinas desde há alguns anos vem realizando uma série de experiências. agora em fase bem adiantada. Baseado nos estudos já efetuados, o sr. Frank Yates, da Estação Experimental de Rothamsted, Inglaterra, e que recentemente visitou aquela instituição brasileira para rever as atividades de experimentação de campo e os problemas estatísticos relacionados com o trabalho que lá se efetua, afirmou categòricamente: "Diante dos resultados verificados nas experiências de sombreamento do café, não se indica sua intensificação".

OS RESULTADOS SÃO CONTRÁRIOS AO SOMBREAMENTO

O balanço do que se tem feito em matéria de sombreamento no Instituto Agronômico é desfavorável à iniciativa de um modo geral. As plantações sombreadas tem apresentado menor rendimento, ao lado de outros inconvenientes, como veremos. As próprias palavras do especialista inglês indicam que essa técnica não poderá ser adotada com êxito e segundo é compreendido, pelo menos no Estado de São Paulo, respeitadas algumas poucas exceções que ainda estão sendo estudadas. Daí a razão de ter dito não se indicar a intensificação desse trato.

O AGRONÔMICO PROSSEGUE EM SEUS TRABALHOS

Como é de sua alçada e como já fez anteriormente no setor das pesquisas, mesmo quando o café sofreu sua maior crise e quase tôdas as plantações se encontravam abandonadas, o Instituto Agronômico prossegue em seus estudos sôbre a cultura à sombra. Depois de numerosas experiências para determinar a árvore mais indicada, ocasião em que instalou coleções de essências em várias regiões, concluiu ter o ingàzeiro as características desejadas, pois seu crescimento é rápido e a copa adquire uma forma excelente, abrindo-se os ramos como guarda-chuva. Verifica-se, no entanto, que a proteção que a árvore de sombra proporciona tem eficiência limitada e que no tocante ao problema da sêca há mais desvantagens que conveniencias. Assim, nos períodos de estiagem a árvore retira do solo tal quantidade de água que o cafeeiro é sensìvelmente prejudicado, com danosas consequências para a produção.

Para melhor contrôle de suas investigações, o Instituto Agronômico, ao de talhões com sombreamento, mantém outros idênticos ao sol, procurando aos dois proporcionar sempre as mesmas condições de trato e outras que se fazem necessárias. Desta forma, admite-se que a única variação existente é a de cultura ao sol e à sombra.

AUMENTO DA BROCA

Segundo narra a literatura especializada, a broca do café, "Stephanoderes hampei", foi introduzida no Brasil com sementes importadas do Congo Belga e possìvelmente de Java, isto aproximadamente no ano de 1913. Sòmente em 1924, porém, seus estragos e prejuízos se fizeram sentir com intensidade em São Paulo. Agora, segundo declaram os próprios técnicos do Agronômico, não é a broca mais o fantasma de ontem, graças ao B. H. G., além, evidentemente, de outros cuidados que se tomam, como o repasse.

De qualquer forma, porém, chegou-se à conclusão de que o sombreamento favorece a proliferação da praga e embora esta possa ser combatida com eficiência, consoante dissemos, implicará seu aumento maiores gastos, o que encarece o produto.

Farta literatura sôbre o sombreamento e a broca atesta que os cafèzais que não estão expostos ao sol são mais infestados. Nas plantações da fazenda Mato Dentro, no município de Campinas, verificaram-se em 1943 as seguintes porcentagens de ataque da broca: à sombra, 44,0% e ao sol, 5,3%; e em 1944, 89,5% e 13,9%, respectivamente. Estudos realizados na África apresentam o mesmo comportamento em relação à incidência da broca, embora com outras porcentagens.

Também o ataque ao "Stephanoderes" pela vespa de Uganda importada da África em 1929, faz-se com menor intensidade nos cafèzais sombreados, pois ela é mais ativa ao sol. Além do mais, segundo afirmam os técnicos, há maior dificuldade em mantê-las no cafèzal durante os meses de entre-safra, porque os frutos caídos são abrigados pela manta de folhagem caída das árvores e embora ofereçam condições de reprodução à broca, não podem ser procurados pelas vespas.

CASOS FAVORÁVEIS AO SOMBREAMENTO

Casos há, no entanto, favoráveis ao sombreamento, segundo informações que têm sido divulgadas, geralmente de fonte particular. Como a questão continua em debate e considerando o Instituto Agronômico a necessidade da coleta de maior volume de dados para completar e dar a conhecer sua opinião definitiva sôbre a conveniência ou não dessa técnica, os estudos prosseguirão. Mas, segundo tudo indica, o sombreamento dos cafèzais não se recomendará no Estado de São Paulo, pelo menos de conformidade com a técnica adotada por vários países.

O CASO DA COLÔMBIA

Considera-se que na Colômbia o sombreamento é uma necessidade dada a topografia acidentada das suas terras, bem como por outros motivos. Além disso a unidade do ar é de tal teôr no inverno, que as árvores de sombra pouco prejudicam a alimentação dos cafeeiros, já que a quantidade de água que retiram do solo é menor. Não é êste o caso de São Paulo, cujo inverno é bastante sêco. Também êste ponto importante do problema do sombreamento continua em estudos no Instituto Agronômico.

O CAFÉ VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 874 CARTA SEMANAL DO MERCADO 2 de Abril de 1854

SITUAÇÃO GERAL: As atividades econômicas nacionais desta semana podem ser descritas nos mesmos têrmos das da semana passada e, de fato, mais ou menos nos mesmos têrmos das atividades dos últimos quatro mêses. Não tem havido nenhuma mudança significativa na tendência de descenção dos principais índices que temos mencionado em nossas mais recentes Cartas. Continuam baixando os níveis da procura dos consumidores, das pessoas empregadas e da produção industrial.

Estamos agora na Primavera, e aproximando-nos da Pásqua. Os funcionários governamentais e, na maioria, os homens de negócios estão esperando uma reversão da situação atual de descenção geral. Em todo o país, os comerciantes varejistas acham que haverá ligeiras melhoras na procura dos consumidores, em consequência dos recentes cortes feitos aos impostos de consumo que, segundo se calcula, darão aos consumidores uma economia de 999 milhões de dólares por ano — cortes êsses que entraram em vigor à meia noite de ante-ontem. O Mercado da Bolsa já revelou uma firmeza que parece decorrer da referida redução dos impostos sôbre o consumo. Durante esta semana, as transações de corretagem chegaram ao seu máximo, no período dos últimos seis mêses, e, em virtude da grande procura, os preços das ações chegaram ao seu máximo no período dos últimos 24 anos.

Outros indícios favoráveis são os dos estoques dos manufatureiros, que, em alguns casos, estão quase no seu nível normal. Algumas firmas informam que os negócios estão se incrementando. Segundo estudos feitos, os novos produtos e alguns dos velhos produtos, com novos desenhos e qualidade melhorada, estão sendo bem vendidos.

MERCADO DO CAFÉ: Renovaram-se as atividades, na quarta-feira, depois de dois dias de calma, tanto no mercado de cafés físicos como no de cafés futuros. A calma do mercado, no começo da semana refletia a venda apreensiva dos futuros e o pouco interêsse dos torradores pelos cafés físicos. Os preços, seguindo de perto a situação da procura, declinaram bruscamente no começo da semana, mas voltaram a subir no meio da semana para, afinal, alcançar um novo recorde.

Ao fechar-se ontem a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, as várias posições, no Contrato "S" revelaram ganhos de 198 a 208 pontos. O mais alto nível de preços se registrou nas posições de Maio e Julho, em 94½c/ a libra no fechamento de ontem, o recorde anterior foi de 93.33c/ na posição de Julho, estabelecido justamente há uma semana, no dia 25 de Março passado. Entrementes, o comércio prosseguiu relativamente ativo, com 1.170 contratos, que

é um alto nível, embora inferior ao das semanas mais recentes. E a posição aberta, continuando a expandir, está agora com 2.602 lotes, ou 91 lotes acima da semana passada. No mercado do café verde, chegou quase a $1.00 a libra, e os cafés colombianos sôbre a água estavam, segundo se informa, sendo vendidos a 98¼, ex-doca, e o café Santos 4 de 89½ a 90c/, FOB.

Além da situação de quase equilíbrio entre a oferta e a procura, a greve nas docas continua a ser um importante fator para a alta dos preços do café, constando que a greve vai ser demorada, apesar das declarações ao contrário, e talvez se estenda a outros portos. Trata-se de uma greve que não decorre de uma disputa entre empregados e empregadores, mas de uma luta entre sindicatos em busca de hegemonia.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais: Dados semanais: EE. UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL *	27/3/1954	207	74	40	321
	20/3/1954	161	147	24	332
	28/3/1953	249	79	16	344
COLÔMBIA **	27/3/1954	26.683	25.422	352	52.457
	20/3/1954	106.294	11.398	1.440	119.132
	28/3/1953	81.942	2.623	1.427	85.992

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 27/3/54	20/3/54	28/3/53
BRASIL *	Santos	1.777	1.812	1.700
	Rio	384	394	212
	Vitória	112	112	30
	Paranaguá	637 a	669 b	1.349 c
	Pernambuco	19	23	9
	Bahia	19	21	16
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.965	3.048	3.327
COLÔMBIA **	Barranquilla	70.860	61.080	146.304
	Cartagena	34.136	35.837	51.029
	Buenaventura	94.806	63.672	163.378
	Cúcuta	45.668	47.860	135.591
	TOTAL	245.470	208.449	496.302

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
27/3/1954	97.889	117.948	94.818	310.655
20/3/1954	121.125	122.968	106.144	350.237
28/3/1953	83.098	62.050	58.925	204.073

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
a) 548.000 livres e 53.000 retidos
b) 596.000 livres e 73.000 retidos
c) 644.000 livres e 705.000 retidos

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 2 de Abril de 1954

ABASTECIMENTO MUNDIAL DE CAFÉ E A PRODUÇÃO: — A produção mundial de café em 1953-1954 foi calculada em 40.300.000 sacas (de 132.276 libras), menor que as de 1952-1953 e de 1951-1952, as quais foram, respectivamente, de 40.800.000 e 39.200.000 sacas. A produção média no período antes da guerra (1935-1936/1939-1940), foi de 41.600.000 sacas por ano, isto é, 3% acima das estimativas para 1953-1954; e a produção média logo depois da guerra foi de 36.900.000 sacas por ano, isto é, 9% abaixo das estimativas para 1953-1954.

Os abastecimentos de que o mercado mundial poderá dispôr para satisfazer suas necessidades são escassos, com 4 milhões de sacas menos do que a média relativa a todo o período de após guerra, que foi de 50.500.000 sacas.

Desde 1947-1948, a distribuição do café para o consumo mundial vem ultrapassando a produção, e essa diferença do consumo sôbre a produção foi satisfeita com os excedentes de outras safras, acumulados no final de cada ano agrícola. Êsses excedentes, entretanto, vêm se reduzindo, num rítmo de .... 1.850.000 sacas por ano, nos últimos seis anos. Os excedentes, no princípic do ano agrícola de 1947-1948, eram de 17.000.000 sacas; no comêço do ano agrícola atual não passavam de 6.000.000 de sacas. O total dos abastecimentos mundiais disponíveis no ano de 1948-1949, que foi o máximo jamais registrado, ascendeu a 52.400.000 sacas; no ano de 1953-1954, o total é de ...... 46.300.000 sacas.

EL SALVADOR

Exportação: No período de Outubro de 1953 a Fevereiro de 1954, as exportações de cafés de El Salvador chegaram a 593.119 sacas. No período correspondente anterior, de 1952 a 1953, as exportações foram de .... 801.890 sacas. Os estoques nos portos, em 28 de Fevereiro de 1954, eram de 86.226 sacas apenas. Na mesma data, em 1953, os estoques eram de 133.226 sacas.

VENEZUELA

Interêsse pelo café colombiano: (UP) Alguns torradores venezuelanos estão pesando a possibilidade de importar café colombiano para fazer uma mistura econômica. Êles haviam pedido ao Ministério da Agricultura, recentemente, que as exportações venezuelanas fôssem limitadas para se assegurar o abastecimento de café do mercado interno. Agora, julgam que talvez a importação de café da Colômbia solucione o problema.

Guillermo Yépez Trujillo, dono de uma das maiores firmas de torradores, declarou a medida referida poderá parecer incongruente, mas, se outros artigos são importados, não há razão para que não se importe o café colombiano, com o fim de remediar a situação.

Os torradores insistem que se deve tomar uma medida qualquer para que não ocorra uma alta dos preços.

COLÔMBIA

Um discurso do Presidente: Em discurso pronunciado recentemente, em Neiva, o Coronel Gustavo Rojas Pinilla, Presidente da República da Colômbia, disse o seguinte: "O café constitui a principal fonte de divisas estrangeiras para a Colômbia, divisas que servem para melhorar o nível de vida do povo. Nosso melhor cliente são os Estados Unidos, e a Colômbia, por sua vez, gasta naquele país a maior parte dos dólares que obtém com a venda do café, comprando artigos de necessidade... Nos momentos de maior perigo, quando estava iniciando sua luta gigantesca em defesa da democracia, o govêrno dos Estados Unidos congelou os preços do nosso produto principal de exportação e isso ocorreu quando os preços em que os ditos preços estavam chegando a um nível mínimo equitativo. A Colômbia aceitou êsse sacrifício no interêsse da solidariedade inter-americana, mas êsse sacrifício lhe custou uns $700.000.000, que, nas mãos do povo colombiano, seria uma remuneração parcial de seus esforços... Na Alemanha, onde os salários se acham de 30 a 50% abaixo dos Estados Unidos, o consumidor até os meados do ano passado pagou cêrca de $3 a libra... Para o desenvolvimento e a consolidação progressiva do intercâmbio econômico entre os Estados Unidos e a Colômbia, é indispensável que o café seja pago pelos preços que merece... Sòmente dispondo de dólares suficientemente poderemos comprar — sem distinções odiosas — aos industriais norte-americanos os artigos que necessitamos."

BRASIL

Conservação do solo: Um técnico dos Estados Unidos, de grande autoridade, está dando sua assistência ao Estado de São Paulo, na organização de um programa científico para a conservação do solo. O perito em questão, professor Hugh Bennett, ex-diretor do Serviço de Conservação do Solo dos Estados Unidos, foi a São Paulo a convite do Sr. Renato Costa Lima, Secretário da Agricultura daquêle Estado. As fases iniciais do programa serão levadas a efeito sob a direção do professor Bennett, na Fazenda de Mato Dentro, em Campinas, numa Estação Experimental do Instituto de Agronomia de São Paulo. O programa referido constará de três importantes fases: 1) recompilação das estatísticas de todos os aspectos relacionados com o solo, entre os quais o declível, o grau de erosão, a quantidade de precipitação pluvial e o uso que se faz dos terrenos; 2) classificação dos solos de acôrdo com seus fatores de utilização; e 3) planejamento de caminhos e de estradas.

N.º 875 CARTA SEMANAL DO MERCADO 9 de Abril de 1954

SITUAÇÃO GERAL: ..Poucas vêzes os indicadores econômicos têm oferecido uma oportunidade como a de agora para os que fazem vaticínios sôbre a economia —tanto os otimistas como os pessimistas. As estatísticas se acham tão confusas que, com um pouco de diligência, para escolhê-las, qualquer pessoa pode mostrar que a tendência de retrocesso econômico está estacionada ou que continua. Ambos elementos se acham presentes, e nenhum é predominante, mas nesta semana houve surpreendentes mudanças nas estatísticas de escopo nacional, que dão esperanças de uma situação melhor.

Pela primeira vez, desde o mês de Maio do ano passado, há informações de que melhoraram as condições dos negócios. Os estoques, em geral, foram reduzidos, quase ao nível normal, às compras aumentaram nas cidades principais, embora as compras, no país inteiro, tenham diminuido ligeiramente; e há outros indícios de melhoras. O desemprêgo continua, mas em proporção menos acentuada; os preços têm mostrado mais firmeza, especialmente nos mercados de produtos essenciais; e a redução dos impostos, segundo se espera, incrementará as compras. De todos êsses fatores se pode concluir que a fase pior do reajustamento de 1953-1954 já passou. Essa é a conclusão geral a que chegaram os mais autorizados analistas de economia dos Estados Unidos, bem como os homens de negócios e os banqueiros. Isso não quer dizer que a economia terá uma grande melhoria em curto espaço de tempo. Como dissemos antes, os indicadores econômicos estão confusos e alguns dêles têm um aspecto desencorajador. Normalmente, aumenta o número de pessoas ocupadas, aumentam as vendas a prazo e aumentam as vendas comuns, quando a Primavera, mas os indicadores dêsses elementos continuam a revelar diminuição em lugar de um aumento. De qualquer modo, entretanto, as perspectivas agora são em geral otimistas, esperando-se que no segundo trimestre de 1954 os negócios melhorem, e em mais do que se esperava no princípio do ano.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana passada, o movimento dos preços no mercado do café também foi confuso. Os negócios principiaram vagarosamente, acelerando-se depois no meio da semana, de modo que no fim da semana a situação se tinha tornado mais fácil. Os preços marcaram uma linha em zigue-sague, em brusco contraste com a tendência geral de ascenção notada nos dois últimos mêses. A greve dos estivadores, que interrompeu as atividades do pôrto de Nova York durante quase um mês, terminou na sexta-feira passada, e a grève foi um fator indubitàvelmente favorável à subida dos preços, de modo que agora, terminada a greve, haverá uma tendência contrária, embora de caráter temporário. Com a terminação da greve, cêrca de .. 500.000 sacas de café se acharão disponíveis — em parte para os revendedores e em parte para os torradores, diretamente —, assim melhorando a situação de premência que se havia estabelecido por motivo da greve.

Na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, a atividade no Contrato "S" foi mais intensa esta semana, mas os preços baixaram. As margens se alargaram nas diferentes posições, e ao fechar-se o mercado ontem, haviam sido notadas baixas de 208 a 240 pontos. O total das vendas ascendeu a 1.300 lotes — isto é, 600 acima do total da semana passada. As posições abertas continuaram a expandir-se e esta manhã o total dos lotes vendidos era de 2.742. em comparação com os 2.603 da semana passada.

O mercado de físicos esteve um tanto indeciso, com os compradores e os vendedores muito apartados. Os preços dos cafés retidos pela greve, para re-venda, foram inferiores aos preços das ofertas iniciais. O Café Santos 4, base FOB, se manteve em 92.50 c/ a libra, ao passo que os cafés colombianos estavam sendo oferecidos firmemente a 94.75c/ sôbre a água, e a 93.50c/, — base ex-doca.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE. UU.	Destinos Principais: Dados semanais: Europa	Outros	Total
BRASIL *	3/4/1954	217	97	13	327
	27/3/1954	207	74	40	321
	4/4/1953	109	73	39	221
COLÔMBIA **	3/4/1954	105.953	7.981	3.284	117.218
	27/3/1954	26.683	25.422	352	52.457
	4/4/1953	133.185	12.947	2.947	149.039
	Dados mensais:				
BRASIL *	Março, 1954 ***	795	514	100	1.409
	Fevereiro, 1954	539	320	103	962
	Março, 1953	776	468	130	1.379
COLÔMBIA **	Março, 1954	370.680	89.824	3.013	463.517
	Fevereiro, 1954	479.363	149.921	12.262	641.546
	Março, 1953	488.734	37.418	15.316	541.468

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 3/4/54	27/3/54	4/4/53
BRASIL *	Santos	1.750	1.779	1.742
	Rio	371	384	166
	Vitória	115	112	41
	Paranaguá	596 a	637 b	1.311 c
	Pernambuco	18	19	14
	Bahia	22	19	16
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.889	2.965	3.301
COLÔMBIA **	Barranquilla	85.928	70.860	143.061
	Cartagena	36.880	34.136	56.003
	Buenaventura	49.328	94.806	130.209
	Cúcuta	46.835	45.668	133.706
	TOTAL	218.971	245.470	462.979

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
3/4/1954	91.205	109.749	83.283	284.237
27/3/1954	97.889	117.948	94.818	310.655
4/4/1953	93.745	72.943	60.794	227.482

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
(***) Dados preliminares, sujeitos a retificação
a) 570.000 livres e 26.000 retidos
b) 584.000 livres e 53.000 retidos
c) 654.000 livres e 657.000 retidos

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 9 de Abril de 1954

EL SALVADOR

Situação econômica: A situação econômica de El Salvador, marcada por uma atividade mais intensa, revelou-se melhor em Janeiro do que se esperava, segundo as previsões feitas em Dezembro.

Uma pequena colheita de café, a diminuição dos negócios depois das festas do fim do ano, crescentes impostos e certo temor de um retrocesso econômico nos Estados Unidos, tudo isso tornava um pouco pessimistas as perspectivas do futuro imediato. Apesar disso, observou-se um melhoramento nos preços do café que serviu para compensar parcialmente a pequena colheita, a qual, segundo se espera, será inferior à anterior — uns 25% em volume e uns 15% em valor.

Nos fins de Janeiro apenas haviam sido exportadas 469.515 sacas de 60 quilos da colheita de 1953-1954, e, segundo as últimas estimativas, sòmente haverá um 430.000 mais dessa mesma colheita para exportação, ascendendo o total de café exportável a uma 900.000 sacas, ao passo que a exportação da colheita passada foi de 1.217.500 sacas.

(Foreign Commerce Weekly — 29 de Março de 1954)

GUATEMALA

Proibida a exportação de 5 classes de café: Publicado no Diário Oficial de Guatemala, acha-se em vigor um decreto segundo o qual fica proibida por seis mêses a exportação dos cafés verdes, chochos, cataduras, escolhas e natas, estando a "Oficina Central del Café" encarregada de velar pelo cumprimento dessa medida.

Segundo os "considerandos" do decreto, o alto preço alcançado pelo café da Guatemala no exterior tem tido repercussões no mercado interno do país, causando altas excessivas nos cafés correspondentes de baixa qualidade, e, com a proibição da exportação dêsses cafés, não haverá falta dêles para o consumo interno das classes de salários mais modestos.

ESTADOS UNIDOS

Ajuda aos cafeicultores: A Junta Diretiva da Associação Nacional do Café adotou, no dia 8 de Março, em Nova Orleans, uma resolução segundo a qual se solicita ao govêrno dos Estados Unidos assistência técnica aos países produtores de café em todo o mundo.

A ajuda solicitada seria dada por intermédio da agência federal "Mutual Security Administration", que assumiu as funções do Programa do Ponto 4.

O Sr. O'Connor, Presidente da Associação, indicou que o plano da Junta Diretiva é de largo alcance, baseado em fatos, pois só o aumento da população dos Estados Unidos requer que o consumo de café no mercado norte-americano aumente de uns 50% até o ano de 1975, em comparação com o consumo atual.

Como o cafeeiro só pode ser cultivado em certos climas, é necessário que se ampliem os estudos e as pesquisas, para se achar um meio de incrementar a produção individual do cafeeiro.

(Boletim da Associação Nacional do Café — 19 de Março de 1954)

O preço da xícara de café: Segundo uma informação publicada recentemente pelo Wall Street Journal, o preço da xícara de café foi aumentado num restaurante de Boston, de 10 para 15 centavos, para os clientes que fazem despesas inferiores a 30 centavos, mas as vendas baixaram tanto, nas horas da "Pausa para o Café", pela manhã e pela tarde, que os proprietários do restaurante voltaram a cobrar apenas 10 centavos pela xícara de café.

(American Restaurant Magazine — Março de 1954)

Cooperação nas vendas, com um prêmio de café: Os armazéns alimentícios "Diamond K Markets", de Yonkers, em Nova York, fizeram um acôrdo com uma loja local para um sistema de vendas conjuntas que atraiu muitas donas de casa, sempre em busca de pechinchas em suas compras.

A loja "Gennung" de calçados ofereceu um bônus às freguêsas pelas suas compras, e com êsse bônus elas poderiam receber, em qualquer dos armazéns antes referidos, uma libra grátis de café.

(Grocer Graphic — 30 de Março de 1954)

Bebidas gasosas: A emprêsa Pabst Brewing Cp, por meio da sua filial Hoffman Beverage Co., de Newark, New Jersey, começou a vendar bebidas gasosas em lata, depois de muitos mêses de pesquisas sôbre o assunto. Os estudos feitos revelaram uma reação favorável do público em relação ao novo produto, uma vez que as latas, do tipo comum de tampas chatas, podem ser com facilidade guardas em armários e pratileiras. Essas latas são semelhantes às latas usadas pela Pabst para a cerveja. As primeiras bebidas gasosas que vão aparecer dessa forma no mercado são as seguintes: "Tap-aCola" (de baixas calorias) e "Tap-a-Cola Extra-Dry" (extra-sêca).

(Grocer Graphic — 30 de Março de 1954)

N.º 876 CARTA SEMANAL DO MERCADO 16 de Abril de 1954

SITUAÇÃO GERAL: Mais uma semana sem indícios de uma tendência de ascenção no mundo dos negócios. As transações comerciais se mantiveram num alto nivel, e certos fatores estimulantes, geralmente pouco comuns, puderam ser observados em certas seções da economia. Os observadores concluem que, de um modo amplo, as atividades econômicas do paíes se manterão talvez no mesmo nível, ou possìvelmente um pouco abaixo do presente nível, ainda durante muitos mêses. As compras da temporada da Páscoa, especialmente as das roupas, têm aumentado, e os grandes magazines registraram um volume de negócios, na semana que terminou no dia 10, ligeiramente acima do nível registrado o ano passado na semana anterior à Páscoa do ano passado.

A produção em Março diminuiu de 1% em relação a de Fevereiro Durante o primeiro trimestre de 1954, o valor total da produção nacional, em grosso, (incluindo mercadorias e serviços), numa base anual, diminuiu para .... $359.000.000.000: a produção nacional do último trimestre de 1953 foi de .. $363.000.000.000, e a do primeiro trimestre de 1953 foi de $363.500.000.000. O número de desempregados permanece mais ou menos em 3.750.000. As economias individuais têm aumentado, o que indica que ha gente prefere o dinheiro as mercadorias . Indica, outrossim, os benefícios das reduções dos impostos. Embora a renda nacional em grosso tenha declinado durante o primeiro trimestre de 1954, em comparação com os trimestres anteriores, as rendas individuais em Fevereiro foram mais altas do que as de Fevereiro do ano passado. O Mercado da Bôlsa teve um movimento de 2 milhões de ações, ou mais, durante esta semana, e ontem algumas ações especiais registraram o seu mais alto ponto no período de um ano.

MERCADO DO CAFÉ Até a quarta-feira, as transações comerciais da Bôlsa do Café continuaram em descenção, tendência que se manifestou claramente durante a semana passada. Os preços dos cafés futuros chegaram a 200 pontos, o limite permitido acima dos pontos baixos do dia. A recuperação continuou ontem na abertura da Bôlsa, com os cafés futuros com mais 200 pontos acima. Baixaram durante uns 10 minutos, mas depois reagiram novamente, mantendo-se no nível alto até o fim do dia. Em geral, a semana curta, por causa da Sexta-Feira da Paixão, terminou com os cafés futuros 400 pontos acima dos pontos baixos de quarta-feira, mas ainda 200 abaixo do fechamento da semana anterior e cêrca de 700 pontos abaixo dos altos pontos alcançados em 2 de Abril.

Para essa reação do Mercado contribuiu, aparentemente, um decréscimo nas ofertas para re-venda do café que se tornou disponível depois da terminação da greve do cais. Ao mesmo tempo, houve indicações de que os torradores se achavam interessados novamente em obter suprimentos.

Na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, as transações do Contrato "S" prosseguiram em rítimo vagaroso, em comparação com a semana anterior, tendo os preços médios registrado uma descenção. O volume total das vendas, entretanto, foi bastante bom, com 1.177 lotes vendidos — apenas 123 lotes menos do que as vendas da semana anterior. Os preços médios das várias posições fôram de 285 a 305 pontos abaixo desta semana, apesar dos aumentos notados no fim da semana. A posição aberta declinou ligeiramente pela primeira vez, depois de várias semanas, estando hoje em 2.720 lotes — isto é, 24 lotes menos do que na semana passada.

O negócio dos cafés físicos acompanhou de perto o dos futuros, mas a recuperação dos físicos no fim da semana foi mais acentuada do que a dos futuros, concentrando-se as atividades principalmente nos cafés suaves. Os cafés colombianos, que no começo da semana foram vendidos até a 84c/ a libra, subiram novamente até 90 e 90½c/ ex-doca. No começo da semana, as vendas FOB do café Santos 4 foram de 86.65c/ e 90c/. Os cafés da América Central estão pràticamente todos vendidos, segundo consta, ao passo que os da Venezuela e de São Domingos não estão sendo oferecidos em sua origem por preços que siquer se aproximem dos níveis atuais.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais: Dados semanais: EE. UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL *	10/4/1954	155	100	20	277
	3/4/1954	217	97	13	327
	11/4/1953	82	117	44	243
COLÔMBIA **	10/4/1954	84.515	1.283	—	85.798
	3/4/1954	105.953	7.981	3.284	117.218
	11/4/1953	67.146	20.406	1.088	88.640

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 10/4/54	3/4/54	11/4/53
BRASIL *	Santos	1.723	1.750	1.755
	Rio	375	371	153
	Vitória	111	115	57
	Paranaguá	547 a	596 b	1.275 c
	Pernambuco	20	18	11
	Bahia	22	22	17
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.815	2.889	3.279
COLÔMBIA **	Barranquilla	66.638	85.928	152.879
	Cartagena	27.269	36.880	36.772
	Buenaventura	111.189	49.328	179.682
	Cúcuta	43.984	46.835	129.860
	TOTAL	249.080	218.971	499.193

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
10/4/1954	96.994	101.167	79.371	277.532
3/4/1954	91.205	109.749	83.283	284.237
11/4/1953	89.542	88.161	63.154	240.857

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
a) 546.000 livres e 1.000 retidos
b) 570.000 livres e 26.000 retidos
c) 691.000 livres e 584.000 retidos

N.º 15 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 16 de Abril de 1954

ESTADOS UNIDOS

Café com chicória: A firma Jewel Tea Co. está vendendo em seus estabelecimentos um produto com a marca "Troxa", que é um café misturado com chicória e cereal, enlatado. Consta que êsse produto já foi oferecido no mercado sob outro nome. Seu preço é de 79c/ a libra.

Segundo dados da "Supermarket News", os estabelicimentos da cadeia de armazéns "A & P" estão incrementando a distribuição da marca de café "Crescent City", que é um produto misturado com chicória e que se vende por uns 15 c/ menos do que a conhecida marca de café da mesma emprêsa "Eight O'Clock".

(G. G. Paton & Co. — 7 de Abril de 1954)

Novo pote de metal para café: Acaba de ser lançado ao mercado um novo pote de metal para café, com capacidade para 150 xícaras, para uso de concentrados líquidos de café. O pote dispõe de duas torneiras, uma para o café concentrado e outra para água quente, necessitada nas sopas, nos chocolates e nos chás. O aparelho é feito de aço inoxidável, pela firma Steel Products. Co, de Cedar Rapids, Iowa, USA. Leva a marca "E-Z Way Coffee Maker".

(Restaurant Management 0 Abril de 1954)

FRANÇA

Cafés coloniais no mercado mundial: Da revista Café Vert transcrevemos o seguinte, sôbre os cafés coloniais:

"Há muitos anos que os nossos cafés procedentes de ultramar convergiam ùnicamente para a metrópole e para a Africa do Norte. A suspensão dos direitos alfandegários, desde a guerra, apenas suprimiu os privilégios coloniais, sem introduzir modificações nos costumes estabelecidos, e nossos cafés Robustas coloniais se acham quase inteiramente absorvidos e consumidos pela metrópole.

O desenvolvimento da produção de café nos territórios africanos permitiu que se aumentasse grandemente a porcentagem dêsses cafés no consumo francês, o qual, em alguns anos, subiu de 20% para 60%... Essa situação levou a Federação Nacional do Comércio de Cafés Verdes a solicitar do Govêrno autorização para re-exportar parte dêsses cafés.

Parecia, com efeito, conveniente encontrar novos mercados consumidores para os Robustas (desconhecidos fora da França), o que representava um trabalho de largo alcance, que as emprêsas especializadas metropolitanas podiam empreender desde antes da guerra, no comércio de exportação de café.

A autorização solicitada pela Federação foi concedida em Maio de 1953 pela Secretaria de Estado de assuntos economicos estabelecendo-se que tôda a tonelagem de café assim exportado aos países da União de Pagamentos da Europa fôsse substituida por uma tonelagem igual de cafés brasileiros.

Infelizmente, por causa da sua escassez, os cafés de ultramar registraram uma sensível alta durante o verão, ficando os seus preços acima dos níveis mundiais, de maneira que essas operações foram, em conjunto, insignificantes.

Os exportadores, por sua vez, a favor dessa alta espetacular registrada pelos seus cafés desde o começo do ano, se lançaram numa aventura prometedora, apresentando os seus produtos ao mercado norte-americano, no momento em que o Senador Gillette procura convencer os consumidores dos Estados Unidos que não comprem café do Brasil, ou, pelos menos, tal parece ser o efeito da sua campanha. Outros cafés, em tais condições, receberam boa acolhida e estão interessando os fabricantes de cafés solúveis.

Os equipamentos mecânicos de que dispõem os grandes centros de exportação africanos têm permitido que se consiga certa homogeneidade nos lotes de café, requisito indispensável para serem aceitos pelos torradores dos Estados Unidos. Ademais, os preços, a miúdo mais vantajosos que os do café do Brasil, têm contribuido para a formação dêsse movimento, de exportação o qual tem adquirido certo desenvolvimento..."

(Café Vert — Paris — Havre, Março de 1954)

N.º 877 CARTA SEMANAL DO MERCADO 23 de Abril de 1954

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana passada, os observadores econômicos que procuram vislumbrar sinais indicadores de uma curva ascendente nos negócios começaram a transferir a sua atenção para as possibilidades do outono. Por várias razões, não se considera provável que a situação geral melhore durante esta primavera. A produção de Março, que normalmente aumenta, nesta temporada, diminuiu de 1% em relação à de Fevereiro. Em Março, as vendas a varejo nas lojas aumentaram de 10% em relação as de Fevereiro, mas foram 5% inferiores em relação às de Março de 1953. Nos começos de Abril, as vendas nos magazines aumentaram, mas agora, em Nova York, que é um mercado decisivo, as vendas baixaram na semana que precedeu à Páscoa. O desemprêgo aumentou, de certa forma, na semana que terminou em 10 de Abril, tendo as solicitações para compensação de desemprêgo aumentado 13% em comparação com a semana precedente. Em certos setores, calcula-se que a produção de aço, que é um importante índice econômico, não passará, em média, de 70% da sua capacidade, no ano corrente. Isso corresponde a 87 milhões de toneladas, quando as estimativas anteriores eram de 95 a 100 milhões de toneladas. A produção de aço em 1953 foi de 111.600.000 toneladas.

Considerando-se os mencionados aspectos da economia, e o fato de que Abril está já chegando ao fim, parece que a nação terá, como de costume, uma temporada de rítmo vagaroso no verão dêste ano. Ao mesmo tempo, como já observamos nas semanas anteriores, as atividades econômicas continuam num alto nível, não havendo indicações, no momento, de que o govêrno dos Estados Unidos esteja planejando a aplicação de medidas de caráter geral para estimular os negócios. No Congresso, alguns legisladores apresentaram, ou tencionam apresentar, projetos de leis cuja finalidade é mitigar a situação atual de retrocesso econômico.

MERCADO DO CAFÉ: Transações moderadamente ativas e preços reduzidos — eis as características do Mercado do Café, esta semana. A procura aumentou substancialmente, tendo os preços baixado além do limite dos 200 pontos, tanto na têrça-feira como na quarta-feira, e mais 90 pontos ôntem. Não parece haver explicação para a tendência atual do mercado, mas os observadores, na sua maioria, atribuem isso ao fato de que os suprimentos são bastante amplos no mercado e que os importadores podem diminuir as suas importações por algum tempo. Em parte, essa situação também se deve à incerteza do que se pode esperar da colheita brasileira, ora em andamento. Há quem julgue que o mercado, com quase 500 pontos de declínio esta semana, estava continuando a consolidar seus marcados aumentos num no nível de preços.

Por outro lado, o mercado prossegue firme. Em Nova York, espera-se que continue apertada a posição de suprimentos do Brasil. Em 30 de Junho passado, o superavit e os estoques nos portos eram de 2.967.000 sacas, e o total da safra de 1953/54 é estimado em 14.600.000 sacas, ficando, pois, disponíveis, 16.973.000 sacas. As exportações e o consumo nos portos, de Julho a Janeiro, foram de 10.795.000 sacas. Assim, o café disponível para exportação em Fevereiro era de 6.178.000 sacas. Se as exportações de Fevereiro a Junho forem de 1.000.000 de sacas mensalmente, o superavit em 30 de Junho vindouro será apenas de 1.600.000 sacas. Dados preliminares indicam que as exportações de Fevereiro e Março foram de 916.000 e 1.521.000 sacas. respectivamente, e, a calcular-se pela média dêsses dois mêses, o supêravit não execederá 700.000 sacas.

Entrementes, as vendas no Contrato "S" na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York foram de 948 contratos, em sua maioria afetados pelas posições distantes em que prevaleceram os preços mais baixos. Ao fechamento de ontem, restavam 2.822 lotes abertos, um aumento de 24 lotes em relação ao total da semana anterior. Os preços desceram de 345 a 375 pontos esta semana. Durante as duas últimas semanas, o mercado esteve 500 pontos acima dos registros mais baixos e 500 acima dos mais altos.

O mercado dos físicos acompanhou o dos futuros, especialmente quanto aos cafés suaves. Os colombianos estiveram acima de 90c/ a libra no fim da semana passada, mas no fim desta estavam a 86c/. Os cafés do Brasil não flutuaram tanto. Os Santos 4 estiveram entre 85½ e 85¾, hoje, e, exceto por compras ocasionais, os torradores em sua maioria ainda se mantêm apartados das atividades do mercado.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*EE. UU.*	*Destinos Principais: Dados semanais:* *Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL *	17/4/1954	83	74	63	220
	10/4/1954	157	100	20	277
	18/4/1953	195	18	25	238
COLÔMBIA **	17/4/1954	51.282	10.548	292	62.122
	10/4/1954	84.515	1.283	—	85.798
	18/4/1953	195.329	12.463	6.883	214.675

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* 17/4/54	10/4/54	18/4/53
BRASIL *	Santos	1.754	1.723	1.831
	Rio	310	375	162
	Vitória	104	111	53
	Paranaguá	534 a	547 b	1.274 c
	Pernambuco	19	20	10
	Bahia	23	22	20
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.761	2.815	3.361

COLÔMBIA **	Barranquilla	77.856	66.638	122.366
	Cartagena	34.833	27.269	38.844
	Buenaventura	127.653	111.189	149.448
	Cúcuta	43.136	43.984	128.717
	TOTAL	283.478	249.080	439.375

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	*Brasil*	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
17/4/1954	102.788	99.146	97.946	299.880
10/4/1954	96.994	101.167	79.371	277.532
18/4/1953	86.430	102.099	77.964	266.493

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
a) Livres
b) 546.000 livres e 1.000 retidos
c) 813.000 livres e 467.000 retidos

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA *23 de Abril de 1954*

COLÔMBIA

Tratado comercial com a Suécia: A Suécia assinou um novo tratado comercial com a Colômbia, para comprar café colombiano no valor de ...... $6.000.000. Metade do café comprado irá diretamente da Colômbia, sendo que nos primeiros seis mêses o total importado deverá ser de uns $2.000.000. Como no tratado anterior entre os dois países, o pagamento do café será feitos em dólares.

(Foreign Commerce — Weekly — 12 de Abril de 1954)

HAITI

Colheita e preços: A colheita de café do mês de Fevereiro parece ser abundante, esperando-se um total de 400.000 sacas de 80 quilos. Os preços têm subido continuadamente.

O Departamento de Agricultura de Haiti informa que no mês de Janeiro foram distribuidos, na região norte do país, cêrca de 460.000 pés de café novos e que, segundo se espera, serão distribuidos mais 600.000 até o fim desta temporada. Um novo secador mecânico foi instalado em Thiotte pelo Escritório de Contrôle de Produtos. Diz-se que a máquina reduz as perdas durante a secagem e melhora a qualidade do grão. Essa máquina não é usada mais geralmente porque custa caro e porque há falta de eletricidade nas zonas rurais do país.

(Foreign Commerce Weekly — 5 de Abril de 1954)

PERÚ

Exportação: As exportações do café do Perú aumentaram em Fevereiro, pouco depois do princípio da nova colheita. No fim do mês, as exportações aumentaram, com a chegada de 150.000 libras de café — despolpado mas não lavado. O preparo e a escolha dos grãos foram feitos no Perú. A

maior parte das exportações do Perú em 1954, num total de umas 5.000 toneladas métricas, será destinada aos Estados Unidos.
(Foreign Commerce Weekly — 19 de Abril de 1954)

ESTADOS UNIDOS

O café numa Casa de Prego: A revista comercial "Food Field Reporter" mostra, na segunda página da sua edição de 19 de Abril, uma fotografia de uma Casa de Prego, em cuja vitrine aparecem latas de café, ao lado de diversos objetos, como espadas, relógios, revólveres, rádios, etc. Essa Casa de Prego se acha em Fort Worth, no Texas.
(Food Field Reporter — 19 de Abril de 1954)

Limonadas e laranjadas em envólucros de papelão impermeável: Uma emprêsa de Miami, a "Circus Corp.", anuncia que começou a distribuir, por todo o país, limonadas, laranjadas e outras bebidas dêsse gênero, em envólucros de papelão impermeável, semelhante aos usados atualmente pelas companhias de laticínios para o leite. Os novos envólucros serão de ¼ de galão.
(Food Field Reporter — 19 de Abril de 1954)

Coordenação das vendas de café e farinha: A "International Milling Company", fabricante da farinha da marca "Robin Hood", está planejando uma campanha de propaganda, mediante a qual as donas de casa, na área em que aquela emprêsa distribui o seu produto, poderão economizar até 30% nos preços dos seus cafés favoritos. Isso será feito mediante cupons, contidos nos pacotes de farinha, que darão direito a descontos de 10 centavos, 15 centavos, 25 centavos e 40 centavos nas compras de café, respectivamente nos pacotes de farinha de 5, 10, 25 e 50 libras. A "International Milling Co. é a segunda emprêsa do seu gênero em todo o mundo, e a terceira, em volume de vendas, nos Estados Unidos.
(National Coffee Association — Boletim de 12 de Março de 1954)

Vendas de café nos "Supermarkets": Segundo estudo recente, feito pela revista "Progressive Grocer", nos "supermarkets" cujas vendas semanais passam de $10.000, o café ocupa o décimo terceiro lugar na lista das mercadorias que mais se vendem. Essa lista é a seguinte: 1) guloseimas e chicles; 2) pão; 3) leite enlatado; 4) sabão em barras; 5) papel sanitário em rôlos; 6) sabão em pó; 7) alimentos infantis; 8) manteiga; 9) leite; 10) açúcar; 11) feijão cozido; 12) suco de laranja congelado; e 13) café.

Maior eficiência na produção do café: "Se os lavradores norte-americanos cultivassem hoje o milho e o trigo pelos métodos antiquados ainda seguidos no cultivo do café em todo o mundo, êles estariam ainda nos tempos do milho híbrido e da segadeira mecânica de McCormick. Na produção do café não se fêz ainda nenhum progresso em matéria de rendimento por unidade de superfície ou por hora de trabalho. Para aumentar a produção, é necessário aumentar o rendimento do cafeeiro e do trabalhador, por unidade de superfície. Atribue-se êsse atraso ao fato de que a escassez da produção do café é relativamente recente, uma vez que antes de 1944 havia uma produção excessiva que dava lugar à acumulação de Excedentes, especialmente no Brasil."
(Foreign Agriculture — Março de 1954)

KENYA

Melhores métodos de cultivo: A Junta do Café de Kenya, em seu boletim de Janeiro passado, trata do mesmo tema do melhoramento dos métodos da produção do café, dizendo, em parte, o seguinte:

"O aspecto mais interessante da produção do café é a da urgente necessidade de se aumentar o rendimento por acre, na maioria das plantações. Em alguns distritos, poucas plantações têm um bom rendimento. Em parte, sem dúvida, intervêm os fatores das chuvas e dos solos, mas as diferenças se devem principalmente aos métodos de cultivo usados presentementes e à falta de compreensão dos problemas respectivos. Na agricultura moderna, poucas esperanças poderá ter o lavrador que não procurar se valer da ajuda da ciência. . ."

(Junta de Café de Kenya — Boletim de Janeiro de 1954)

N.º 878 CARTA SEMANAL DO MERCADO 30 de Abril de 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Não se registraram mudanças importantes, durante a semana, nas atividades econômicas do país. Alguns aspectos de interêsse se notaram, em relação com certas mercadorias básicas industriais. Observou-se um aumento nos preços de certos materiais industriais, os quais, em conjunto, tinham registrado um declínio, aumento êsse que reflete substanciais aumentos nos preços do chumbo, do zinco, do estanho da sucata de cobre e da borracha, bem como um ligeiro aumento no preço da sucata de aço A procura de metais não ferrosos tornou-se mais intensa, nos fins de Março, com a perspectiva de uma expansão do programa governamental de armazenamento de suprimentos. O índice dos preços de Dun & Bradstreet relativo aos artigos alimentícios vendidos por atacado baixou ligeiramente esta semana, em comparação com o índice da semana passada.

No cenário mais amplo da economia, tornou-se agora evidente, como informamos na semana passada, que os analistas estão aguardando a temporada do outono, à espera de um movimento de ascenção nas atividades econômicas. Entrementes, o Govêrno de Washington não considera necessária a adoção de medidas de emergência com o fim específico ativar o rítimo vagaroso dos negócios. Todavia, o govêrno está se concentrando na realização do seu programa, já apresentado ao Congresso, que, entre outras coisas, trata do financiamento, em têrmos mais liberais, da construção e do melhoramento das habitações, esperando-se que êsse financiamento liberalizado entre em vigor no outono. A construção residencial e comercial, um dos elementos básicos da economia, tem permanecido em alto nível, e os têrmos mais liberais para a aquisição de casas tem como fim fortalecer ainda mais a situação da indústria das construções.

Facilitar ainda mais o crédito, tanto na indústria das construções como nos negócios em geral, é um dos assuntos que estão tendo grande atenção em Washington. Uma das maneiras pelas quais poderiam ser aumentados os fundos para empréstimos seria a de se diminuirem os requisitos relativos à reserva bancária do Federal Reserve System já diminuiram as suas taxas de redesconto de 1¾% para 1½%. Se se facilitar o financiamento da construção de casas, haverá abundância de fundos disponíveis.

Segundo estudos recentes, os gastos com usinas e equipamentos em 1954 serão de $27.200.000.000, quantia inferior à dispendida com o mesmo fim em 1953, mas superior à de 1952. As novas construções, especialmente

as de escolas e de estradas, feitas pelos governos estaduais e municipais, em 1953, custaram $7.100.000.000, e espera-se que em 1954 as construções dêsse gênero custem mais. Essa perspectiva indica a continuação da assistência econômica no setor da maquinaria e de mais elementos de produção.

MERCADO DO CAFÉ: Aumentaram as atividades no mercado do café durante a semana, subindo os preços, recobrando-se o terreno perdido na semana passada. Essa melhoria se atribui às compras feitas por motivo das informações de que serão escassos os suprimentos procedentes do Brasil. Constava que no dia 31 de Março os suprimentos disponíveis, com que se podia contar, eram de 4.185.000 sacas no Brasil, quando, na mesma época, em 1953, eram de 5.550.000 sacas. Além disso, de acôrdo com outras informações, o café exportável do Brasil, relativo à colheita de 1953/1954, que agora está sendo feita, é calculado em 14 milhões de casas apenas, das quais devem ser deduzidas 800 ou 900 mil para consumo nos portos e na costa. Mas muitos observadores acham que os preços têm estado mais baixos e mais irregulares recentemente devido às condições técnicas do mercado — isto é, consolidação do novo nível de preços, e não pela expectativa de aumento dos abastecimentos.

O total dos lotes vendidos no Contrato "S" foi de 1.406, muito acima dos 948 lotes vendidos na semana passada. Nas várias posições, os preços subiram de 150 a 185 pontos, as posições imediatas e as extremas sendo as mais fortes. A posição aberta expandiu bastante: esta manhã era de 3.059 contratos, sexta-feira passada, 2.822.

Os cafés físicos seguiram o rítmo dos futuros, nesta semana, embora fôsse pequeno o volume das vendas. Santos 4, cotados de 85⅜c/ a 86⅞c/ a libra, FOB. Os colombianos subiram 1¼c/ em relação à média da semana passada, cotados entre 86c/ e 90½c/ para embarques de Maio/Junho, durante tôda a semana. Seu preço à vista foi firme, em 87½c/ a libra.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais: Dados semanais: EE. UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL *	24/4/1954	92	88	33	213
	17/4/1954	83	74	63	220
	25/4/1953	116	59	14	189
COLÔMBIA **	24/4/1954	92.970	7.693	50	100.713
	17/4/1954	51.282	10.548	292	62.122
	25/4/1953	125.379	2.837	10.801	139.017

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 24/4/54	17/4/54	25/4/53
BRASIL *	Santos	1.808	1.754	1.888
	Rio	266	310	146
	Vitória	83	140	58
	Paranaguá	551 a	534 b	1.218 c
	Pernambuco	18	19	8
	Bahia	24	23	15
	Angra dos Reis	17	17	11
	TOTAL	2.767	2.761	3.344

COLÔMBIA **	Barranquilla	75.993	77.856	110.002
	Cartagena	29.418	34.833	37.830
	Buenaventura	116.691	127.653	105.986
	Cúcuta	36.370	43.136	123.408
	TOTAL	258.472	283.478	377.226

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO (*)

Colheita:	*Março 1954*	*Fevereiro 1954*	*Março 1953*
1951/1952	—	—	2.000
1952/1953	13.000	13.000	1.654.000
1953/1954	1.560.000	1.986.000	—
TOTAL	1.573.000	1.999.000	1.656.000

Despachos ferroviários, entre 1/Julho/1953 e 31/Março/1954, para:

Santos	5.999.000
Rio	106.000
Angra dos Reis	—
Outros ***	1.146.000
	7.251.000

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	*Brasil*	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
24/4/1954	A T R A S A D O			
17/4/1954	102.788	99.146	97.946	299.880
25/4/1953	87.761	122.813	105.346	315.920

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
(**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
(***) Inclui sacas do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.
a) 550.000 livres e 1.000 retidos
b) 534.000 livres
c) 751.000 livres e 467.000 retidos

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 30 de Abril de 1954

EQUADOR

Colheita e exportação: A colheita do Equador, em 1953/1954, como consequência das chuvas torrenciais e fora da estação, não foi boa como se esperava. As exportações de 1953 diminuiram de 11.06%, embora a perda em valor tenha sido apenas de 7.55%, em relação ao ano de 1952. Em 1953 foram exportados 302.501 sacas de 60 quilos, ao passo que em 1952 foram exportados 340.104 sacas. O valor das exportações de 1953 foi de 282.296.123 sucres. Como estão altos os preços do café não lavado, a quantidade do café lavado diminuiu mais ou menos de 30%.

(Compañia de Intercambio y Credito S. A. Guayaquil — Reprodução de G. G. Paton & Co. — 22 de Abril de 1954)

CUBA

Conferência Anual da FEDECAME: Segundo acôrdo adotado pela última Assembléia Geral Ordinária da Federación Cafetalera Centro América — México — El Caribe, realizada em Havana, a VII Assembléia e a VIII Conferência Técnica teria lugar em Port-au-Prince, Haiti, de 24 a 30 de Abril corrente.

A Associación Nacional de Caicultores de Cuba e o Instituto Cubano de Estabilización del Café seriam representados por umas vinte pessoas na Conferência.

(Circular sôbre Mercados — A. N. de C., Havana, 5 de Abril de 1954)

ESTADOS UNIDOS

Compras do Exército: A Intendência do Exército em Nova York solicitou cotações para 6.955 sacas de Café Santos, para entrega em Brooklyn de 1 a 15 de Junho. As ofertas deverão ser feitas até 29 de Abril, às 11 horas. A última compra feita pelas Fôrças Armadas se realizou em 25 de Março, quando foram pagos de 90.15c/ (preço líquido) a 91.94c/ por 6.396 sacas de café Santos, entrega em Brooklyn, de 88.95 a 93.28c/ por 14.818 sacas, entrega em Oakland, e de 92.16 a 94.05c/ por 5.508 sacas de cafés colombianos, entrega em Oakland — todos êsses lotes entregues entre 1 e 15 de Maio.

Incluindo-se a compra referida, de 29 de Abril, o total do café comprado êste ano pela Intendência do Exército até agora chega a 144.363 sacas, entrega nos Estados Unidos, ao passo que o total das compras para entrega de Janeiro a Junho de 1953 foi 193.286 sacas.

(G. G. Paton & Co., 14 de Abril de 1954)

A Armada dos EE. UU. e o café: "Ùnicamente as donas de casa nos Estados Unidos se preocupam com escassez de café", declara o Comandante da Esquadra dos Estados Unidos, Read W. Wynn. "O pessoal das fôrças armadas gosta do café e conta com o café, mas na nossa Armada, primeira linha de defesa do país, o café tem um papel muito mais importante. E' quase tão essencial como o combustível, o petróleo e os esplosivos. Não há dúvida de que o café da Armada é o que gosa de maior reputação em todo o mundo. Os capitães, quando transferidos de um navio para outro, lançam mão de todos os recursos para que os encarregados do preparo do café, conhecidos como peritos nesse preparo, também sejam transferidos para os mesmos navios."

As estatísticas mostram, com efeito, a importância que o café tem na Armada. Em média, o marinheiro consome 18.98 libras por ano, quando está em terra nos Estados Unidos, 26.28 libras, quando está em terra, fora dos Estados Unidos, e 32.49 libras quando está a bordo. A média do consumo anual per capita nos Estados Unidos é de 17 libras.

(The New York Times, 11 de Abril de 1954 — reproduzido pelo Boletim da Ass. Nac. do Café, em 16 de Abril)

Reação pública ante os preços: Foi publicado com grande destaque, no "Los Angeles Daily News", no dia 21 de Abril, um artigo com o seguinte título: "O café vai subir a $1.29. O público pode forçar a baixa dos preços!" Em outra parte do mesmo jornal, em artigo sôbre o mesmo assunto, a escri-

tora de temas esconômicos, Sylvia Porter, cujos artigos sindicalizados aparecem em inúmeros jornais, informa que conseguiu economizar café, fazendo uso do gênero solúvel e reduzindo, assim, as suas compras. Outra maneira, segundo essa escritora, para economizar o café, é usar estritamente a quantidade necessária que se pode consumir, evitando-se os desperdícios. Assim fazendo, conclui a articulista, as donas de casa poderão fazer com que baixem os preços do café.

(Supermarket News — 26 de Abril de 1954)

SUIÇA

Importação: A suiça importou em Março 46.906 sacas de café verde, sendo o total da importação do primeiro trimestre dêste ano de 117.322 sacas, ao passo que no período correspondente do ano passado a importação da Suiça foi apenas de 88.464 sacas, registrando-se, assim, no trimestre recém-terminado, um aumento de 33%.

(G. G. Paton & Co. — 14 de Abril de 1954)

NOTA: As opiniões expressas nos artigos que figuram nesta seção, bem como os demais dados que nos mesmos são citados, não representam necessàriamente a opinião do Bureau Pan-Americano do Café.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX — São Paulo, 15 de maio de 1954 — N.o 340

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	jul./março	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	3.ª dezena abril	Totais
	126 225	105	—		
Santos a Jundiaí	947 049	4 273	1 816	240	126 570
Sorocabana	2 194 869	7 376	2 564	5 592	958 730
Paulista	748 212	4 084	1 381	7 138	2 211 947
Mogiana	768 582	1 471	365	9 026	762 703
Araraquara	1 209 365	1 320	515	3 915	774 333
Noroeste do Brasil ..	708	—	—	7 366	1 218 566
Central do Brasil ...				—	708
Estrada de Rodagem .	3 600	—	—	—	3 600
Total	**5 998 610**	**18 629**	**6 641**	**33 277**	**6 057 157**
SAFRA 52/53 ...	**6 776 929**	**4 013**	**5 854**	**5 682**	**6 792 478**

NOTA: — Os despachos das EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	Totais
Julho/Março	34 567	71 571	—	—	106 138
1.ª dezena de abril ..	—	612	—	—	612
2.ª dezena de abril ..	—	572	—	—	572
3.ª dezena de abril ..	—	500	—	—	500
Total	34 567	73 255	—	—	107 822

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	jul./mar.	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	3.ª dezena abril	Totais
Paraná	581 224	4 384	500	* 101	586 209
Minas Gerais	497 177	2 289	* 850	* 3 382	503 698
Goiás	* 76 126	* 215	* —	* —	76 341
Mato Grosso	4 780	—	—	—	4 780
Espirito Santo	2 000		—	—	2 000
Total	**1 161 307**	**6 888**	**1 350**	**3 483**	**1 173 028**
SAFRA 52/53 ...	**755 187**	**2 948**	**1 750**	**1 318**	**761 203**

* Incompletos.

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1953/1954 ((ATÉ 30 DE ABRIL DE 1954)

Paulista	Despachado	Liberado	Cancelado Dest. Alt.	A liberar
Anteriores	4 646 399	4 645 838	561	—
3.ª dez. outubro	364 664	364 664	—	—
1.ª dez. novembro	175 273	173 543	—	1 730
2.ª dez. "	168 809	90 781	—	78 028
3.ª dez. "	138 091	—	—	138 091
1.ª dez. dezembro	99 248	—	—	99 248
2.ª dez. "	85 106	—	1 500	83 606
3.ª dez. "	68 829	—	131	68 698
1.ª dez. janeiro	18 647	—	—	18 647
2.ª dez. "	58 454	—	—	58 454
3.ª dez. "	38 519	—	—	38 519
1.ª dez. fevereiro	14 877	—	—	14 877
2.ª dez. "	17 833	—	—	17 833
3.ª dez. "	17 256	—	—	17 256
1.ª dez. março	16 360	—	—	16 360
2.ª dez. "	25 403	—	—	25 403
3.ª dez. "	34 323	—	—	34 323
1.ª dez. abril	18 629	—	—	18 629
2.ª dez. "	6 641	—	—	6 641
3.ª dez. "	33 277	—	—	33 277
Total	**6 046 638**	**5 274 826**	**2 192**	**769 620**
Despolpado	6 919	6 919	—	—
Rodoviário	3 600	1 716	1 277	607
Total Geral	**6 057 157**	**5 283 461**	**3 469**	**770 227**
Outros Estados (até 30 de abril de 1954)				
Paranàense	586 209	450 694	—	135 515
Mineiro	503 698	381 841	140	121 717
Goiano	76 341	62 264	—	14 077
Matogrossense	4 780	1 310	—	3 470
Espiritossantense	2 000	2 000	—	—
Total	**1 173 028**	**898 109**	**140**	**274 779**

Safra 50/51 — Por liberar dependendo de Ação Judicial .... 1 080 scs.
Safra 51/52 — Apreendido .... 1 000 scs.
Safra 52/53 — Apreendido .... 12 930 scs.
Trânsito Especial .... 409 scs.
Esta publicação retifica às anteriores.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1954

CONTINENTES:	*PAÍSES*	*SACAS*	*TOTAIS*
EUROPA:	Alemanha	3.187	
	Áustria	3.998	
	Bélgica	6.069	
	Dinamarca	5.181	
	Filândia	36.995	
	França	24.845	
	Grã-Bretanha	9.620	
	Grécia	5.371	
	Holanda	11.250	
	Itália	3.520	
	Iugoslávia	2.166	
	Polônia	1.666	
	Suécia	850	
	Tchecoslováquia	3.747	
	Trieste	1.350	119.815
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	11.600	11.600
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	43.595	
	Chile	3.951	
	Paraguai	100	
	Uruguai	700	48.346
ÁFRICA:	Marrocos Francês	125	
	U. S. Africana	4.493	4.618
ÁSIA:	Turquia	53.238	53.238
	Total p/ o exterior:		237.617
CABOTAGEM:	Sul	350	350
	Total geral:		237.967

Consumo de bordo — 59 sacas.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MARÇO DE 1954

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Março de 1954:				
Santos	727 117	288	45	727 450
Paranaguá	277 632	—	1 859	279 491
Rio de Janeiro	275 246	50	—	275 296
Vitória	68 838	12	(*) 25 155	94 005
Angra dos Reis	5 018	—	—	5 018
Recife	6 147	13	—	6 160
Salvador	15 458	—	2 450	17 908
Total	**1 375 456**	**363**	**29 509**	**1 405 328**
Janeiro	1 125 470	483	17 231	1 143 184
Fevereiro	944 393	348	17 150	961 891
Total de Janeiro a Março .	**3 445 319**	**1 194**	**63 890**	**3 510 403**

Nota: Cifras sujeitas a retificações.
(*) Incluindo 1 200 sacas embarcadas por E. de Ferro.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1954

Meses	Entradas	Embarques
1953 julho	208.515	165.281
agôsto	405.515	266.766
setembro	552.956	434.571
1.° trimestre:	**1.166.986**	**866.618**
outubro	578.822	459.664
novembro	457.865	428.942
dezembro	460.229	407.197
2.° trimestre:	**1.496.916**	**1.295.803**
1.° semestre:	**2.663.902**	**2.162.421**
1954 janeiro	286.716	327.177
fevereiro	263.998	146.736
março	247.433	275.246
3.° trimestre	**798.147**	**749.159**
abril	144.590	237.967

CAFÉ DISPONIVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1954	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 706 822	349 628	51 506	3 841	624 475	11 590	19 472	2 767 334
Fevereiro	1 822 948	556 127	75 174	6 504	634 493	4 906	20 953	3 121 105
Março	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
Março 1953 ..	1 713 441	165 797	10 019	4 880	654 834	211	14 516	2 563 698
" 1952 ..	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
" 1951 ..	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
" 1950 ..	1 826 289	625 632	68 832	28 820	165 181	36 704	29 598	2 781 056

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1954

VIAS	PROCEDÊNCIAS									
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraiba	
E.F.C. do Brasil.	1.998	3.537	400	660	—	—	—	—	—	6.595
E. F. Leopoldina	—	3.900	1.920	7.864	—	—	—	—	—	13.684
Regulador	—	—	—	3.434	—	—	—	—	—	3.434
Rodoviário	3.066	83.358	12.485	9.013	1.280	8.025	430	2.520	700	120.877
Totais:	**5.064**	**90.795**	**14.805**	**20.971**	**1.280**	**8.025**	**430**	**2.520**	**700**	**144.590**

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1954

Data	Europa	America do Norte	America do Sul	África	Ásia	Cabotagem	TOTAL
1	1.200	—	—	—	—	—	1.200
2	—	4.500	2.104	—	—	—	6.604
3	6.211	—	—	—	—	—	6.211
5	16.181	—	—	4.4[illegible]3	—	—	20.674
6	—	—	780	—	—	—	780
7	1.145	—	5.142	—	—	350	6.637
8	2.500	—	—	—	—	—	2.500
9	1.575	—	11.409	—	—	—	12.984
10	250	2.[illegible]00	—	—	44.407	—	47.157
12	18.355	—	1.480	—	4.665	—	24.500
13	4.522	—	922	—	—	—	5.444
14	12.039	—	—	—	—	—	12.039
19	7.214	1.100	7.694	—	—	—	16.008
20	2.000	—	—	—	—	—	2.000
22	12.737	—	—	125	—	—	12.862
23	1.738	—	2.489	—	—	—	4.227
24	19.100	2.000	—	—	—	—	21.100
26	51	—	2.700	—	—	—	2.751
27	532	—	556	—	—	—	1.088
28	625	—	—	—	—	—	625
29	—	—	13.821	—	—	—	13.821
30	11.089	1.500	—	—	4.166	—	16.755
TOTAL	119.064	11.600	49.097	4.618	53.238	350	237.967

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

ABRIL DE 1954

(Em cents por libra de 453,60 gr)

DIA	SANTOS	
	Tipo 2 extra mole	*Tipo 4 extra mole*
1	95 75	94 50
2	96 25	95 00
5	95 00	93 50
6	94 25	94 00
7	94 25	93 00
8	93 75	92 50
9	95 50	92 25
12	90 75	89 50
13	87 75	86 50
14	87 75	86 50
15	90 25	89 00
19	91 75	90 50
20	90 50	89 25
21	87 25	86 00
22	88 25	87 00
23	87 00	85 75
27	87 00	n/cot
28	88 00	”
29	87 25	”
30	88 75	”
Média	90 80	90 30

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

ABRIL DE 1954

	ENTRADAS										
Dia	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranàense	Matogrossense	E. Santo	Total	Liberado p/ E.F.S.J.	Liberado p/ E.F.S.	Liberado p/ Rodovia	Despacho
1	18 375	3 379	——	2 246	——	1 000	25 000	11 000	14 000	——	16 497
2	20 153	2 500	——	2 345	——	1 000	25 998	10 998	15 000	——	21 210
3	19 418	3 054	——	2 535	——	——	25 077	11 007	14 000	——	20 369
5	19 558	2 543	——	2 900	——	——	25 001	13 001	12 000	——	31 437
6	18 288	2 317	1 000	3 395	——	——	25 000	12 000	13 000	——	25 089
7	18 288	2 607	1 000	3 444	——	——	25 005	11 000	14 005	——	32 302
8	18 295	2 620	500	3 595	——	——	25 010	12 014	12 996	——	15 [illegible]
9	14 699	2 209	1 630	6 428	——	——	24 966	11 000	13 966	——	23 914
10	17 225	1 465	——	6 310	——	——	25 000	11 158	13 842	——	[illegible]
12	16 029	6 000	——	2 973	——	——	25 002	9 017	15 000	985	37 233
13	18 324	3 599	500	2 587	——	——	25 010	10 010	15 000	——	14 273
14	18 735	2 654	1 000	2 624	——	——	25 013	11 013	14 000	——	11 667
15	19 415	2 757	455	2 373	——	——	25 000	10 998	14 002	——	——
17	19 168	3 047	——	2 785	——	——	25 000	12 000	13 000	——	——
19	19 107	3 003	——	2 890	——	——	25 000	11 998	13 002	——	21 678
20	17 797	2 987	1 000	3 218	——	——	25 002	11 000	14 002	——	14 385
22	17 516	3 016	2 200	2 295	——	——	25 027	9 000	16 027	——	30 661
23	18 503	2 801	1 400	2 300	——	——	25 004	9 994	15 010	——	15 266
24	18 619	2 673	833	2 398	500	——	25 023	11 501	13 522	——	5 931
26	20 516	2 489	300	1 190	510	——	25 005	10 000	15 005	——	37 132
27	19 962	3 002	550	1 494	——	——	25 008	9 500	15 508	——	14 177
28	16 607	2 936	1 020	4 457	——	——	25 020	11 020	14 000	——	5 495
29	18 707	2 803	400	3 300	——	——	25 210	10 000	15 000	210	13 977
30	19 472	3 399	——	2 165	——	——	25 036	9 604	14 513	919	28 271
Total ..	**442 442**	**69 860**	**13 788**	**72 247**	**1 010**	**2 000**	**601 347**	**259 833**	**339 400**	**2 114**	**456 020**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

ABRIL DE 1954

ENTRADAS								EMBARQUES					
Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiaz	Paraná	Pernambuco	Paraíba	Total	Exterior	Cagotagem	Total	Retirado do merc.	Consumo local	Existência
—	1 978	—	—	—	—	—	13 078	1 200	—	1 200	50	—	370 112
250	250	—	—	—	—	—	13 381	6 604	—	6 604	—	—	376 889
—	—	—	—	—	—	—	—	6 211	—	6 211	—	—	370 678
1 460	—	—	—	—	—	—	11 529	20 674	—	20 674	—	—	361 533
1 200	2 787	—	—	—	—	—	5 885	780	—	780	—	—	366 638
838	798	1 780	—	—	—	—	10 181	6 287	350	6 637	—	—	370 182
5 142	—	—	—	—	—	—	7 753	2 500	—	2 500	—	—	375 435
—	3 511	—	—	—	—	—	10 079	12 984	—	12 984	—	—	372 530
—	—	—	—	—	—	—	—	47 157	—	47 157	—	—	325 373
—	—	—	—	—	—	—	7 591	24 500	—	24 500	—	—	308 464
250	2 300	—	—	—	—	—	6 060	5 444	—	5 444	—	—	309 080
—	1 613	3 000	—	—	—	—	7 447	12 039	—	12 039	—	20 000	284 488
—	750	595	430	510	—	—	2 285	16 008	—	16 008	—	—	270 765
—	—	—	—	—	1 050	500	4 955	2 000	—	2 000	—	—	273 720
220	2 699	—	—	—	—	—	5 459	12 862	—	12 862	—	—	266 317
795	—	—	—	—	—	—	6 506	4 227	—	4 227	—	—	268 596
—	—	—	—	—	—	—	—	21 100	—	21 100	—	—	247 496
400	585	1 250	—	770	1 470	200	5 515	2 751	—	2 751	—	—	250 260
2 610	—	—	—	—	—	—	8 632	1 088	—	1 088	—	—	257 804
—	1 807	1 400	—	—	—	—	7 792	625	—	625	—	—	264 971
1 640	—	—	—	—	—	—	7 119	13 821	—	13 821	—	—	258 269
—	1 893	—	—	—	—	—	3 343	16 755	—	16 755	59	20 000	224 798
14 805	20 971	8 025	430	1 280	2 520	700	144 590	237 617	350	237 967	109	40 000	—

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

ABRIL DE 1954

(Em Cr$. por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	*Estilo Santos Riado Tipo 4*	*Sem descrição Tipo 4*	*Tipo 7*	*Tipo 7*
1	472 00	447 50	411 50	362 00	269 70
2	475 00	451 00	414 00	372 00	270 70
5	470 00	446 50	410 50	372 00	272 70
6	470 50	447 50	411 50	365 00	271 40
7	467 50	444 50	408 50	365 00	271 50
8	465 00	441 50	405 50	360 00	267 00
9	463 50	440 00	402 50	360 00	273 00
12	461 50	438 50	399 00	360 00	289 30
13	455 00	431 50	393 50	350 00	285 70
14	nominal	nominal	nominal	340 00	280 00
19	455 00	431 50	393 50	340 00	281 80
20	455 00	437 50	393 50	345 00	285 00
22	441 00	416 50	376 50	335 00	279 40
23	432 00	409 00	370 50	330 00	270 00
26	431 00	406 50	370 00	330 00	—
27	431 00	406 50	371 50	335 00	264 80
28	436 50	411 50	376 50	340 00	273 10
29	436 00	413 00	375 00	345 00	274 70
30	438 50	415 00	378 50	350 00	275 80
Média	453 11	429 79	392 33	350 32	255 56

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Abril de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	1	7	14	21	28	Média
COLÔMBIA						
Medelin Excelsior	(2) 94 1/4	(2) 96 1/4	(2) 86 00	(2) 91 00	(2) 90 1/4	91 9/16
Armenia	(2) 94 1/4	(2) 96 1/4	(2) 86 00	(2) 91 00	(2) 90 1/4	91 9/16
Manizales	(2) 94 1/4	(2) 96 1/4	(2) 86 00	(2) 91 00	(2) 90 1/4	91 9/16
Cucutá	(2) 94 1/2	(2) 96 00	(2) 85 3/4	(2) 90 00	(2) 90 00	91 1/4
Bogotá	(2) 94 1/2	(2) 96 00	(2) 85 3/4	(2) 90 00	(2) 90 00	91 1/4
Tolima	(2) 94 1/2	(2) 96 00	(2) 85 3/4	(2) 90 00	(2) 90 00	91 1/4
Ocana	(2) 94 1/2	(2) 96 00	(2) 85 3/4	(2) 90 00	(2) 90 00	91 1/4
COSTA RICA						
Hard	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Atlantic	”	”	”	”	”	—
CUBA						
Lavado bom	”	”	”	”	”	—
Lavado Regular	”	”	”	”	”	—
EQUADOR						
Lavado	”	”	”	(6) 87 00	(6) 87 00	87 00
Extra não lavado	(2) 84 00	(2) 96 00	(6) 78 00	(6) 83 00	n/cot.	85 1/4
GUATEMALA						
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Extra primeira	”	”	”	”	”	—
Lavado bom	”	”	”	”	”	—
Bourbon	”	”	”	”	”	—
HAITI						
Lavado bom móle	(6) 91 00	(6) 94 00	(6) 84 00	(6) 89 00	(6) 89 00	89 1/2
Catado à mão	(6) 87 00	(6) 91 00	(6) 82 1/2	(6) 88 00	(6) 87 00	87 7/64
HONDURAS						
Lavado bom	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Tipo 5 - Comum duro	”	”	”	”	”	—
JAMAICA						
Lavado	”	”	”	”	”	—
Comum bom	”	”	”	”	”	—
MÉXICO						
Coatepec	n/cot.	(2) 96 00	(6) 84 3/4	(6) 89 1/2	(6) 89 00	89 13/16
Tapachula primeira	”	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Maragogipe	”	”	”	”	”	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Abril de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	1	7	14	21	28	Média
NICARAGUA						
Matagalpa	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—
EL SALVADOR						
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—
Não lavado	"	"	"	"	"	—
S. DOMINGOS						
Lavado bom mole Fino	(6) 91 00	(2) 94 00	(6) 84 00	(6) 87 00	(6) 87 00	88 19/32
VENEZUELA						—
Maracaibo	(6) 93 00	(2) 95 00	(6) 85 00	(6) 88 1/2	(6) 89 00	90 7/64
Trujillo	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
CONGO BELGA						
Lavado robusta	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Natural robusta	"	(2) 75 00	(6) 70 00	"	"	72 1/2
KENYA						
Lavado A	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado R	"	"	"	"	"	—
MOÓCA						
Moóca (Arabia)	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
N. E. I.						
Genuino Java Lavado	(6) 95 00	(2) 97 00	"	"	"	96 00
Lavado robusta	n/cot.	n/cot.	"	"	"	—
TANGANYIKA						
Lavado A	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
UGANDA						
Lavado	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—

INDICAÇÕES: 1) C. & F.
2) Desembarcado à vista líquido.
3) Disponível
6) Nominal.
5) F.O.B. País de Procedência.
4) F.O.B. (Nova York)

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453.60 gr.) — Abril de 1954

CONTRATO "S"

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	94 50	94 50	94 50	94 50	93 75	93 75	93 20	93 20	92 80	92 80
2	96 00	94 05	96 35	94 35	95 60	93 60	95 20	93 20	94 75	92 75
5	92 30	93 50	92 35	93 70	91 60	92 95	91 33	92 45	91 09	92 00
6	94 65	92 95	95 25	93 25	94 51	92 51	94 35	92 35	93 95	91 95
7	92 55	92 40	92 75	92 65	92 00	91 80	91 95	91 40	91 75	90 76
8	90 80	92 10	91 60	92 30	90 50	91 67	90 61	91 00	89 50	90 40
9	91 85	91 10	92 20	91 25	91 70	90 70	91 25	90 05	90 55	89 45
12	89 10	89 10	90 00	89 25	88 70	88 70	89 00	88 05	87 90	87 45
13	87 10	87 10	87 25	86 25	86 70	86 70	86 05	86 05	85 45	85 45
14	85 10	89 10	85 25	89 25	84 70	88 70	84 05	88 05	83 45	87 45
15	89 10	89 10	89 25	89 25	88 70	88 70	88 05	88 05	87 45	87 45
19	n/cot	90 39	90 60	90 60	90 05	89 95	89 10	89 40	88 50	88 69
20	90 00	88 39	88 80	88 60	88 15	87 95	87 50	87 40	87 00	86 69
21	86 75	86 39	86 85	86 60	86 10	85 95	85 40	85 40	84 69	84 69
22	84 95	85 50	86 20	85 70	85 05	85 00	84 85	84 60	83 91	83 70
23	84 60	84 65	84 75	85 60	84 60	84 55	84 10	84 50	83 60	83 69
26	85 70	86 65	86 60	87 40	85 60	86 55	85 50	86 50	84 80	85 69
27	88 65	88 65	89 40	89 40	88 55	88 55	88 50	88 50	87 69	87 69
28	89 10	88 00	89 75	88 00	88 75	87 25	88 80	87 05	88 00	86 25
29	86 00	87 30	86 71	87 25	86 75	86 50	86 50	86 25	85 55	85 50
30	87 00	88 20	86 90	88 00	86 50	87 35	86 25	87 00	85 55	86 25
Média ...	89 29	89 48	89 68	89 67	88 98	89 02	88 64	85 59	88 00	87 94

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — Mercado Livre — Compras à Vista — Abril de 1954

Dia	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,86 11	3,55 13	—
2	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,87 52	3,55 13	4,84 89
3	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	—
6	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
7	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,91 78	3,55 13	—
8	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
9	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
10	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1. .1 61	5,90 35	3,55 13	—
12	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
14	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
20	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
22	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13	—
26	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13	—
27	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,89 41	3,55 13	—
28	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,89 41	3,55 13	—
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,24 93**	**0,63 28**	**1,31 60**	**5,89 10**	**3,55 13**	**4,84 89**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — Mercado Livre — Vendas à Vista — Abril de 1954

Dia	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	52,69 60	18,82 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,09 55	3,64 02	—
2	52,69 60	18,82 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,11 04	3,64 02	4,97 04
3	52,69 60	18,82 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	—
5	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	—
6	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
7	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,15 54	3,64 02	—
8	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
9	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
10	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
12	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
13	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
14	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
19	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
20	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
22	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 03	3,64 02	—
23	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,14 02	3,64 02	—
24	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02	—
26	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02	—
27	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,13 03	3,64 02	—
28	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	—
29	52,69 60	18,82 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	—
30	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,13 03	3,64 02	—
Média	**52,69 60**	**18,80 18**	**4,42 25**	**0,65 07**	**1,35 20**	**6,12 67**	**3,64 02**	**4,97 04**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO OFICIAL, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de MARÇO de 1954

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	França	Bélgica
3	166,0000	—	58,0689	19,7000	14,1500	—	—	—	2,1439	—	—
4	162,4901	—	60,8162	—	14,3000	—	—	—	2,1404	—	—
5	164,6175	—	60,9631	—	14,4082	9,3000	—	—	2,1344	1,2000	—
6	167,1276	62,7900	60,7983	—	14,3108	—	—	1,5500	2,1424	—	—
8	166,7138	—	64,1505	—	14,3100	—	—	—	2,1507	1,1300	—
9	167,4522	—	61,3112	20,2281	14,3680	10,0000	7,0000	1,5500	2,1593	1,2000	—
10	167,3863	63,6000	60,6012	—	14,2510	—	—	—	2,1035	—	—
11	166,5030	—	60,7045	19,9700	14,2707	9,9154	—	1,5500	2,1471	—	—
12	168,0000	—	60,6987	—	14,2400	9,8000	—	1,5500	2,1522	1,2000	0,1250
13	167,3135	—	60,3526	20,0000	14,1308	9,6500	—	1,5500	2,1468	1,1500	—
15	167,1610	—	60,4268	—	14,1000	9,5036	—	—	2,1500	—	—
16	166,4221	62,5000	59,8956	—	14,2000	—	6,6000	1,5500	2,1293	—	—
17	166,1277	—	59,5789	—	14,2000	9,8000	—	1,5000	2,1181	—	0,1750
18	165,8041	—	59,2129	19,4500	14,1000	9,6818	6,6000	1,5000	2,0911	1,1000	—
19	165,5894	—	58,8827	19,2800	—	9,3454	6,6050	1,5000	2,1059	1,1000	—
20	165,0000	—	58,1390	19,3000	13,7500	9,4928	—	—	2,0961	—	—
22	—	—	57,6711	—	—	9,8000	—	—	2,0454	—	—
23	164,7842	—	56,6359	—	13,5521	9,4741	—	1,4500	2,0310	1,1500	—
24	155,4709	58,0000	56,5209	—	13,1900	9,8000	6,6496	1,4500	2,0406	1,0752	0,1150
25	163,4819	—	58,7318	19,5000	13,8933	—	6,4052	1,5000	2,0158	1,1093	—
26	163,6944	—	58,3827	—	13,6500	—	6,2000	1,5000	2,0739	1,1022	—
27	163,9179	—	58,4784	19,1800	13,7800	9,3000	—	1,5000	2,0591	—	—
29	164,0000	—	58,6184	—	—	—	—	—	2,0792	—	—
30	163,5337	—	58,3114	—	—	9,8000	6,7086	1,5000	2,0616	1,1000	—
31	163,7967	—	58,7169	19,4000	13,7300	8,7825	—	1,5000	2,0639	—	—
Média ..	165,0995	61,7225	59,3467	19,6008	14,0421	9,5903	6,5960	1,5125	2,0996	1,1347	0,1383

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de MARÇO de 1954

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Suíça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	França
3	—	18,82	—	—	—	—	—	—	—	0,3799	0,0538
4	52,6960	18,82	—	4,4210	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
5	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,6607	0,3799	0,0538
6	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
8	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
9	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
10	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	—	4,4192	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	18,82	—	4,4082	3,6402	2,7499	—	—	0,6607	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	—	4,4182	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
15	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	—	—
16	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
17	52,6960	18,82	6,1704	4,4230	3,6402	2,7499	—	—	0,6607	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
19	52,6960	18,82	—	4,4211	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	1,6941	—	—	0,3799	0,0538
22	—	18,82	—	4,4128	—	2,7499	—	—	—	—	0,0538
23	52,6960	18,82	—	4,4211	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
24	—	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
25	52,6960	18,82	—	4,4220	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
26	52,6960	18,82	—	4,4211	3,6402	2,7499	1,7096	1,3520	0,6607	—	—
27	—	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	—	—	0,0538
29	52,6960	18,82	—	4,4220	—	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
31	52,6960	18,82	—	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	—	0,3799	0,0538
Média ..	52,6960	18,82	6,1704	4,4159	3,6402	2,7499	1,7018	1,3520	0,6607	0,3799	0,0538

CAMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de *Câmbio Livre*, afixadas pela Bolsa Oficial de Valôres, durante o mês de ABRIL de 1954

DIAS	*Inglaterra*	*Canadá*	*Est. Unidos*	*Uruguai*	*Suiça*	*Suécia*	*Dinamarca*	*Portugal*	*Espanha*	*Bélgica*	*França*
1	163,7064	59,0000	58,4173	—	13,6860	9,4318	—	2,0605	1,5000	—	—
2	164,4092	—	57,9583	19,0000	13,6006	8,0000	—	2,0359	1,5000	1,0800	—
3	161,1024	—	57,4084	—	—	—	—	2,0549	—	—	—
5	162,2071	—	56,5059	—	—	9,3000	6,5000	2,0385	—	1,0823	0,1180
6	157,9611	—	56,5697	19,1000	13,5000	—	6,8000	2,0500	1,4500	—	—
7	159,1766	59,0000	56,7021	—	13,2612	—	6,3000	2,0294	1,4500	1,1200	—
8	159,5714	—	56,2825	—	13,1800	9,5000	6,0000	2,0370	1,4500	1,0800	—
9	157,9248	57,2565	56,1310	—	13,2013	—	6,4662	1,9928	1,4500	—	—
10	156,9280	—	55,8896	18,1424	13,1511	9,5000	6,7001	—	—	—	—
12	158,0000	—	55,7513	—	—	9,9000	—	1,9960	—	—	—
13	155,4361	58,0000	55,0886	—	13,4000	9,6000	6,7000	1,9718	—	1,0800	—
14	156,9874	—	55,2122	—	12,9202	9,5000	—	1,9547	1,4000	—	—
19	157,2506	—	56,0011	18,2000	13,2000	—	6,9000	1,9618	—	1,1200	—
20	157,6262	—	55,6762	—	13,0223	—	6,7717	1,9641	1,4500	—	—
22	153,4828	57,0000	54,9852	—	13,0700	8,0300	—	1,9588	1,4000	1,0600	—
23	149,4723	—	53,1277	17,2200	12,5699	9,8000	6,9000	1,9097	1,3523	—	—
24	148,7084	—	50,3436	—	12,2019	9,1903	—	1,8713	—	0,9500	—
26	145,1698	—	51,5814	—	—	—	—	1,8154	1,3500	1,0300	—
27	145,4093	52,2000	51,2424	16,6000	12,0410	8,3500	6,0777	1,7993	1,3500	1,0385	—
28	147,4816	54,0000	51,9040	17,4000	12,4740	8,2357	6,2000	1,8345	—	1,0197	—
29	147,7258	—	53,1087	—	12,3957	8,0035	—	1,9596	1,3745	1,0906	—
30	149,3289	—	52,9699	17,6000	12,3001	8,7862	6,2000	1,8971	—	—	—
Média	155,2302	56,6366	54,9480	17,9078	12,9541	9,0085	6,5012	1,9612	1,4212	1,0625	0,1180

CAMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Oficial, afixadas pela Bolsa Oficial de Valôres, durante o mês de ABRIL de 1954

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
1	52,6960	18,82	4,4220	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
2	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
3	52,6960	18,82	4,4220	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
5	52,6960	18,82	4,4220	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
6	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
7	—	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
8	—	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
9	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
10	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	—	—	—	—	—	—	0,0538
13	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
14	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
19	52,6960	18,82	4,4043	—	2,7499	—	—	0,0538
20	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
22	52,6960	18,82	4,4043	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
23	52,6960	18,82	4,4230	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
24	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
26	52,6960	18,82	—	3,6402	—	—	—	0,0538
27	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
29	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
30	52,6960	18,82	4,4250	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
Média	52,6960	18,82	4,4109	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538

FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE MARÇO DE 1954, DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	8.220.812,50		
Patrimonial	9.543.018,30		
Industrial	9.950,00	17.773.780,80	
Extraordinária			
Diversos		4.264.073,60	22.037.854,40
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber ...			4.59[illegible].145,30
			17.447.709,10
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		153.637,10	
Diversos		68.000.889,20	68.15[illegible].526,30
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		348.940,90	
Em Bancos		22.358.013,80	22.70[illegible].954,70
			108.309.190,10

DESPESA

	Cr$	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Encargos Diversos	20.555,70		
Administração	2.810.954,30	2.8[illegible]1.510,00	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Administração		2[illegible]3.704,10	3.065.214,10
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Pagar			485.241,00
			2.579.973,10
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1952		1.3[illegible]7.908,20	
Restos a Pagar — 1953		6.9[illegible]2.641,10	
Diversos		54.1[illegible]0.370,00	62.520.919,30
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		6[illegible]6.949,30	
Em Bancos		42.5[illegible]1.348,40	43.208.297,70
			108.309.190,10

Departamento de Contabilidade, 31 de março de 1954

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C.R.C. — Sp. n. 5159

Visto
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente Substituto

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

(Valor das diversas moédas em dólar) — Abril de 1954

DIA	*Londres* £	*Montreal* $	*R. Janeiro* cr$	*B. Aires* peso	*Montevidéo* peso	*Paris* franco	*Berna* franco	*Stockolmo* coròa	*Madrid* peseta	*Lisbôa* escudo	*Bélgica* franco	*Amsterdan* guilder	*Brasil* *cr.$ oficial*
1	2,81 11/16	1,02 5/16	0,01 77	0,07 25	0,32 43	0,0028 9/16	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 43	0,05 50
2	2,81 13/16	1,02 1/8	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
5	2,81 13/16	1,02 1/8	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
6	2,81 7/8	1,02 1/16	0,01 81	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
7	2,81 7/8	1,02 1/8	0,01 82	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
8	2,81 7/8	1,02 3/16	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
9	2,81 7/8	1,02 5/32	0,01 84	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
12	2,81 7/8	1,02 00	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
13	2,81 7/8	1,01 29/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
14	2,81 15/16	1,01 31/32	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
15	2,81 7/8	1,02 00	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
19	2,81 7/8	1,01 7/8	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
20	2,81 15/16	1,01 13/16	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
21	2,81 15/16	1,01 17/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
22	2,81 15/16	1,01 1/2	0,01 91	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
23	2,81 15/16	1,01 11/32	0,02 00	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
26	2,81 15/16	1,01 7/16	0,02 04	0,07 25	0,32 60	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
27	2,81 7/8	1,01 7/16	0,01 96	0,07 25	0,32 75	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 1/2	0,26 43	0,05 50
28	2,81 7/8	1,01 13/32	0,01 92	0,07 25	0,32 40	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
29	2,82 00	1,01 7/8	0,01 92	0,07 25	0,32 40	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
30	2,82 00	1,01 7/16	0,01 94	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
Média ...	2,81 57/64	1,01 27/32	0,01 88	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 59/64	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 59/64	0,26 43	0,05 50

FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE ABRIL DE 1954, DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	10.659.394,60		
Patrimonial	10.031.734,20		
Industrial	12.250,00	20.703.378,80	
Extraordinária			
Diversos		5.007.355,20	25.710.734,00
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber ...			3.829.681,30
			21.881.052,70
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		199.014,60	90.690.029,50
Diversos		90.491.014,90	
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		348.940,90	
Em Bancos		22.358.013,80	22.706.954,70
			135.278.036,90

DESPESA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	27.661.50	
Administração	3.112.768,30	3.140.429
CRÉDITOS ESPECIAIS		
Administração		618.114,
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952		1.377.025,
Restos a Pagar — 1953		8.970.897,
Diversos		54.434.770,
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa		159.540,
Em Bancos		67.020.707,

Departamento de Contabilidade, 30 de abril de 1954.

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C.R.C. — Sp. n. 5159

Visto
MILTON DE AZEVE
Gerente Sub

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

(Valor das diversas moédas em dólar) — Abril de 1954

DIA	*Londres* £	*Montreal* $	*R. Janeiro* cr$	*B. Aires* peso	*Montevidéo* peso	*Paris* franco	*Berna* franco	*Stockolmo* corôa	*Madrid* peseta	*Lisbôa* escudo	*Bélgica* franco	*Amsterdan* guilder	*Brasil* *cr.$ oficial*
1	2,81 11/16	1,02 5/16	0,01 77	0,07 25	0,32 43	0,0028 9/16	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 43	0,05 50
2	2,81 13/16	1,02 1/8	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
5	2,81 13/16	1,02 1/8	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
6	2,81 7/8	1,02 1/16	0,01 81	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
7	2,81 7/8	1,02 1/8	0,01 82	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
8	2,81 7/8	1,02 3/16	0,01 83	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
9	2,81 7/8	1,02 5/32	0,01 84	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 43	0,05 50
12	2,81 7/8	1,02 00	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
13	2,81 7/8	1,01 29/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
14	2,81 15/16	1,01 31/32	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
15	2,81 7/8	1,02 00	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
19	2,81 7/8	1,01 7/8	0,01 85	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
20	2,81 15/16	1,01 13/16	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
21	2,81 15/16	1,01 17/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
22	2,81 15/16	1,01 1/2	0,01 91	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
23	2,81 15/16	1,01 11/32	0,02 00	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
26	2,81 15/16	1,01 7/16	0,02 04	0,07 25	0,32 60	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
27	2,81 7/8	1,01 7/16	0,01 96	0,07 25	0,32 75	0,0028 5/8	0,25 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 1/2	0,26 43	0,05 50
28	2,81 7/8	1,01 13/32	0,01 92	0,07 25	0,32 40	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 86	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
29	2,82 00	1,01 7/8	0,01 92	0,07 25	0,32 40	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 43	0,05 50
30	2,82 00	1,01 7/16	0,01 94	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 43	0,05 50
Média ...	2,81 57/64	1,01 27/32	0,01 88	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 59/64	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 59/64	0,26 43	0,05 50

FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE ABRIL DE 1954, DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

R E C E I T A

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	10.659.394,60		
Patrimonial	10.031.734,20		
Industrial	12.250,00	20.703.378,80	
Extraordinária			
Diversos		5.007.355,20	25.710.734,00
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber.....			3.829.681,30
			21.881.052,70
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		199.014,60	90.690.029,50
Diversos		90.491.014,90	
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		348.040,90	
Em Bancos		22.358.913,80	22.706.954,70
			135.278.036,90

D E S P E S A

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	27.661.50	
Administração	3.112.768,30	3.140.429,8
CRÉDITOS ESPECIAIS		
Administração		618.114,4
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952		1.377.025,6
Restos a Pagar — 1953		8.970.897,0
Diversos		54.434.770,0
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa		159.540,0
Em Bancos		67.020.707,0

Departamento de Contabilidade, 30 de abril de 1954.

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C.R.C. — Sp. n. 5159

Visto
MILTON DE AZEVED
Gerente Subs

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

Valor das diversas moedas em dolar — Fevereiro de 1954

.ondres £	Montreal $	R. Janeiro cr$	B. Aires peso	Montevideo peso	Paris franco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil cr$ Oficial
1 3/16	1,03 1/32	0,01 86	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 1/16	0,01 86	0,07 25	0,32 62	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 7/32	0,01 85	0,07 25	0,31 62	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 7/32	0,01 85	0,07 25	0,31 12	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 7/16	0,01 85	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 13/32	0,01 85	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 42	0,05 50
1 1/4	1,03 9/16	0,01 85	0,07 25	0,31 15	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 5/16	1,03 9/16	0,01 85	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 1/2	1,03 2/32	0,01 81	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 5/8	0,01 75	0,07 25	0,29 75	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 5/8	0,01 73	0,07 25	0,30 20	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 5/8	0,01 75	0,07 25	0,29 75	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 9/16	0,01 73	0,07 25	0,31,25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 9/16	0,01 73	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 1/2	1,03 21/32	0,01 73	0,07 25	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 3/4	0,01 71	0,07 25	0,32 75	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 43	0,05 50
1 7/16	1,03 3/4	0,01 68	0,07 25	0,32 75	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 43	0,05 50
1 1/2	1,03 23/32	0,01 67	0,07 25	0,33 00	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 43	0,05 50
1 27/64	**1,03 1/2**	**0,01 78**	**0,07 25**	**0,31 59**	**0,0028 5/8**	**0,23 32 11/64**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0200 37/64**	**0,26 43**	**0,05 50**

INDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

Periódicos recebidos de Abril a Maio de 1954

AD-AGRUM, Santa Maria, 199, jan., 1954
AGRONOMIA ANGOLANA. Luanda, 8, 1953.
ANALES. Madrid, Inst. Nac. Investigaciones Agronomicas, 4-1, dez., jan,. 1953-54
BIOLÓGICO (O). S. Paulo, 2, fev.. 1954
BOLETIM DA A. P. A. C.. Curitiba, Associação Paranaense de Cafeicultores, 6-7, 1954
BOLETIM SEMANAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS, 39, abr., 1954.
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO IND. DE ANGOLA. Luanda, 18, out.-dez., 1953.
BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DO CAFÉ. Paraná, jan.-fev., 1954.
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. Manáus, 148, nov., 1953.
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS, 307-312, abr.-maio, 1954
BOLETIM MENSAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E IND. DE BLUMENAU. Santa Catarina, 54, - março. 1954.
BOLETIM ESTATÍSTICO DO INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ. Rio de Janeiro, 14, fev., 1954.
BOLETIM DA BIBLIOTECA DO I.A.L. Cruz das Almas. Bahia, 8, 1954.
BOLETIM BENELUX. Holanda, 1, jan.-fev., 1954
BOLETIM DE LA CAMARA DE COMERCIO E INDUSTRIAS DE TEGUCIGALPA Honduras, 86, jan., 1954.
BOLETIN DEL INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIONES AGRONOMICAS. Madrid, 29, dez., 953
BOLETIN INFORMATIVO. Chinchina (Colombia), 49, jan., 1954.
BOLETIN DEL CENTRO DE DOCUMENTACION CIENTIFICA Y TECNICA. Mexico, 3, mar., 1954.
BOLETIN BIBLIOGRAFICO AGRICOLA. Madrid. 25, jul.-set., 1953.
BOLETIN AGRICOLA. Medellin (Colombia), 403, nov. 1953.
BOLETIN AGRICOLA. Medellin (Colombia), Sociedad Antioqueña de Agricultores, 404, dez., 1953.
BOLETIN ESTADISTICO DEL BANCO DE GUATEMALA. Guatemala (C.A.), 1, jan. 1954.
BOLSA OFICIAL DE VALORES DE S. PAULO, 76, abr. 1954.
BRASIL RURAL. S. Paulo, 140, março. 1954.
BRASIL AÇUCAREIRO. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool, 1, jan., 954
BULLETIN ECONOMIQUE DU BRÈSIL. Bélgica, 2, mar., 1954.
CENTRE DE RECHERCHES AGRONOMIQUES DE BINGERVILLE. África Ocidental Francesa, 8, 2.o semestre, 1953.
CERES. Viçosa (Minas Gerais), 51, jan., fev., 1954.
COFFEE & TEA INDUSTRIES. New York. U. S. A., 2, 3, 4, fev.-abr., 1954
CHAMBRE DE COMMERCE SUISSE-BRÉSILIENNE. Lausanne. Suisse, 47, março, 954.
COMÉRCIO INTERNACIONAL. Rio de Janeiro, Boletim Mensal do Banco do Brasil, 6, jan., 1954.
COMERCIO. Madrid. 49, março, 954.
COMERCIO ECUATORIANO. Quito, 81, out.-dez., 1953.
CONJUNTURA ECONÔMICA. D. Federal, 4, abril, 1954
DIRECCION GENERAL DE ESTADISTICA. Cuba. Ministerio de Hacienda, jan. 1954.
EL CAFE DE EL SALVADOR. San Salvador (C. A.), 254-63, jan.-out., 1953.
EL AGRICULTOR VENEZOLANO. Caracas, 165, nov.-dez., 1953.
ECONOMIA E FINANÇAS. S. Paulo, 3, março. 1954.
ESTUDIO BOTANICO DE LAS ARVEJAS ESPAÑOLAS. Ministerio de Agricultura. Madrid, 1953.
FEDERAL RESERVE BULLETIN. Washington (U. S. A.), março, 1954.
FEDERACION NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA. Chinchina (Colombia), 10, 1953.
GAZETA DO AGRICULTOR. Moçambique, 57, fev. 1954.
INFORME SEMANAL DE CAFE. Guatemala, Banco de Guatemala, 14-17, jan., 1954
LAMATEPEC. El Salvador (C.A.), 232, 233, jan.-fev., 1954.
L'AGRONOMIE TROPICALE. Paris, 1, jan.-fev., 1954.
MEMORIA ANUAL. Buenos Aires. Banco Central da Rep. Argentina, 1952-1953.
MENSAGEM ECONÔMICA. Minas Gerais. 15-16, marã-abr., 1954
MERCADO DO CAFÉ. Bureau Pan-Americano do Café. New York, 875 a 880, abril-maio, 1954.
MES ECONOMICO Y FINANCIERO (EL). Guatemala (C.A.), 11, dez., 1953.
NATIONAL CITY BANK OF NEW YORK (THE). New York, mar., 1954.
NOTAS SÔBRE A CULTURA DO CAFÉ EM S. PAULO. (Rui Monte Soares), Fortaleza. Ceará. 1953.
BULLETIN OFFICE DU BRÈSIL. Paris, fev.-mar., 1954
BRAGANTIA. Campinas, Inst. Agronômico, 7-12, jul.-dez., 1952.

GRÁFICA SÃO JOSÉ — Rua Galvão Bueno, 230 — Telefone: 36-4312 — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL